

# A DEFESA NACIONAL

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

DIRECTOR-PRESIDENTE:  
Tristão de Alencar Araripe

SECRETARIO:  
Lima Figueirêdo

GERENTE:  
João Baptista de Mattos

ANNO XXII | Brasil — Rio de Janeiro, Maio de 1935 | N.º 252

## SUMMARIO

### LITERATURA, HISTORIA, GEOGRAPHIA, SCIENCIA

Pags.

A guerra e sua preparação moral — <i>Ten. Cel. João Pereira</i> .....	454
Resumo historico da formação geographica do Brasil — <i>Cap. Lima Figueiredo</i> .....	464
Os imponderaveis da guerra — <i>Cap. Alcindo Nunes Pereira</i> .....	470

### SECÇÃO DE INFANTARIA

Lendo a "Revista de Infantaria" — <i>Cap. Coelho dos Reis</i> .....	474
Indicações para a redacção do plano de organização do terreno no R. I. e ordem de execução no Batalhão — <i>Cap. J. B. Mattos</i>	478

### SECÇÃO DE CAVALLARIA

A ser aproveitado num programma de D. G. — <i>Cap. Dantas Pimentel</i> .....	492
A evolução da cavallaria — traducção do <i>Cap. F. D. Ferreira Portugal</i> .....	494

### SECÇÃO DE ARTILHARIA

O novo regulamento de manobra da artilharia allemã — traducção do <i>Cap. Heitor Borges Fortes</i> .....	508
--	-----

## SECÇÃO DE ARTILHARIA DE COSTA

O curso de aperfeiçoamento para sargentos — <i>Cap. Altamiro da Fonseca Braga</i> .....	514
Algumas considerações sobre "treinamento" do pessoal — <i>1.º ten. Léo Borges Fortes</i> .....	518
Pela costa.....	521
Determinações de distâncias.....	521
Officina de precisão do C. I. A. C. ....	522

## SECÇÃO DE ENGENHARIA

A reorganização da arma de Engenharia.....	524
Das férias — Sugestões.....	528

## ESTUDOS SOCIAES — PEDAGOGIA

Orientação Político-Social — <i>Cap. A. F. Correia Lima</i> .....	530
Os tests e o Exército — <i>Cap. João Ribeiro Pinheiro</i> .....	536

## SECÇÃO DE INTENDENCIA

Administração dos corpos de tropa e estabelecimentos militares — <i>1.º ten. Ruy de Belmont Vaz</i> .....	540
---	-----

## SECÇÃO DE EDUCAÇÃO PHYSICA

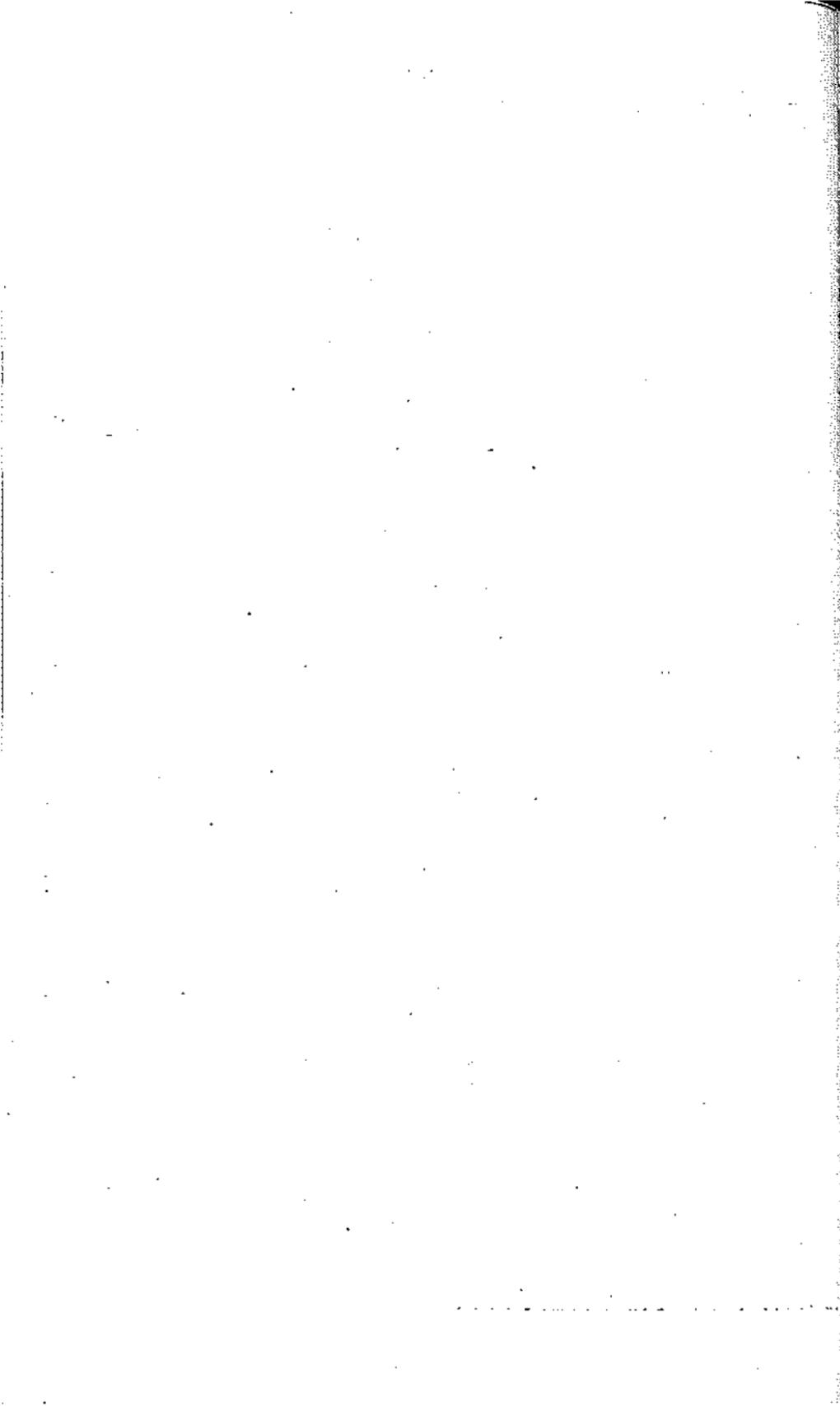
Homens para o Brasil — <i>Menotti del Picchia</i> .....	544
Aos instructores de educação physica — <i>Cap. Ignacio Rollim</i> .....	546

## VARIEDADES E NOTICIARIO

Discurso pronunciado por occasião da abertura dos cursos da Escola do Estado Maior, pelo Chefe da Missão Militar Franceza Gen. Noel.....	552
Revisão dos Regulamentos sobre a Instrução.....	554
A economia mundial.....	556
Castello de cartas.....	558
Formularios para os Conselhos de Justiça Regimentaes (Deser- tores e insubmissos) .....	560

Ná E. E. M. — Ao iniciar-se o anno lectivo de 1935





Literatura

História

Geographia

Sciencia

A' venda na A DEFESA NACIONAL

A batalha de St. Quintin - Guise

Ten. Cel. Lenglet

6\$000

## A guerra e sua preparação moral

Ten. Cel. JOÃO PEREIRA

Constitue, por sem duvida, para qualquer povo, um bom começo da sabedoria, a consciencia destas duas altissimas verdades: primeiro, que a guerra ha de pesar por muito tempo ainda, ou, quiçá, para todo o sempre, sobre a humanidade; segundo, que as nações que não quizerem desapparecer do mappa hão de se preparar para ella com uma solida organização do tempo de paz. Enganam-se, porém, e muito se enganam, os que a têm, os que têm a consciencia em apreço, pelo alpha e o omega da sabedoria. Porque, se é exacto que ella favorece extraordinariamente a preparação material da guerra, não o é menos que lhe não basta para garantir a preparação moral. Esta, um povo só a conseguirá quando, ao invés de maldizer a guerra; quando, ao invés de não ver nella mais que um legado dos tempos barbaros; quando, ao invés disso, esse povo se dedicar, com o mais sincero dos entusiasmos, á tarefa de mostrar, assim nas escolas primarias, secundarias e superiores, como nas officinas e nas praças publicas, assim nos campos e nas cidades, como da tribuna e pela imprensa — a cada instante e por toda a parte, em summa — que, tanto em seus preparativos, quanto em seu desenvolvimento, ella nada tem de nocivo, de repulsivo, de aterrador. Mesmo porque esta é que é a verdade verdadeira, conforme nos evidenciará um exame, ainda que perfunctorio, das questões que com ella se relacionam, e em que mais se acarraçam, para a desmoralizar, os que a abominam, os que do mais fundo do coração a odeiam. Senão, vejamos.

### O SERVIÇO MILITAR OBRIGATORIO

Entre as questões de que, pouco ha, falei, está, por exemplo, a do serviço militar obrigatorio. E os principiaes argumentos em que se apegam desesperadamente os que o apresentam á animadversão geral, são dois: um, é que tal serviço

concorre para despovoar os campos; outro, que a promiscuidade da caserna é malsã, é prejudicial.

Ora, haverá mais' frageis argumentos do que esses? Haverá argumentos mais desarrazoados? Não. Buscar no serviço militar a razão precipua, a causa fundamental, o motivo sobre todos determinante do contraste desolador que se observa hoje, por toda a parte, entre o crescente despovoamento dos campos e o superpovoamento das cidades; procurar nelle a origem dessa calamidade, é dar o mais positivo testemunho de má fé e de impatriotismo, ou, quando menos, de rematadissima cegueira. Não pode ser na incorporação ao exercito — por um anno mais, ou por um anno menos — de um contingente relativamente exiguo que a lei foi recrutar nos campos; não pode ser ahi que se ha de buscar a causa do mal com que nos estamos occupando. E' na vulgarização das commodidades materiaes, é nas facilidades de communicações, é em todas essas seduções das cidades, que, sem a menor intervenção do serviço militar, se exercem tão poderosamente sobre o rurigena, é ahi, e só ahi, que se devem procurar as causas profundas de semelhante mal.

Quem poderá, por outro lado, ouvir falar, sem sorrir, em promiscuidade malsã da caserna, depois de haver passado pelos internatos? De boa fé, ninguem. O que é de esperar, pelo contrario, é que, do contacto obrigatorio de todas as classes sob a bandeira, decorra, mui naturalmente, senão o alteamento das classes inferiores, ao menos uma especie de penetração bemfazeja, uma sã fraternidade de pessoas que, adstrictas a mesma lei, alcançarão formar, umas das outras, juizo muito mais certo e muito mais seguro.

A caserna — pensem della o que quizerem os seus adversarios — é a verdadeira escola de patriotismo. E' nella que se aprende a amar a patria acima de tudo. Para nós, soldados, o bairrismo, o provincialismo, o regionalismo — o nome pouco importa — é planta damninha, é escalracho. Para nós, soldados do Brasil, a atria é todo este ceu de azul purissimo, onde se retrata, no Cruzeiro do Sul, a imagem do santo lenho

em cujos braços pereceu Jesus, o Mestre dos mestres e Rei dos reis; são as ferteis terras cobertas de florestas seculares, por entre as quaes colleia rumoroso, qual immensa sucuriú, o rio-mar, o Amazonas; são as terras adustas do nordeste, onde o homem nasce, cresce e morre em luta heroica e perennal com a natureza; é a terra em cuja extrema occidental se alteia, soberano, o pico dos picos — o pico da Bandeira; são as terras que se espelham, envaidecidas, nas aguas rutilantes da magestosa bahia de Guanabara; é a vasta região de serras alterosas, onde o homem vem ha seculos bateando no leito dos rios, em busca da pepita de ouro; é o opulento rincão de onde parte o caudaloso Tocantins; é a terra santificada pelo sangue dos que souberam morrer, pelejando bravamente, na retirada da Laguna; são as terras onde os olhos do homem se extasiaram na contemplação de cafesaes e pinheiraes sem fim; é a doce terra das coxilhas verdejantes, onde o gaúcho, ainda hoje, estadeia, a cada passo, nos trabalhos campestres, aquelle mesmo arrojo inexcedivel da gente farroupilha. Isso, e tudo o mais quanto vemos e admiramos nesta dadiua de Deus em que vivemos, é que é a patria, para nós, soldados do Brasil.

Mas, ainda que se não descobrisse, no serviço militar, vantagem alguma de ordem moral, são visiveis, são indubitaveis os seus beneficios de ordem physica. Durante a sua passagem pela caserna, submettidos nesta a exercicios sabiamente regulamentados, o camponez “desgracioso, desengonçado, torto”, no dizer elegante de Euclides da Cunha, em *Os Sertões*, conquista novas linhas, flexiona-se, desempena-se, e o citadino se desenvolve e se enrijece: todos lucram. Independentemente, portanto, de o ser pelos seus fins guerreiros, o serviço militar tem de ser conservado ao menos como factor muito importante na educação physica nacional.

#### AS DESPEZAS MILITARES NA PAZ

Outro argumento em que muito se aferrenha a caturrice dos ideologos da paz perpetua, por desprestigiar, entre

os parvajolas e desprecavidos, as forças armadas de que dispõe cada povo para salvaguardar a patria de aggressões externas e de agitações internas, é que as despesas que se fazem, com ellas, são completamente estereis.

Não o são. E' inexacto. Essas despezas, não só suscitam e alimentam certas industrias, como é bem provavel que representem tambem papel util de regulador, na tendencia á superprodução que se origina da rivalidade económica entre as nações.

Que mal haveria, entretanto, em que assim não fosse? Só de uma cousa deve cogitar um povo que quer conservar o seu lugar ao sol: preparar-se para vencer. Triste dos povos que desconhecem esta grande verdade enunciada pelo general Coupillaud, em um artigo que escreveu, antes da guerra europeia, em *La vie militaire*, sob o titulo *La nouvelle loi militaire allemande* (1912): "... la défaite, outre la honte, est plus onéreuse que les plus lourdes dépenses quand'il s'agit de la sûreté nationale et de la grandeur de la Patrie! — A derrota, afora a vergonha, é mais onerosa que os mais pesados gastos, quando se trata da segurança nacional e da defesa da Patria!".

#### A GUERRA EM SI MESMA

Muito mal fazem, igualmente, e muito errado andam os que não cessam de objurgar a propria guerra, os que não deixam de a excommungar, os que a proclamam flagello de Deus, semelhante á peste, ás seccas e aos terremotos. Mesmo que nos não queiramos solidarizar — em honra de Bellona e Marte — com o famoso marechal Von Moltke, nos dithyrambos feros com que costumava ornar a sua correspondencia conjugal; mesmo que não aceitemos o mysticismo guerreiro do celebrado capitão, mercê de cujo genio militar Bismark alcançou, em 1870, dominar a França, o que é certo, em que pese aos que a anathematizam, é que muitos e mui grandes são os benefícios de toda a sorte que adveem da guerra.

Aquelles que lhe não descobrem e que lhe não pintam

senão as durezas, as fealdades, as scenas mais impressionantes, os quadros mais dolorosos para as almas simples e desprevenidas — esses, sobre evidenciarem lastimavel estreiteza de vistos, fazem obra dissolvente para os concidadãos.

A guerra é um desses caminhos amplos, muito embora asperos, por onde um povo pode chegar mais facilmente ao esplendor e á prosperidade. E' ella — queiram ou não queiram os ideologos, os utopistas, os discípulos de Bernardin de Saint Pierre — é ella que eria e fortalece a idéa de patria e que dá aos povos consciencia de seus direitos. E' ella que acrisola os caracteres, exalta as vontades, desperta as energias nos povos amollecidos por um largo periodo de paz e de tranquillidade. E' por ella que as raças sãs e longevas podem eliminar as raças inferiores e desmoralizadas. E' só por ella que, ás mais das vezes, as nações desunidas, desirmanadas, desfraternizadas podem encontrar, mais rapida e seguramente, a estrada recta e luminosa da fraternidade. E' nella que a humanidade tem achado sempre um dos mais ponderosos factores de desenvolvimento commercial, industrial, scientifico, litterario e artistico. E' nella, emfim, que se podem revelar, com maior brilho e de maneira absolutamente incontrovertivel, os verdadeiros patriotas, isto é, os que acima de todos os obstaculos materiaes, os que acima de todos os sofrimentos, os que acima de todos os interesses e até da morte, collocam os interesses sagrados de seu paiz.

#### A DESHUMANIDADE E A MORTANDADE NA GUERRA, ANTIGAMENTE E HOJE

Bem sei que os corypheus irreduceis do desarmamento, os que entendem que se deve evangelizar a paz universal como mandava S. Paulo, o *Apostolo dos gentios*, o insigne convertido da estrada de Damasco, que se pregasse a Fé — opportuna e importunamente — bem sei que esses hão de ter tudo isso por phraseologia ouca. Para elles, para esses jacamins humanos... O jacamin é um passaro das pomposas

florestas do norte do Brasil. E' esguio, possue bonita plumagem e extrema distincão. Delle, dizem os entendidos que tem por caracteristico principal não permittir briga entre as suas irmãs, as outras aves. Assim que a luta principia, elle se mette entre as aves contendoras, e, destarte, evita a rixa. Justo é, portanto, que a elle comparemos os nossos pacifistas... Para elles, para esses jacamins humanos, a guerra não traz, nem pode trazer consigo beneficio algum; ao contrario, é não só cada vez mais inhumana, senão tambem cada vez mais mortifera.

E' esse, aliás, o argumento que elles mais estribilham, para atemorizar os fracos. Ainda aqui, porém, quero mostrar-lhes que não têm razão.

Ninguem vae negar, é claro, que a guerra deixe de ser uma ceifeira de vidas, uma geradora eterna de orphandade, de viuez, de luto. Mas, pergunto: será ella, porventura, hoje, realmente cada vez mais deshumana e mortifera, como querem, e como apregoam, *urbi et orbi*, os pacifistas, em suas jeremiadas soporativas e inacabaveis? Não o é, garanto.

Em primeiro logar, ao invés de se deshumanar, como dizem elles, a verdade é que, mercê do progresso geral dos costumes, e graças ao estabelecimento de convenções reguladoras, tanto da sorte dos feridos e enfermos, quanto do tratamento que se deve dispensar aos prisioneiros, muito se ha humanizado a guerra. E isso só não vêm os peores cegos, que são aquelles que não querem ver. Porque, para o evidenciar, ahí está a experiencia das guerras mais recentes.

Hoje em dia, já se não pode temer o que imaginava o inspirado e altiloquente pregador padre Antonio Vieira que se havia de dar, se os hollandezes se fizessem senhores do Brasil: "Entrarão pelas cidades conquistadas" — chamava elle no famoso *Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Hollanda*, pregado, deante do Senhor exposto, na igreja de Nossa Senhora da Ajuda da cidade da Bahia, no anno de 1640 — "entrarão pelas cidades conquistadas com furia de vencedores os herejes; não perdoarão a estado, a sexo, nem a

idade: com os fios dos mesmos alfanjes medirão a todos: chorarão as mulheres, vendo que se não guarda decoro á sua modestia: chorarão os velhos, vendo que se não guarda respeito ás suas cãs: chorarão os nobres, vendo que se não guarda cortezia á sua qualidade: chorarão os religiosos e veneraveis sacerdotes, vendo que até as corôas sagradas os não defendem: chorarão finalmente todos e entre todos mais lastimavelmente os innocentes; porque nem a estes perdoará (como em outras occasões não perdoou) a deshumanidade heretica".

Vejamos, agora, se são mais felizes os que andam a sonhar com a restauração, no seio desta pobre humanidade nossa, daquellea doce paz, daquella santa paz geral em que vivia o Eden, antes de haver Deus, mau grado a sua infinita misericordia, dali expulso, segundo a *Biblia*, por grave desobediencia, a Adão e a Eva, nossos primeiros paes; vamos ver, agora, se mais felizes são, quando assertoam que, além de inhumana, a guerra é cada vez mais mortifera.

Em que se fundam elles para justificar o asserto? Na multiplicação e no aperfeiçoamento incessantes dos engenhos de exterminação. Cada novo engenho que surge, ou cada um dos já existentes, em que os fabricantes, na ansia insoffreavel de maiores ganhos, introduzem melhoramentos mais ou menos serios — isso representa, obrigatoriamente, para os pacifistas, grande e assustador accrescimo na ceifa de futura guerra. E para que mais ainda se firmem elles nessa convicção, basta que a imprensa, estipendiada ou não, se incumba, como ordinariamente faz, de exagerar os resultados de experiencias realizadas com taes engenhos. Desde então, acreditando, com simplicidade infantil, que se podem applicar rigorosamente aos campos de batalha resultados que, mesmo sem os exageros da imprensa, não têm o valor que elles lhes costumam dar, visto que são obtidos em condições inteiramente diversas das condições reaes da guerra, os pacifistas já não vêm senão companhias dizimadas, batalhões desfeitos, regimentos aniquilados, milhares e milhares de homens, em summa, arrebatados pela morte, á vida, com a rapidez do raio.

Pois elles que se tranquillizem. O diabo não é tão feio como a gente o pinta. Posto que se lhes afigure paradoxal o que lhes vou dizer, não o é: quanto mais se multiplicam os engenhos de exterminação, e quanto mais terrificantes e eficazes são, tanto menor, no campo de batalha, é o numero de victimas, é a carnificina. Dos choques dos primitivos povos ás batalhas napoleonicas, e destas á actual lucta entre paraguayos e bolivianos, no Chaco Boreal, o tributo de sangue tem diminuido sempre. E é de esperar que essa lei não soffra alteração alguma, pelo tempo adeante, pois ella assenta em base firme e racional, que é a propria natureza humana.

No dia em que dois homens se defrontaram pela primeira vez, empunhando uma clava ou um seixo, para resolver pendencias, um — pelo menos um — teve de ficar ali, por terra. Causa identica aconteceu mais tarde, quando um homem se juntou a outros, para enfrentar um agrupamento adverso de semelhantes seus, e, desde esse momento, pelos seculos a dentro, até aos terríveis embates da idade media; pois que, com acabarem sempre por se transformar em duellos juxtapostos, essas refregas só tinham termo após o aniquilamento de um dos partidos que se entrechocavam. Nem mesmo com a introducção do escudo ou da couraça, e com a utilização do cavallo, que facultava a um dos lutadores escapar á sanha do luctador contrario, reduziu-se de maneira apreciavel a proporção de perdas.

Já com a invenção e a applicação da polvora, esse estado de cousas entrou a se tornar melhor.

Verdade é que, por largo tempo ainda, não poude ser muito profunda essa melhora, ou seja a reducção das perdas no campo de batalha, attendendo a que, com ser extremamente fraco o alcance das armas de fogo, as lutas corpo a corpo continuaram a ser de emprego frequentissimo.

Mesmo na epoca de Napoleão I, era essa mais ou menos a situação. E a causa dessa situação, era aquella mesma que, pouco faz, assignalamos: o pequeno alcance das armas de fogo. Basta dizer que o alcance do canhão não excedia de

quinientos metros, e o do fuzil, de cem. Resultava, assim, dessa pouquidão de alcance, que entre os exercitos que se dispunham para a batalha medejava apenas um milhar de passos, que eram transpostos, de ordinario, num decurso de tempo relativamente estreito.

Das guerras napoleonicas, porém, até aos nossos dias, tão vasta foi a serie de engenhos de extermínio que appareceram e tão profundos foram os aperfeiçoamentos que se introduzirem nos que já havia, que, se os quizesse citar aqui, um por um, me tornaria, necessariamente, por demais molesto. Ora, essas transformações no dominio technico não podiam deixar de produzir outras tantas no dominio tactico, pois sabido é de sobejó quão grande é a interdependencia da tactica e do armamento. E foi o que aconteceu. Não as minudearei, porque estou em que não vem isso a pello. No caso vertente, só uma cousa importa que se saiba. E é que, como as transformações no dominio tactico tiveram sempre por escopo maximo a obtenção da victoria, com os maiores danos para o inimigo e a reducção de perdas para as proprias forças, decorreu dahi que cada um entrou a se guardar o mais possível dos effeitos potentissimos do fogo adverso, e se tornando, assim, cada vez mais raras as lutas a bayoneta.

O duello a arma branca constitue, no combate actual, um facto episodico, restricto a pequenas fracções de tropa; ou, então, se apresenta como *ultima ratio*, e ainda neste caso se circumscreve, no tempo e no espaço, ao acto final e decisivo. Na batalha contemporanea já se não verá com frequencia, por todo o dia e por todo a frente, como na batalha napoleonica, aquelles combates parciaes, aquelles ataques e contra-ataques, aquellas fluctuações de luctas corpo a corpo, que produziam, nesta, o desgasto effectivo, material. A esse desgasto material da batalha napoleonica, substituiu, sob a acção do fogo, o desgasto moral, e isso, de ver está, com incalculável vantagem para a vida dos combatentes.

Permittam, pois, os pacifistas que lhes reaffirme com pureza de alma: os progressos dos engenhos de extermínio

não concorrem absolutamente para fazer a guerra cada vez mais mortifera. Elles que se tranquillizem; elles que soceguem; elles que durmam sem sobresaltos, descansadamente. Com a substituição, na guerra, das energias humanas pelas da machine, é justamente o contrario que se tem dado e que se ha de dar. E essa lei, que a bôa razão acceita sem relutancias, é amplamente confirmada pela eloquencia esmagadora dos numeros.

Mas, paremos aqui, deixando para outra vez essa confirmação.

#### PALAVRAS FINAES

Creio que as considerações que ahi ficam já me bastam para conduzir á realidade os sonhadores da fraternidade universal que se dignarem de as ler, senão com bons olhos, ao menos sem idéa preconcebida de as controverter. Entretanto, se não bastarem, não me acabrunharei por isto. Paciencia. Eu sou dos que seguem, sem o mais leve desfalecimento, o conselho que nos ministra Tadeyoshi Sakurai, em *Nikudan*, o maravilhoso livro em que esse bravo soldado do Imperio do Sol Nascente conta ao mundo os feitos memoraveis das valorosas tropas do general Nogui: não penso nunca, quer em honras, quer em meritos; sou apenas fiel ao meu dever.

---

*O Mexico, conquistado por Pizarro, foi até 1810 uma colônia hespanhola. Revoltados neste anno contra a metropole, os mexicanos conquistaram a independencia depois de uma porfiada lucta e proclamaram a republica.*

*Em 1863 mandou a França uma expedição ao Mexico e fez que o archiduque Maximiliano ex-guisse a coroa de imperador, que por pouco tempo conservou. Os mexicanos revoltaram-se contra o monarca estrangeiro, e Juarez, o chefe da revolução mandou-o fuzilar em 1867. A partir desta época o Mexico formou uma república independente, que durante a presidencia de Porfirio Diaz muito prosperou.*

## Resumo Histórico da formação geographica do Brasil<sup>(1)</sup>

**Contribuição para o concurso á E. E. M.**

*Cap. LIMA FIGUEIRÉDO*

**XIII. Conquista do litoral norte.** Se bem que sob o domínio hespanhol, Portugal ainda dirigia o destino das suas colônias.

Até 1580 os lusos sómente haviam fundado pequenas povoações intercaladas ao longo da fimbria litoranea entre Itamaracá e São Vicente.

Para a conquista do litoral dois foram os nucleos inicias: São Vicente e São Salvador. De São Vicente a colonização irradiou-se para o Espírito Santo e o Rio de Janeiro; da Bahia, para Pernambuco, Sergipe e Alagôas; de Pernambuco, para a Parahyba e Maranhão; do Maranhão, para o Piauhy, Ceará e Rio Grande do Norte.

Foi durante o domínio hespanhol que se deu a nossa expansão territorial no sentido das latitudes. Vejamos, seguindo a ordem chronologica, as conquistas, effectuadas.

Já em 1579 Fructuoso Barbosa obtivera a concessão da capitania da Parahyba por dez annos, com a obrigação de colonial-a. Tentando realizar o intento foi infeliz, sendo derrotado pelo gentío.

Resolve o governador insistir na colonização da Parahyba, marcando a saída duma expedição para o domingo de paschoa de 1584. Nesse dia partiu por terra D. Felippe de Moura e pelo mar o general Diogo Flores Valdez. As duas expedições se encontraram na barra do Parahyba, determinando-se a construcção de um forte, cujo commando ficou confiado a Francisco Castejon, sendo Fructuoso Barbosa

---

(1) Continuação do n.º 250.

escolhido pelo exercito portuguez para orientar o povoamento da nova colonia.

Em 1589, ao mesmo tempo que Christovam de Barros encetava a colonização de Sergipe, Linz se estabelecia nas Alagôas.

Em 1594 arriba ao Maranhão o capitão francez Jacques Riffaut que previa ali riquezas fabulosas. Deixa, na ilha do Maranhão, Charles de Vaux para entrar em contacto com os indigenas e regressa a sua patria levando alviçareira noticia a Henrique IV.

Em 1596 o inglez Laurence Keymis sonda o litoral desde o estuario do Araguary até ao Ocenoco.

Ainda nesse anno Jeronymo de Albuquerque inaugura em Natal o forte dos Reis Magos com o intuito de dahi marchar contra os franceses que no Maranhão haviam estabelecido a França Equinocial.

Em 1598 os hollandezes embarafustam pelo Amazonas e estabelecem-se nas proximidades da foz do Xingú, onde levantaram dois fortés.

Em 1603, Pero Coelho de Souza com 80 soldados e 800 indios tenta fazer, por terra, a conquista do Maranhão, sendo porem infructifera a sua tentativa.

Em 1604, Daniel de la Touche, senhor de la Revardiére attinge o cabo Cassiporé e dahi se dirige para Cayenna, enquanto o inglez Charles Leigh desembarca na margem esquerda do Oyapock e toma conta da terra para a corôa britannica.

Em 1610 morre em França, assassinado o Rei Henrique IV, sucedendo-lhe no throno Luiz XIII sob a regencia de sua mãe Maria de Medicis.

Nesse mesmo anno, Charles des Vaux excursiona pelo rio Tocantins onde encontrou duas gemmas preciosas do tamanho de um ovo de pomba.

Em quanto o francez andava á cata de riquezas, Jeronymo de Albuquerque e Soares Moreno conseguiram attingir o Ceará (Fortaleza) onde construiram a fortaleza Nossa Senhora do Amparo.

A marcha de approximação de Jeronymo de Albuquerque foi muito lenta, porem escorada na prudencia. Em 1613 elle fortifica Camocim preparando o golpe que deveria desferir sobre os francezes que haviam, com recursos trazidos por Daniel de la Touche, fundado a cidade de São Luiz, em homenagem ao rei Luiz XIII.

Um anno depois, isto é em 1614, Jeronymo com 500 homens vence os francezes e assigna um tratado de paz no qual a posse daquellas paragens ficaria dependendo do que fosse resolvido entre Hespanha e a França.

Estava a cousa neste pé, quando chega Alexandre de Moura com reforços e disposto para lucta. Sabendo do acordo ficou furioso e investiu contra os francezes derrotando-os fragorosamente e obrigando-os abandonar a região, deixando em seu poder toda a artilharia. Não fosse o gesto chucro de Alexandre de Moura, quiçá a França ainda ali tivesse, para vergonha nossa, uma colonia.

A 25 de dezembro de 1615 partiu do Maranhão, sob ás ordens de Francisco Caldeira Castello Branco, uma expedição composta de uma caravella, um patacho e um lanchão conduzindo 150 soldados e 50 outras pessoas.

Vamos dar a palavra ao illustre paraense Theodoro Braga. "Não foi, de certo, por accaso, a escolha feita na pessoa de Francisco Caldeira para vir ao descobrimento do Pará:

"De genio máo e barulhento, rixoso e auctoritario, Castello Branco fôra escolhido para essa commissão afim de ser afastado dos demais companheiros do Maranhão".

"A primeira ideia de Alexandre de Moura tinha sido de enviar Martin Soares Moreno commandando essa expedição ao Pará; aproveitado, porém, para outro serviço, recachiu a escolha em Castello Branco com o fim sobretudo, como vimos, de afastal-o do Maranhão".

"A viagem, fôra feita navegando sómente de dia para tomar as conhecenças da terra; e apesar dessa demora, durou ella dezoito dias, chegando os expedicionarios, a 12 de janeiro de 1616, no local que escolheram para a fundação".

"Entrando pela foz do rio Pará, e sempre costeando, porque tal recommendava o Regimento que trazia, Castello Branco não se enganará, trocando o rio Pará pelo do Amazonas; trazia consigo, na qualidade de lingua e amigo dos indios, o francez Charles des Vaux que com elles já entreteria relações quando anteriormente andará por estas terras".

"Agindo assim, escrupulosamente e sem precipitação, foi que Francisco Caldeira, após observações, não só do litoral como dos canaes do rio, encontrou um pontal de chão firme, que julgou mais apropriado para a povoação que ia fundar".

"Em uma peninsula formada á margem direita do rio Guamá, ao desembocar este no Guajará, recaiu a escolha".

"Esse ponto preferido, cuja dificuldade de acesso era garantia de defesa, distava da barra de um gráu da equinocial para o Sul".

"A situação escolhida era, alem de tudo, um tanto estratégica; alta e tendo duas faces para dois ríos, sendo por esse lado escarpada; ligada ao continente por uma estreita faixa de terra, facil seria isolal-a e defendel-a".

"Nesse pontal de terra mais saliente, Caldeira, desembarcando o seu pessoal, militar e operario, deu começo logo a a construcção de um forte".

Estava attingido o ponto extremo norte da famosa linha alexandrina definida no tratado de Tordesillas. Depois que os intruções alienigenas foram expellidos do Amazonas, os portuguezes attingiram, em 1644, o cabo Norte.

**XIV. Posse da bacia Amazonica.** Vimos que desde 1598 os hollandezes haviam se estabelecido no rio Amazonas.

Em 1609, os ingleses Wiliam Clowel e Thomaz Tyndall exploraram as margens do Amazonas no territorio dos indios tupujussús.

Até 1616, data em que foi, pelos lusitanos, conquistado o Pará, os louros filhos da Inglaterra e da Hollanda talavam aquellas paragens despreocupadamente.

Os hollandezes haviam edificado á margem direita do

Amazonas, onde hodiernamente se assenta a cidade de Gurupá, o forte Mariocay.

Bento Manuel Parente, portuguez rude e ousado, foi o conquistador do Amazonas. Em 1623 investe com denodo e entusiasmo contra o forte, tornando-o a viva força.

Recebeu a fortificação o nome de Santo Antonio de Gurupá. O nome Gurupá significa **porto das canoas**.

Assumiu o commando da fortaleza, o capitão Aranha de Vasconcellos que ainda no mesmo anno desalojou os hollandezes das feitorias de Maturú e Nassau. Satisfeito com o resultado, iniciou a lucta contra os inglezes.

A 28 de setembro de 1629, o denodado capitão Pedro Teixeira com 120 soldados e 1600 indios investiu contra o forte hollandez Torrego, tripulando cerca de cem canôas.

A 18 de outubro a guarnição hollandeza rendeu-se. Tres navios batavos ao mando de Roger North tentaram retomar o forte, sendo repellidos. Aproveitando o entusiasmo da tropa pela victoria obtida, atacou com violencia a feitoria Mandiutuba, onde não deixou pedra sobre pedra.

Em 1631, os hollandezes são expulsos de Tilletille pelo capitão Jacome Raymundo de Noronha.

Em 1632, os anglicanos depois de batidos pelo capitão Feliciano Coelho de Carvalho entregam-lhe o forte Camaú.

Os estrangeiros foram evacuados da caudal magestosa, porém os hollandezes da sua colonia de Surinan, alimentavam pretenções de regressar ao **rio mar** e para isso, mais tarde fizeram aliança com os indios manáos chefiados pelo valente Ajuricaba.

Em 1637, as duas corôas de Portugal e Hespanha estavam ainda sobre a cabeça de um mesmo rei, porém no coração do heroico Pedro Teixeira havia um abysmo insondavel entre as duas nações. Desfraldando o vexillo alvi-anil elle sulcou o Amazonas até o Napo, construindo, com sua viagem, um alicerce formidavel, onde mais tarde os diplomatas iam encontrar apoio para suas pretenções.

Após a restauração de Portugal, em 1640, continuaram por mais de um seculo, em litigio as terras do Amazonas, por haver Pedro Teixeira fincado um marco divisorio dos dominios de Castella e Portugal na foz do Napo, mandando lavrar um auto de posse no qual assignou como testemunha o jesuita hespanhol Christovam da Cunha.

(Continua)

## BANCO DO BRASIL-RIO

### TAXAS PARA AS CONTAS DE DEPOSITOS

<i>Com Juros (sem limites).....</i>	2 % a. a.
Deposito inicial Rs. 1:000\$000. Retiradas livres. Não rendem juros os saldos inferiores a esta ultima quantia, nem as contas liquidadas antes de decorridos 60 dias da data de abertura.	
<i>Populares (limite de Rs. 10:000\$000).....</i>	3½ % a. a.
Deposito inicial Rs. 100\$000. Depositos subsequentes, minimos Rs. 50\$000. Retiradas minimas 20\$000. Não rendem juros os saldos: a) inferiores a Rs. 50\$000; b) excede antes ao limite; c) encerrados antes de decorridos 60 dias da data da abertura. Os cheques desta conta estão isentos de sello desde que o saldo não ultrapasse o limite estabelecido.	
<i>Limitados (limite de Rs. 20:000\$000).....</i>	3 % a. a.
Deposito inicial Rs. 200\$000. Depositos subsequentes minimas Rs. 100\$000. Retiradas minimas Rs. 50\$000. Demais condições identicas aos Depositos Populares. Cheques sellados.	
<i>Prazo fixo de 3 a 5 mezes 2½ % a. a. — de 9 a 11 mezes de 6 a 8 mezes 3 % a. a. — de 12 mezes.....</i>	3½ % a. a. 4 % a. a.
Deposito minimo Rs. 1:000\$000	
<i>De aviso.....</i>	3 % a. a.
Aviso previo de 8 dias para retirada até 10:000\$000, de 15 dias até 20:000\$000 de 20 dias até 30:000\$000 e de 30 dias para mais de 30:000\$000. Deposito inicial Rs. 1:000\$000.	
<i>Letras a premio (Sello proporcional).</i>	
Condições identicas aos Depositos a Prazo Fixo.	

# Os imponderaveis da guerra (¹)

*Cap. ALCINDO NUNES PEREIRA*

## O ESPIRITO DE CORPO

O progresso em todas as actividades humanas é fructo da concorrença entre individuos e collectividades. A' ansia de aperfeiçoamento e primazia que os domina, deve-se o estado actual da civilização.

A força impulsora do desenvolvimento dos povos é o espirito nacional, e os que não o possuem sufficientemente forte vagueam na órbita dos satélites.

Se a emulação collectiva constitue a alavanca do progresso universal, é indubitavelmente, a mola real no caso particular da preparação para a guerra.

Entre as unidades de tropa, o espirito de corpo desempenha papel análogo ao espirito nacional entre os povos, é o estimulante por excellencia da competição.

E' o espirito de collectividade que induz os componentes de uma tropa a destacarem-se na pratica das virtudes militares e na demonstração das qualidades naturaes.

Ademais, fortalece o sentimento de força, tornando mais intima a união e mais franca a solidariedade; impele o homem para o caminho da gloria e o conduz ao sacrificio magno pela honra da corporação e pelo orgulho de figurar entre seus heroes.

A tropa que o possue, revela maior ardor combativo, maior solidez, em uma palavra: maior potencia moral.

Pela sua indisfarçável importancia, merece especiaes atenções em todos os exercitos bem organizados.

No exercito inglez, p. ex., o espirito de corpo cuidadosamente cultivado, tem sido um dos factores essenciaes da próverbial solidez de suas tropas, tantas vezes demonstrada nas guerras do continente e das colonias.

(¹) Continuação do n.º 250.

A formação do espirito de corpo é lenta, demanda longo periodo de tempo. A guerra é, sem duvida, o melhor meio de obtel-o, mas ella só proporcionará resultados satisfatórios se não fôr de pequena duração.

Confiar sómente nesse meio, é desprezar a influencia de tal factor em grande parte da campanha ou mesmo nem chegar a obtel-o, se esta fôr curta.

Elle pode e deve ser preparado desde o tempo de paz, deixando-se para a guerra apenas a consolidação.

O culto á historia do corpo, á memoria de seus feitos e á reputação de seus bravos, constitue o elemento de maior eficiencia para a formação do espirito de corpo, mas, não é bastante, sobretudo, nas unidades de recente organização, ainda sem tradições.

Outros meios podem concorrer poderosamente para esse fim. A emulação entre os corpos em todos os aspectos de suas actividades, o incitamento á conquista dos melhores conceitos e do maior grau de progresso, a palpitante esperança de triumphos que bem alto elevam a honra do corpo e o orgulho pessoal de seus componentes.

A convicção arrraigada no espirito dos homens de que pelos seus esforços, a unidade tornar-se-á insuperável em todos os ramos da instrucção, invencível nas competições, inegualável nas acções de guerra.

Muito contribuia para essa finalidade os classicos torneios de tiro, realizados em nosso Exercito, e que inexplicavelmente vão desaparecendo das cogitações dirigentes. Ha grande vantagem em reanimal-os e dar-lhes maior extensão; organizar competições de toda a sorte entre os corpos, nos diferentes aspectos de instrucção passíveis de comparação, fazer citações especiaes das que se destacam, emfim, utilizar todos os meios favoraveis á estimulação do aperfeiçoamento.

A transitoriedade do serviço militar exige que os quadros e o pessoal permanente possuam bem accentuado espirito de corpo, para que desde os menores actos da vida diaria, sintam os conscriptos a sua influencia e o adquiram com a ma-

xima facilidade. Este resultado não é possível obter senão por uma estadia sufficientemente longa dos quadros no corpo.

A reunião apressada, á ultima hora, de officiaes e praças de procedencias diversas, não forma uma tropa, mas apenas uma caricatura de tropa, que no dizer de Ardant du Pic "servem para fazer numero... de longe, o que já é alguma cousa, de perto se reduzem á metade, ao quarto, como combatentes reaes".

(Continua)

## REVISTAS

Recebemos e agradecemos

ESTRANGEIRAS

URUGUAY

*Revista Militar y Naval* (Fevereiro)

MEXICO

*Revista del Ejercito y de la Marina* (Janeiro)

Manobras e exercícios de guarnição — A Cavallaria no combate  
Motorização da Artilharia — O combate da Cavallaria.

*El Soldado* (Novembro, Dezembro, Janeiro).

NACIONAL

*Revista de Administração Militar* (Fevereiro).

## PUBLICAÇÕES DO MAJOR JOSÉ FAUSTINO

A' venda na "A Defesa Nacional"

Manual do Granadeiro.....	3\$000
Mementos de ordens ( 1.º).....	3\$000
>    >    >    ( 2.º).....	1\$500
>    >    >    ( 3.º).....	1\$500
>    >    >    ( 8.º).....	1\$500
>    >    >    ( 9.º).....	1\$500
>    >    >    (10.º).....	1\$500

Pelo correio mais \$500.

# **Secção de Infantaria**

**Redactor: Flóriano Brayner**

**Auxiliares:** Segadas Vianna  
Nilo Guerreiro  
Manoel Guedes  
Coelho dos Reis

A' venda na A DEFESA NACIONAL

**O LIVRO DO SOLDADO**

**Major Araripe**

**3\$000**

# Lendo a “Revista de Infantaria”

(Janeiro de 1935)

*Pelo Cap. COELHO DOS REIS*

*A Inf. e os Carros no ataque* — Cmt. R. L.

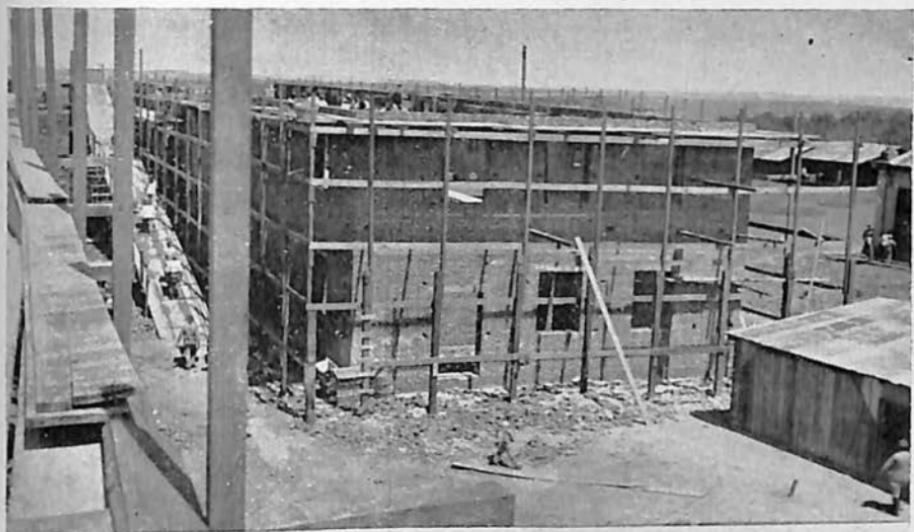
Trabalho de tomo, o auctor o molda no quadro amplo e bem medido das operaçōes de uma D. I., agindo no ambito de uma offensiva de C. Ex., na regiō S. O. de Metz.; e, como que o credenciando, adverte: “propomo-nos expōr, como possivel a conduçōe de um caso concreto, objectivando — a Inf. e os Carros no ataque”.

Do conjunto aos mais minimos pormenores, interessa, sobremodo, o thema, exemplificando o metodo classico de balanço de uma situação — gravitacōa a que se não pôde furtar quem haja de decidir — para concluir expondo uma solução ponderada de manobra, em que fixa objectivos, ajusta o dispositivo, dosa e coordena os meios, e prevê todas as demais providencias de execuçōe. Absorvido, acaba crendo-se o leitor no ambiente da 3.<sup>a</sup> Sec. da 29.<sup>a</sup> D. I., no transcurso da operaçōe a emprehender; e, de permeio, topa com uma applicaçōe completa dos Carros, cerne e objecto do estudo.

Esmerilha e aclara, o auctor, o assumpto. Analyxa o terreno, no geral favorável aos Carros, comquanto por vezes profundo, a reclamar provisões de protecção. Entretanto o julga, mau grado descoberto e de modelado sensivel, plenamente accessível aos Carros, não lhes impondo limitações de emprego. *Quem, então, decidirá de sua acção?* — A manobra, a concepção dos esforços. — *Como?* — Utilisando-os, diz o Cmt. R. L., onde o Commando decide agir em força. Cabe ainda annotar uma observação: ao R. I. do centro do dispositivo attribuiu a D. I. duas Cias. de Carros desde o inicio, comquanto uma dellas apenas tenha de agir na 2.<sup>a</sup> phase do ataque. E' que, assim, facilitará grandemente a tarefa da Inf. e dos Carros, cujos interessados terão tempo bastante para a preparaçōe e os entendimentos a effectuar. Por outro lado, o Cmdo. da D. I. querendo manter-se em condições de parar aos incidentes possiveis, establece limites ao Cel. para o engajamento dessa Cia. antes da 2.<sup>a</sup> phase; com tal hypotheca, possibilita elle, si mister, a retomada em mão desse elemento, já orientado é verdade, mas não empenhado.

No minguado espaço que nos cabe temos de limitar os commentarios, sentindo não debulhar o assumpto no ambito dos R. I., onde seriam abordados os problemas a elles correlatos: entendimentos technicos-tacticos, reconhecimentos consequentes, coordenaçōe de movimentos, escolha de

## EM CRUZ ALTA



AO ALTO - Construcção dum novo edificio do 8.<sup>º</sup> R. I.

AO CENTRO - Rêde de arame construida pelo 1/8.<sup>º</sup> R. I.

EM BAIXO - Officiaes no campo de instrucção.



caminhamentos e das bases de partida, horario, ligações, etc., etc. — todos de palpitante interesse. Todavia, o afloraremos, comquanto pela rama. Meio supplementar valioso, applica-o o R. I. no fortalecimento da acção, dosando-lhe o emprego — bem acquilatadas as condições tecnicas e de terreno — de acordo com as imposições do esforço principal e atribuindo-os — com missões definidas no tempo e no espaço — aos Btl. (ou Btl.) que hajam de actuar decisivamente. Pesam sobremodo no seu rendimento os factores tacticos da surpreza e technico de suas servidões; ademais, suas missões devem ser curtas e bruscas, pois não possuem capacidade de perdurar longamente em acção após engajados e, desarranjados, impossivel se faz a recuperação sob os fogos.

E' sensivel a contribuição dos Carros nas concepções odiernas de combate, onde cada vez mais assume o fogo a dictadura da victoria. Inimigo organizado, pelo vencer cumpre neutralizar-lhe os órgãos activos e destruir os obstaculos vigiados. Como? — Dando á Inf. o acompanhamento dos fogos da Art. e dos couraçamentos dos Carros de Combate, afim de que lhe abram brechas, neutralisem fogos e desarticulem, nos pontos nevralgicos, o sistema adverso. Onde houver conjugadas trincheiras, rôdes de arame e metralhadoras, ahi se impõem Art. e Carros, restando ao Chefe, tão só, a escolha dos recursos á mão e a triagem das missões a lhes creditar.

No Brasil, parcos ou nulos os recursos em Carros, nem porque alheiar-se devem tecnicos e tacticos dos problemas oriundos do avassalamento pelo *motor* dos campos de combate. Em pouco, senão já uma evidencia, hombreará a gazolina nas guerras com a polvora, os gазes e a electricidade. Domina o motor os servigos, impera nos ares e fez já suas boas estreias na propria linha de combate! Negar a equação é jamais resolvê-la. Cabe-nos investil-a, nem que o seja em these, para costumarmos o raciocínio a resolvê-la, objectivamente, quando se presente o material ante a realidade da lucta.

Existiu já entre nós uma Cia. de Carros. Extincta, sobreraста em deposito sua cara empeditmenta. Pois bem, por que não aproveitá-la no Btl. Esc., mesmo sob a forma de mera Sec. de Carros? Assim poderia a E. I., pelo menos, exemplar a seus alumnos, que somos todos nós, os rudimentos basicos de seu vultoso emprego nos processos contemporaneos de combate.

#### INSTRUÇÃO DOS QUADROS DA INFANTARIA — Ten. Cel. GUIGUES.

Proseguindo na collaboração anterior, continua o auctor na exposição de casos concretos, em que focalisa a instrução tactica de um Btl. São situações occorrentes e que, comquanto communs, mantêm o leitor interessado e lhe exercitam o raciocínio na applicação dos processos de

combate. O methodo com que o Cmt. Guigues explana, conduz e explora os assumptos, dá-lhe feição didatica n'uma ambiencia de realidade, evi-denciando, ao contrario do que se practica algures, que a instrucção de Btl. não se pode improvisar n'umas poucas de horas gastas em soalheiras, aos *tangos los mangos* de uma completa carencia de preparação. O que se percebe aqui, como onde quer se respeite o espirito dos regulamentos, é o zelo pela preparação dos exercícios: primeiro em sala, empoz no terreno, mas só quadros, para enfim, como um coroamento, realizar sua plena execução com tropa. Fóra disto, é cançar o soldado, desconceituar os quadros, perder tempo e, peior que tudo: deserer dos processos regulamentares, por não poder practical-os com exito. Neste numero, versa elle os themes:

- I — Manobra de desbordamento por um Btl. de 2.<sup>º</sup> escalão.;  
II — Engajamento de um Btl. de 2.<sup>º</sup> escalão., após passagem de linha.

No I, focaliza e seria o trabalho a emprehender:

a) pelo Cmt. do Btl. — exame pessoal da situação; ligação com vizinhos auscultando-lhe a exacta situação; ligação com a Art. de apoio; convocação dos cmdos. subordinados, adiantando-lhes intenções, reconhecimentos a fazer e missões a cumprir; organização da observação sobre as resistencias a destruir ou neutralizar;

b) pelo Cmt. e quadros — reconhecimento meudo do terreno; repartição e ocupação das posições; eixo de esforço; base de fogos; apoio da Art.; ligações no ambito do Btl. e com vizinhos; preparação do desencadear do ataque; mecanismo da manobra; progressão; objectivos; ocupação do terreno conquistado; ligações e informações; P. C.; recompimento de munições e artifícios; ordens.

Debulhando estes aspectos, chama attenção para a conducta do cmt. de tropa em reserva, sublinhando: a actividade intellectual — mui diversa de méra agitação; o descolamento da tropa, precedendo-a; o dever de não engajal-a sem ordem; o guial-a e escolher-lhe caminhamentos; o precatal-a contra perigos do ar e surpresas inopinados (eng.ºs mechanicos); a ligação, constante se possível pessoal, com o chefe da unidade que o precede; a previsão dos mais provaveis e rápidos engajamentos, preparando-lhes os reconhecimentos necessarios — tudo isto, visando destruir o mau vezo da apathia e passividade de seus cmts., averiguadas muitas vezes, no decurso de manobras.

No II, objectiva e gradua as tarefas a realizar quer pelo Cmt. do Btl., quer conjunctamente com seus quadros, analyse que nos eximimos de transcrever, pela carencia de espaço, reportando-nos aos commentarios já expendidos em nosso n.<sup>º</sup> 249, pag. 161.

Nos exercícios em sala sobre este thema, focalisa a importancia da execução da approximação a coberto, evitando-se a a todo custo a mistura da tropa que vae fazer a passagem de linha, com a que vae ser ultrapassada. O escolho capital — diz o auctor — é o que pode uma reacção mui inopinada provocar, fazendo que se detenha a unidades, que deve realizar a passagem, junto da que vae ser ultrapassada, ambas se entremisturando e conduzindo a operação ao fracasso. Para isto evitar, é essencial a fixação, sem que pairem duvidas, da linha de partida e da que balisa o 1.<sup>º</sup> lanço, além da absoluta amarração, nitida e inconfundivel, da direcção. Na execução da passagem de linha, observa ainda, capital é a missão que cabe aos cerra-filas, não se devendo mesmo hesitar em reforçar-lhes o numero, si mister.

Quanto propriamente ao problema de espaço no terreno, preconisa como geralmente mais vantajoso o que consiste em crear vasios nas unidades a ultrapassar, pelos quaes, bem balisados, se enveredarão os elementos que realizam a passagem de linha. Mas, qualquer que seja o processo, cumpre insistir sempre na necessidade de realizal-a n'un bloco e de um só folego, afim de fugir-se, o mais rapidamente, do foco de dissociação que representa para as unidades que atacam, as que são ultrapassadas.

**"A DEFESA NACIONAL"**

**É DO EXERCITO. —**

**TRABALHAR POR ELLA**

**É TRABALHAR PELO**

**EXERCITO. —**

**— MANDEM SUAS**

**COLLABORAÇÕES —**

## Indicações para a redacção do plano de organização do terreno no R. I. e ordem de execução no Batalhão

*Cap. J. B. MATTOS*

*Advertencia: As indicações que se seguem vêm precedidas de noções e dados necessários à comprehensão da redacção applicada ao caso concreto. Constituiram Notas fornecidas aos officiaes alunos da E. I. em 1934. A situação tactica-Ordem do 1.º R. I. e do 1/1.º R. I.—é reprodução de documentos fornecidas em 1933.*

*E' também opportuno dizer que nos foi muito útil a leitura do trabalho do então Capitão Octávio Paranhos, publicado nesta revista em Junho de 1930.*

### NOÇÕES SOBRE O COMBATE DEFENSIVO

*Resumo:* Princípios gerais — Explicação do que vem a ser uma posição — Detalhes sobre a posição de resistência e de postos avançados — Divisão quanto ao comando — Diferença entre a divisão quanto ao comando e localização da tropa (quarteirão e centro de resistência) — Conclusão sobre a influência do terreno na escolha e localização de uma posição.

#### PRINCIPIOS GERAES

A defesa consiste na manutenção de posse de certa parte de terreno, a qual se decidiu conservar para ali quebrar, pelo fogo, toda a tentativa de avanço do adversário.

Pode-se tomar atitude defensiva, quer preventivamente — é a batalha francamente defensiva, que induz a organização de uma, ou várias posições de resistência — ocasional, no decurso de um combate offensivo. No segundo caso, a atitude de defensiva se reduz à manutenção da linha alcançada pelo escalão de fogo, que estabelece rapidamente uma cortina de fogo, continua, mais densa possível, e a organização, na retaguarda, pelas reservas e pelos elementos da base de fogo de uma outra linha destinada — a recolher o escalão de fogo caso venha a ser repelido e a aparar qualquer ataque inimigo.

No primeiro caso, combate francamente defensivo — a operação se caracteriza pela organização de uma ou várias posições, chamadas “Posição de resistência” e cujo valor reside na existência de uma rede completa e profunda de fogos poderosos, na frente e no próprio interior da

posição ocupada, em estreita combinação com uma organização do terreno, tão desenvolvida quanto possível.

#### O QUE VEM A SER UMA POSIÇÃO

E' na fórmula do R. O. T. (n. 55) — a porção do terreno em que se decidiu resistir, quer seja ou não organizada.

#### PORMENORES SOBRE A POSIÇÃO DE RESISTENCIA

Quando a posição é ocupada pelo grosso das forças, o que significa a decisão do Commando de *ahi barrar a progressão do inimigo*, temos a — posição de resistencia.

Sua característica principal no que se refere a organização do terreno é, repetimos: *a estreita combinação de fogos profundos com uma organização de terreno tão desenvolvida quanto possível*; sendo esta, como os fogos, organizados em profundidade.

A posição de resistencia comprehende:

Sempre:

úma linha principal de resistencia (L. P. R.) — parte principal da P. R. —, na frente da qual se estende poderosa barragem de fogos de infantaria e artilharia, combinada com obstáculos, tão continuos quanto possível;

úma linha de deter (L. D.) — parte posterior da P. R. —, onde as organizações devem permitir o deslocamento das reservas, o emprego dos fogos numa barragem em sua frente e, ainda, devem abrigar aquellas;

Eventualmente:

úma linha de apoio (L. A.) — imediatamente á retaguarda da L. P. R.; cujas instalações devem permitir a colaboração de fogo nos intervallos da L. R. P. e nas partes mais importantes e cujas organizações devem facilitar as comunicações laterais dentro do ponto de apoio ou do centro de resistencia. Essas comunicações laterais entre os elementos da linha de apoio são executadas antes das ligações laterais entre os elementos (postos de combate) da L. P. R. Reside a razão na maior segurança dos movimentos na L. A.;

#### PORMENORES SOBRE A POSIÇÃO DE POSTOS AVANÇADOS

A posição de resistencia, é coberta por uma posição de postos avançados, que lhe serve de elemento de segurança e comprehende:

Normalmente:

uma linha de vigilância;

Eventualmente:

uma linha de resistência.

*O fraco efectivo normalmente atribuído a essa Posição, não permite satisfactoria organização do terreno.*

#### DIVISÃO DAS POSIÇÕES QUANTO AO COMMANDO

Na ponto de vista do Commando, a frente defensiva é dividida em:

Sector — Divisão

Sub-sector — Regimento

Quarteirão — Batalhão

Sub-quarteirão — Companhia.

Em principio o Sub-sector abrange simultaneamente parte das posições de resistência e a dos postos avançados que corresponde áquella. Algumas vezes acontece o mesmo com o quarteirão.

#### DIFFERENÇA ENTRE A DIVISÃO QUANTO AO COMMANDO E A LOCALIZAÇÃO DA TROPA

A divisão para o Commando traduz-se em faixas juxtapostas, sem solução de continuidade.

A collocação da tropa não obedece a mesma continuidade, as fracções não são dispostos linearmente, lado a lado; ao contrario, são normalmente dispostas em quinconcio. Ellas são mais numerosas e densas nas regiões em que as propriedades do terreno mais favorecem a produção de fogos não só em profundidade como tambem em razão da facilidade de auxílios vindos da retaguarda.

Dahi resulta, quanto a localização da tropa, termos dentro do quarteirão o — Centro de resistência —, dentro do sub-quarteirão — pontos de apoio — e nas faixas inferiores — os postos.

Para maior clareza dessas idéas transcrevemos a seguinte Nota do Cmt. Dumay, na E. A. O. em 1926:

« A POSIÇÃO DE RESISTÊNCIA deve ser organizada, tendo em vista a luta a todo o transe. O que, entretanto, não significa que ella deva

ser ocupada uniformemente e que se apresente igualmente forte em toda a sua extensão.

A economia de força, objectivo essencial que a organização do terreno permite attingir, deve ser traduzida pela ocupação de um certo numero de pontos onde a defesa agrupa seus meios e organiza a resistencia local, mas ficando a protecção dos intervallos assegurada pelo fogo ou pelos contra-ataques.

Os pontos a ocupar são naturalmente aquelles cuja posse apresenta interesse primordial para o defensor ou para o atacante, aquelles que permitem vistas sobre as posições inimigas, aquelles cuja posse proporciona ao defensor facilidades para manter com economia a frente a defender.

Esses pontos constituem o arcabouço da organização; cada um delles é dotado de meios taes que constitue um organismo completo, defendido por uma guarnição que, mesmo reduzida a seus proprios recursos, deve poder se manter durante um tempo determinado.

O elemento minimo correspondente a essa definação recebe o nome de PONTO DE APOIO.

Entre dois Pontos de Apoio o intervallo é ocupado somente pelos elementos de vigilancia.

A guarnição de um PONTO DE APOIO é composta de fracções constituidas, de importancia variavel, geralmente uma Cia., sob as ordens de um mesmo commandante.

Sua acção limita-se a defesa propria de seu PONTO DE APOIO, aos flanqueamentos dos intervallos, não lhe cabendo entretanto a execução dos contra ataques eventuaes nesses intervallos.

Estes contra ataques são confiados a elementos distintos e que não fazem parte da guarnição do PONTO DE APOIO.

A missão do PONTO DE APOIO comporta a resistencia na posição, por todos os meios, a qual só cessará mediante ordem do Cmt. superior. Mesmo quando os intervallos são ultrapassados e os PONTOS DE APOIO envolvidos, devem os defensores esperar com confiança os contra ataques, para os quaes sua resistencia já é uma condição de sucesso, pois, é preciso que estejam persuadidos de que a intenção do commando será sempre de restabelecer a integridade da posição. Além disso, os defensores de um PONTO DE APOIO devem, na medida do possivel, apoiar com seus jogos os contra ataques.

Os PONTOS DE APOIO de uma POSIÇÃO DE RESISTENCIA são repartidos no sentido da largura e da profundidade.

Os mais proximos da barragem de fogos, estabelecida ao longo da orla exterior formam a LINHA PRINCIPAL.

Attendendo-se ao caso de alguns dentre estes virem a cahir, constitue-se uma segunda linha, chamada LINHA DE APOIO, com o fim de restabelecer a continuidade do sistema defensivo.

Os PONTOS DE APOIO da LINHA DE APOIO serão, tanto quanto possível, dispostos atraç e correspondendo aos intervallos da LINHA PRINCIPAL, de modo a dobrar com seus fogos de frente, a acção dos fogos de flanqueamento nos intervallos e a apoiar os flancos dos PONTOS DE APOIO da primeira linha.

Na maioria das vezes, as armas automaticas do dispositivo de fogo envolverão o contorno apparente dos PONTOS DE APOIO. Algumas dellas poderão passar por cima desse ou daquelle PONTO DE APOIO e, então, é preciso dar ás communicações e ás posições de combate um desenfiamento conveniente.

A distancia entre os Pontos de Apoio da Linha de Apoio e os da Linha Principal deve ser tal que elles não venham a soffrer simultaneamente os effeitos dos tiros das mesmas peças.

O conjunto dessas duas linhas de Pontos de Apoio é ocupado pelas tropas da Linha de Combate que, além disso, fornecem as reservas de Btl. e de R. I.

Essas reservas são mantidas á retaguarda em abrigos, nas proximidades dos quaes serão preparadas posições de combate que ellas poderão ocupar no caso de serem submergidos os Pontos de Apoio da Linha Principal e da Linha de Apoio, antes que as reservas possam executar a missão que lhes fora designada.

As reservas podem tambem organizar com seus fogos uma terceira linha a qual será balisada, se possível, por obstaculos. Ha interesse em que esta linha cubra a maior parte das Biás. da A.

Finalmente, os Pontos de Apoio são ligados entre si e com a retaguarda por uma rede de communicação continua.

Certos Pontos de Apoio têm, entre si, afinidades, quer pela solidariedade imposta pelo terreno; quer pela missão commun a desempenhar; por exemplo:

os Pontos de Apoio que mantêm um movimento de terreno cuja Defesa constitue um todo;

os que, englobando uma zona organizada para um contra ataque, emprestarão a este ultimo o apoio de seus fogos;

os que dispõem de uma mesma rede de communicações.

O laço que os reune desse modo traduz-se, na organização do terreno, pelo seu grupamento em CENTRO DE RESISTENCIA (C. R.).

Um C. R. comprehende um numero variavel de Pontos de Apoio, escalonados em profundidade desde a Linha Principal até a Linha de Apoio, ou mesmo, até uma terceira linha, a de deter, quando esta disposição é de natureza a favorecer á acção de commando.

A guarnição de um C. R. é constituida por unidades, collocadas igualmente sob o commando de um mesmo chefe e comprehendendo, alem das guarnições dos Pontos de Apoio, as fracções encarregadas da guarda dos intervallos e as fracções em reserva á disposição do C. R., destinadas principalmente a executar contra ataques.

**A COMPARTIMENTAGEM NO INTERIOR DA POSIÇÃO DE RESISTENCIA** — A compartimentagem no interior da Posição de Resistencia tem em vista limitar as brechas e fornecer bases de partida para certos contra ataques. As linhas que limitam e fecham os compartimentos confundem-se muitas vezes, com as orlas exteriores do C. R. Ellas devem, em qualquer caso, assegurar a continuidade das barragens de fogo e de obstaculos.

**O MASCARAMENTO** — Os Pontos de Apoio constituem, desse modo, zonas activas nas quaes são concentrados os meios da defesa; e são separados uns dos outros por intervallos.

Para poder reduzir as guarnições dos intervallos, o regulamento prescreve que estes em nada se distinguem, quanto ao aspecto, das organizações visinhas.

E', então, imprescindivel que os Pontos de Apoio não possam ser denunciados ás vistas terrestres e aereas do inimigo e que os intervallos não se distingam das posições solidamente ocupadas.

Em VERDUN, por exemplo, 1916, não existindo ainda a preocupação de mascaramento, os allemaes, ao atacar, esmagam immediatamente os Centros de Resistencia separados por intervallos e, desse modo, as tropas de assalto avançam, como annuciavam os comunicados, quasi sem perdas e em columna por quatro, tendo os officiaes a cavallo e á frente.

Quando não fôr possivel, em terreno descoberto, dissimular obras, como, por exemplo, comunicações enterradas, defesas accessorias, etc., será pela continuidade destas e pela uniformidade de seu traçado que se poderá obter o mascaramento da organização.

Se o mascaramento geral de uma posição já terminada pode ser realizado com relativa facilidade, o mesmo não acontece com o de uma organização, ainda em execução, o qual offerecerá serias dificuldades.

Neste ultimo caso, é preciso que as grandes linhas da organização não appareçam logo nos primeiros trabalhos.

Isto constitue uma condição que se deve ter em vista na ordem de urgencia dos trabalhos.

E' necessario começar o trabalho simultaneamente sobre uma grande frente; e não se deve hesitar em empregar grandes effectivos de trabalhadores. Desse modo sahirão do terreno, ao mesmo tempo, os intervallos e os Pontos de Apoio, as falsas e as verdadeiras trincheiras.

Essa regra deve ser retida e sobre ella nunca será demais se insistir:

Os Pontos de Apoio só têm razão de ser quando bem dissimulados; se não o forem estarão passíveis de uma destruição rapida.

*Um Ponto de Apoio é um modo de ocupação do terreno e grupoamento mais intenso de armamento e não um processo particular do desenho da posição.*

E', entretanto, evidente, que não se cuidará do mascaramento em uma tomada de contacto e em terreno desprovido de fortificações. Nesse caso, os Pontos de Apoio naturaes, (bosques, fazendas, caminhos em aterro, povoações, etc.) impor-se-ão por si mesmos e para elles serão inevitavelmente attrahidos os combatentes, em vista das vantagens que oferecem como obstaculos e cobertas e, muito embora o inconveniente de attrahirem os fogos do atacante. Em compensação, nesse momento, o fogo não terá a violencia que poderá apresentar depois de algumas semanas de estabilisação; e, então, á proporção que a violencia do fogo aumenta, vão-se reforçando os Pontos de Apoio naturaes até conseguir-se Pontos de Apoio organizados, com todos os recursos da fortificação. >

(Apontamentos do Major Araripe)

#### INFLUENCIA DO TERRENO SOBRE A ESCOLHA E LOCALIZAÇÃO DE UMA POSIÇÃO

A leitura do numero 73 do R. O. T. permite o conhecimento dos requisitos favoraveis á execução em bôas condições, duma defesa; entretanto para o R. I. e para o Btl. é preciso aceitar como principaes — os dois primeiros paragraphos do n.<sup>o</sup> 72 do referido regulamento:

“Na maioria das vezes, durante a guerra, a localização de uma posição é determinada pelas circunstancias. Em todos os casos, porém; a missão prepondera sobre o terreno e uma tropa instruída aproveita do melhor modo o terreno que lhe é imposto.” . . .

As condições do n.<sup>o</sup> 73, destinam-se em quasi sua totalidade ao conjunto da posição (grandes unidades), pois raramente teremos defesa em frentes pequenas; consequentemente para as unidades inferiores, de que o Btl. é a menor (unidade tactica), a defesa deverá ser sempre concebida

com a idéa de que o terreno *bem feito*, só excepcionalmente será encontrado.

### ACÇÃO DO CMT. DO R. I. E DO BTL. NA CONCEPÇÃO E REGULAÇÃO DOS TRABALHOS DUM SUB-SECTOR E QUARTIRÃO

*Resumo:* Meios organicos do R. I. e do Btl. (Pessoal e material) — Trabalhos correntes do R. I. e do Btl. — Tempo, material e pessoal necessarios á cada especie de trabalho corrente. Conclusões sobre o que vem a ser a acção do Cmt. do R. I. e do Btl. na concepção e regulação dos trabalhos dum sub-sector e quartirão.

#### MEIOS ORGANICOS DO R. I. E DO BTL.

A comprehensão da acção do Cmt. do R. I. e do Btl. na concepção e regulação dos trabalhos dum sub-sector e quartirão, exige o conhecimento dos meios á disposição immediata dessas autoridades, dos trabalhos correntes das unidades referidas e do tempo, pessoal e material necessarios á cada especie de trabalho corrente.

Os meios organicos do R. I. e do Btl., no que concerne aos trabalhos de organisação são de duas especies: pessoal e material.

No emprego desses meios, os commandos devem ter sempre em vista, que a organização do terreno, em principio, é feita pelas tropas que o ocupam com o auxilio da ferramenta e dos materiais de que são dotadas organicamente ou que lhes foram fornecidos, como supplemento, pela retaguarda.

*Pessoal:* vamos dar o efectivo do R. E. C. I. (1.<sup>a</sup> Parte), entretanto é opportuno lembrar que excepcionalmente jogar-se-á com o efectivo citado, pois não é possivel transformar todos em trabalhadores, pelos motivos que seguem:

— serem os trabalhos feitos pelas tropas que ocupam o terreno, é nesse caso além dos trabalhos existe a missão a cumprir (elementos que guarnecem as armas e os elementos encarregados dos reaprovisionamentos);

— prescrever o regulamento que se devem empregar fracções constituidas, o que conduz ao emprego duma fracção de efectivo sempre maior do que o necessário ao trabalho.

Como informação podemos tomar uma media de 150 homens na Cia., 600 no Btl. e 2000 no R. I.

Btl.	Cmt. 3 Cias. de Fuzileiros 1 Cia. Mtr. e Morteiros 1 Pel. Extranumerario		1 official. 12 officiaes, 513 praças. 6 officiaes. 184 praças. 4 officiaes. 116 praças.
	Total		23 officiaes. 813 praças.

R. I.	Cmt: 3 Btls. Cia. Mtr. Regimental Pel. esclarecedores montados Estado Maiores Pelotão commando. Cia. Extranumeraria		1 official: 69 officiaes. 2439 praças. 5 officiaes. 154 praças. 1 official. 23 praças. 7 officiaes. 1 official. 75 praças. 4 officiaes. 224 praças.
	Total		88 officiaes 2915 praças

Deve se destacar:

No Btl.: o grupo de sapadores — 1 cabo e 8 soldados.

No R. I.: o pelotão de sapadores e artifícies — 2.º sargento (1), 3.º sargento sapador (1), cabo sapador (1), e soldados (18), sargento carpinteiro (1), cabo (1) e soldados (2) carpinteiros.

*Material* — O material comprehende: a ferramenta e o material propriamente dito.

ELEMENTOS	Ferramenta				EXPLOSIVOS		OBSERVAÇÕES
	Portátil	Parque	Ferramenta em madeira	Caixas	Cartuchos	Petardos	
Sopa	Sopa						
Cia. Fuz.	115	68					Os explosivos representam material que se collocou aqui para aproveitar o quadro.
Cia. Mtr.	62	36					
Btl.	445	260	195	17	1		
R. I.	1465	859	780	68	4	25	

A titulo de indicação, damos a constituição duma caixa de ferramenta:

1 bedame, 1 talhadeira, 2 formões, 2 limas, 1 martello, 1 marreta, 2 alicates, 1 plaina, 1 desandador, 1 serrote, 1 trado de colher, 1 trado helicoidal, 1 torquez, 2 verrumas, 2 serrotes de ponta, 1 sortimento de pontas e pregos.

*Material propriamente dito:* Os mais empregados em trabalhos de organização são:

- madeiras brutas e esquadriadas;
- ferros e folhas de ferro zinçado;
- arame liso e farpado;
- saccos de terra;
- material de disfarce;
- material para concreto;
- material para empedramento;
- material ferroviario (bitola estreita e reduzida);
- explosivos.

O R. I. e Btl. não dispõem organicamente do material acima mencionado (salvo explosivos conforme quadro retro), que poderá ser recebido da retaguarda ou por exploração dos recursos locaes.

#### *Trabalhos correntes*

Os trabalhos correntes para o R. I. e Btl. comprehendem:

- os locaes de tiro ao ar livre;
- as parallelas (trincheira e abrigos);
- as normaes (sapa);
- os revestimentos simples;
- as defesas accessorias;
- os trabalhos de conservação;
- os abrigos de construção facil (abrigos a ceu aberto), não betonados e abrigos em galeria de mina em terreno favoravel).

Além desses trabalhos ha os de natureza mais particularmente técnicos que são confiados ao pessoal especialista da arma (sapadores), o qual poderá tambem estabelecer passagens sobre brechas pouco extensas e executar destruições simples com explosivos.

Tempo, material e pessoal necessários a cada especie de trabalho	Jornais	MATERIAL TONELAGEM	OBSERVAÇÕES
I — Locaes de tiro.			
II — Trincheira e abrigos.			
— Parallelas — 100 ms., profundidade normal (1m,70).	50		
— Parallelas — 100 ms. rasa (30 cm.):	15		
— Abrigo ligeiro para 1 G. C.	50	10	Material em quantidade variavel com o typo.
— Abrigo para P. C. e posto de soccorro.	60	12	
— Abrigo ligeiro para Sec. de Mtr.	30	4	
— Abrigo caverna para 1 G. C.	900	18	
— Abrigo caverna para 1 Pel.	2200	25	
— Abrigo resistente de escavação a céu aberto para G. C.	200	15	
— Abrigo resistente de escavação a céu aberto para Pelotao.	500	40	
III — Obstaculos			
— Rede arame farpado 100 m2.	5	0,35	
— Linha de abatises 100 m2.	200		Dos quaes 0,2 de estacas, que em certos casos, podem ser encontrados no local.
IV — Communicações			
— Pista de 2 m. para homens em matto medio (100 ms.).	25		
— Pista para viaturas em terreno facil (100 ms.).	20		
— Idem, em matto ralo 100 ms.	60		
— Sapa de profundidade normal (1,70) — 100 ms.	100		
— Sapa rasa (30 cms.) — 100 ms.	15		

### CONCLUSÕES SOBRE A ACÇÃO DOS CMTS. DE SUB-SECTOR E QUARTEIRÃO NA CONCEPÇÃO E REGULAÇÃO DOS TRABALHOS.

São os Cmts. de sub-sector e quarteirão, os que, após reconhecimentos minuciosos, estabelecem os traçados em minucia das diferentes linhas componentes da P. R., definida pelo Cmt. da grande unidade; consequentemente a elles compete estabelecer o plano pormenorizado de organização do terreno.

*O Cmt. do sub-sector (R. I.)* — O sub-sector geralmente desenvolve-se em toda a profundidade da posição L. P. R. — L. A. — L. D., comprehendendo como necessidade de trabalhos de organização o seguinte:

na L. P. R. — locaes de tiro e posteriormente trincheiras, abrigos e obstaculos em sua frente (defesas accessorias);  
na L. A. — locaes de tiro e posteriormente trincheiras abrigos e trechos de paralelas;  
entre a L. A. e a L. P. R. — communicações (trechos de sapas);  
entre a L. D. e a L. A. — communicações (trechos de sapas);

— Postos de commando, postos de socorro, abrigos para pequenos depositos, observatorios (abrigos) e trechos de sapa para a rede de transmissões.

D'ahi resulta que a parte principal do plano a organizar pelo Cmt. do sub-sector será: — *o estabelecimento do schema dos elementos* acima mencionados —, que comporta um estudo prévio na carta para formação duma idéa de conjunto e após um reconhecimento do terreno para ter o sentimento da exequibilidade do previsto e da natureza do solo.

Em seguida passa o Cmt. a preparar a sua *decisão* — para isso raciocinará com:

- a missão — trata-se duma resistencia prolongada ou não?
- inimigo — quando poderá intervir em força? quando poderá inquietar os trabalhos;
- meios — disponho de que meios? só os organicos? ha possibilidades de recursos locaes?

Tomada a decisão torna-se-lhe facil, tudo regular, e que nada mais é do que assignalar:

- a cada elemento subordinado a sua missão;
- a ordem de urgencia dos trabalhos;
- os recursos em ferramenta e material de toda a especie;
- o regimen de trabalho;
- os processos de execução;
- o modo de emprego do material;

— o estacionamento das unidades (se o efectivo em trabalhadores for superior ao dos ocupantes).

*O Cmt. do quarteirão (Btl.)* — A acção do Cmt. do Btl. é completar a do Cmt. do R. I., acompanha-o no reconhecimento do quarteirão que cabe defender ou organiza e decide de acordo com as ordens recebidas do Cmt. do R. I.

Geralmente os trabalhos são iniciados antes do recebimento do plano pormenorizado do Cel. para não se perder tempo e nem os esforços dos homens, pois uma vez locadas as armas compete-lhes iniciar os locais de tiros e melhorá-los progressivamente.

E ao Major que cabe, logo após, o reconhecimento do Cel., regular no seu quartelão os trabalhos; só assim evitará a perda de energias.

**(Continua)**

Livros à venda na "A DEFESA NACIONAL"

# Secção de Cavallaria

Redactor: F. D. Ferreira Portugal

Auxiliar: Dantas Pimentel

A' venda na A DEFESA NACIONAL

**EMPREGO TACTICO DAS ARMAS**

Ten. AL HENGLET

— 5\$000 —

## A ser aproveitado num programma de D. C.

*Cap. DANTAS PIMENTEL*

Nada mais seductor ao espirito do cavalleriano amante de sua arma do que a verdadeira febre que ha actualmente sobre a motorização na Cavallaria.

Mas, entre o sonho dourado e a realidade ha um abysmo de per-  
mejo. Num paiz como o nosso, onde impertamos todo o material de guerra,  
onde ainda não conseguimos siquer dotar cada sub-unidade de um auto  
caminhão para transportes de urgencia, onde depois de quatro annos de  
organisados, os Esquadrões de Mtrs. ainda não tiveram solucionada a  
questão do transporte das peças, onde ainda não descobrimos o tipo de  
sellas que seja de facto util numa campanha e que não dê uma percenta-  
gem enorme de "mattas" nos lombos, onde os homens organicamente ar-  
mados a pistola nunca puderam dar um tiro, porque essa arma é...  
objecto de luxo nas unidades, onde se fala tanto em granadas e os pro-  
prios officiaes para verem um boccal B. F. precisam vir cursar as Escolas  
das Armas, pois não ha um Regimento de Cavallaria ao menos com um  
para amostra... etc., etc.,... podemos concluir que a motorização da  
nossa Cavallaria em tão grande escala como patrioticamente pensam tan-  
tas brillantes intelligencias do nosso Exercito, pertercerá aos sonhos  
inexequíveis.

Teremos que solucionar de um modo pratico e real as innumeras  
questões que estão abertas e não nos crearmos outras, que difficilmente  
poderemos depois remediar.

A nossa Cavallaria terá que contar com o seu legendario e nobre  
amigo — o Cavallo. Desenvolver nos officiaes grande gosto pelo desporte  
equestré e conserval-os em fórmula para grandes esforços é dever de todo  
o Cmt. de Cavallaria conscio do papel que a sua arma terá que desem-  
penhar numa guerra.

Montar a cavallo para um official não é simplesmente utilisal-o como  
meio commodo de transporte de casa para o quartel ou então dar uma  
duzia de saltos numa pista e ganhar um bom premio. E' possuir re-  
sistência para poder andar numa descoberta alguns dias com o rendi-  
mento de 60 ou 70 kms. sem ficar inutilisado logo no primeiro dia. Que  
pensariamos nós de um official de Infantaria que depois de andar 10  
kms. estivesse incapaz de entrar em acção?

A pratica das marchas a cavallo só se consegue executando-as. A  
não observancia das prescripções regulamentares tem logo a sua sanção,  
pois o animal se inutilisa e o cavalleiro se convence da sua falta de habi-  
lidade e da sua ignorancia.

Só o trabalho de picadeiro não dá resistencia, porque ao menor

signal da fadiga o cavalleiro passará logo a uma andadura mais comoda. E' preciso que se esteja no meio de uma estrada a muitas leguas de distancia do ponto da chegada para se sentir bem o caso.

Vejamos como se poderia de uma maneira agradavel proporcionar á officialidade, que leva uma vida de completa monotonia desportiva na fronteira, a oportunidade de treinar-se.

— Em cada D. C. seriam previstos nos programmas, raids, que se effectuariam nos fins dos 1.<sup>o</sup> e 2.<sup>o</sup> periodos. Fiscalisados directamente pelos Cmts. de D. C. teriam lugar obrigatoriamente para todos os officiaes e se realizariam em duas turmas, uma no 1.<sup>o</sup> e outra no 2.<sup>o</sup> periodo. Ex.: na 1.<sup>a</sup> D. C. No mesmo dia partiriam as turmas n.<sup>o</sup> 1 no seguinte movimento: — do 4.<sup>o</sup> R. C. I. para o 3.<sup>o</sup> R. C. I. — do 3.<sup>o</sup> R. C. I. para o 2.<sup>o</sup> R. C. I. — do 2.<sup>o</sup> R. C. I. para o 1.<sup>o</sup> R. C. I. — do 1.<sup>o</sup> R. C. I. para o 4.<sup>o</sup> R. C. I.

No 2.<sup>o</sup> Periodo o movimento seria feito pelas outras turmas em sentido inverso. Seria dado o caracter de raids e portanto num grande rendimento de marcha e num tempo bem limitado.

Essa medida estabeleceria uma ligação de camaradagem entre os diversos corpos de uma mesma D. C. e faria dos quadros verdadeiros vaqueanos da região.

Em 1928 chegou a S. Luiz Gonzaga de passagem para S. Borja, onde atravessaria para a Argentina, o Cel. Russel, addido militar inglez, no Brasil e no Chile e que pratico como todo filho da Inglaterra, passava o inverno no Rio de Janeiro e o verão nas alturas de Santiago.

Havendo ordem para facilitar tudo ao addido, o Cel. Cmt. do Regimento proporcionou-lhe o auto da unidade e um official para o acompanhar. Fui eu o escalado.

Tendo feito a guerra e servido muito tempo nas colonias, o Cel. Russel, homem de 56 annos, tinha uma palestra interessantissima, embora falassemos bem devagar, pois, eu luctava para entender o seu francez espanholado e elle para comprehender o meu "legitimo parisiense" aprendido com um austriaco...

Já pelo meio da viagem o motorista errou o caminho e demos uma volta de trez leguas. Admirado, perguntou-me o Cel. Russel si eu não conhecia bem a estrada. Respondi ser a primeira vez que por ahí passava. Foi enorme o seu espanto com a minha resposta, pois, não comprehendia como um official que já estava a mais de anno numa guarnição, ainda não tivesse visitado todos os regimentos vizinhos.

Nas colonias, disse-me o addido inglez, cada official que chega, vae a cavalo ás guarnições que o cercam e deve acrescentar alguma cousa, melhorando, ao croquis da região. Si os senhores fizessem isso, em pouco tempo teriam toda a rede de estradas detalhada e os regimentos uma boa documentação, cujas copias remettidas ao E. M. E. permitiriam se fizessem nas cartas de manobras annotações complementares.

# A evolução da Cavallaria

## Suas causas — Sua necessidade

*Gen. BOUCHERIE*

Tradução da "Revue Militaire"  
pelo Cap. F. D. FERREIRA PORTUGAL

(Publicado novamente por haver sahido com incorrecções)

Nestes ultimos vinte annos a cavallaria tem experimentado transformações tão profundas na sua organização e no seus processos de emprego que, os grandes chefes do passado, LASALLE, COLBERT, MURAT, custariam a aceitar, como seus herdeiros legítimos; os modestos cavalleiros de hoje, vestidos, todos, com o mesmo uniforme sem ouro nem bordados, usando capacetes sem penacho, armados e equipados como infantes, muitos dos quaes abandonaram, mesmo, os seus cavallos em troca de engenhos mechanicos.

Essas transformações, impostas á cavallaria pelas contingencias da guerra moderna; como uma consequencia inevitavel do progresso, têm sido, ás vezes, mal apreciadas por aquelles que, vendo-a identificada ao cavallo, imaginavam que ella deveria desapparecer no dia em que a potencia destruidora do fogo a obrigasse a renunciar ao combate pelo choque.

E' commun esquecer-se que a organização da cavallaria tem unicamente por fim tornal-a capaz de satisfazer as necessidades que, em todos os tempos, foram impostas ao chefe no desempenho da sua acção de comando:

- primeiramente, de ser informado;
- em seguida, de conservar sua liberdade de acção;
- finalmente, de poder reunir, no minimo de tempo, o maximo de meios, no ponto decisivo.

Esta Organização, em razão do fim a que se destina, deveria ter como condição basica a Mobilidade, porque:

- a informação não tem valor se não for recebida em tempo util;
- a segurança só é efectiva, quando se estende bastante longe;
- a reunião dos meios, no ponto decisivo, é mais efficiente, quando realizada com a rapidez que permitte a surpresa.

A condição immediata seria a Força, porque:

- a procura da informação
- a segurança
- a participação na batalha

acarretam sempre, a necessidade, seja de quebrar as resistências do adversário, seja de aparar os seus ataques.

Durante muitos séculos, o cavalo, que proporcionava simultaneamente a esta Organização a mobilidade e a força, foi para ella um meio de acção tão importante que lhe deu seu nome: Cavalaria.

Entretanto, elle passou a ser, sómente, um meio de manobra, no dia em que a potencia do fogo tornou impossível a acção pelo choque. Desde então, mau grado o espírito offensivo que a animava, e a despeito dos poderosos engenhos de fogo com que foi dotada, a cavalaria perdeu o poder offensivo que a caracterizou no passado, tornando-se impotente diante da efficacia do armamento moderno.

O proprio cavalo passou a ser um meio de manobra insuficiente-mente rapido, desde que a cavalaria teve de ser empregada em proveito das Grandes Unidades de Infantaria motorizadas, cuja velocidade e raio de acção ultrapassavam os seus.

As transformações que a cavalaria experimentou nestes ultimos vinte annos, para se adaptar ás contingencias da guerra moderna, sofreram a influencia de factores diversos: uns, de ordem material — como os progressos da technica em todos os dominios (Armamento — Ligação — Transporte), outros, de ordem moral — como as impressões de uma longa guerra de estabilização, um tradicional e, por vezes, exagerado espírito de arma, etc. Eis porque essas transformações ficaram por muito tempo incompletas, ou retardadas, para só cederem definitivamente, ás imposições ineluctaveis do progresso.

Analysaremos, em suas grandes linhas, as razões e o carácter das transformações porque passou a cavalaria a partir de 1914, dividindo o seu estudo em grandes phases resultantes de causas particulares e apresentando, cada uma, um aspecto proprio.

Estas grandes phases são:

1.º — A Evolução da cavalaria de 1914 a 1925 — As lições da guerra — A potencia destruidora do fogo — A cavalaria renuncia ao combate a cavalo para adoptar o combate pelo fogo.

2.º — Evolução da cavalaria de 1925 a 1930.

A crise dos efectivos — Os progressos da technica, já permittindo á cavalaria desenvolver as suas possibilidades de manobra por meio de

reforços em combatentes a pé, (dragões transportados), já facilitando a procura da informação por meio de engenhos blindados.

### 3.º — A Evolução da cavallaria de 1930 a 1933.

A necessidade de uma intima combinação entre o cavallo e a machina tornou-se indispensável para que a cavallaria pudesse cumprir as suas missões. Tal combinação foi realizada com a ultima organização.

O estudo das transformações experimentadas pela cavallaria desde 1914 facilitará encontrar a fórmula para a qual tende, num futuro mais ou menos proximo, a sua Organização, devendo-se, entretanto, notar que ella não terá uma estabilidade duradoura em razão da evolução constante imposta pelo progresso.

### 1.º — A EVOLUÇÃO DA CAVALLARIA DE 1914 a 1925

A cavallaria de 1914 foi organizada e instruída tendo em vista, sobretudo, a acção a cavallo.

As informações obtidas com relação ás tendencias da cavallaria alemã e o estudo critico das suas ultimas manobras levaram a crer que, no começo das operações, os exercitos belligerantes seriam cobertos e esclarecidos por poderosas massas de cavallaria que se empenhariam em eliminar a do adversario por meio de uma acção brutal.

Parecia logico, pois, organizar esta arma tendo em vista manobras rápidas a cavallo, desembaraçando-a de tudo o que pudesse torná-la pesada, armando-a de lança para as acções pelo choque e desenvolvendo-lhe o espirito offensivo e o amor á refrega que constituiram, no passado, o segredo dos seus maiores successos.

Todos os cavalleiros foram armados de carabina, mas, os meios de fogo collectivos de cada brigada limitavam-se a duas metralhadoras.

A artilharia, reduzida a um grupo de tres baterias por divisão, não correspondia, em absoluto, ás frentes sobre as quaes esta unidade podia combater. Os quatrocentos fuzis do grupo de cyclistas constituíam um fraco apoio aos seis regimentos a cavallo da divisão.

A realidade, entretanto, foi bem outra.

Os combates a cavallo se limitaram, de começo, a simples encontros de patrulhas, sendo que, logo depois, estas mesmas não encontravam mais, diante de si, cavalleiros armados de sabre ou de lança, mas atiradores emboscados nos angulos dos mattos ou nas orlas das povoações.

A potencia do fogo fizera paralizar a acção pelo choque.

Tem-se inculpado os chefes da cavallaria franceza de 1914, por haverem preconizado a acção a cavallo, e desenvolvido um espirito offensivo bastante injustificado, num desprezo absoluto pela potencia de fogo.

Si este desprezo constituiu, na realidade, um grave erro, é incontestavel que o espirito offensivo da cavallaria franceza, seu empenho em

procurar o combate a cavallo, a audacia, a energia, a confiança propria dos seus cavalleiros, proporcionaram-lhe sobre a cavallaria allemã, uma ascendencia moral indiscutivel que a immobilizou para o resto da guerra, notadamente nas oportunidades em que a sua intervenção poderia ter um alcance bastante fructuoso. Assim, não houve perseguição depois de CHARLEROI; em 1918, por occasião das offensivas de Abril e de Maio, a cavallaria allemã permaneceu inactiva a traz da sua infantaria. Esse resultado, muitas vezes mal apreciado exerceu sobre o conjunto das operações uma influencia notavel.

Dest'arte, depois de alguns encontros felizes de patrulhas, nas primeiras semanas da guerra, a cavallaria foi obrigada a renunciar a acção pelo choque, para combater a pé. Em FLANDRES, no YSER, luctou ao lado da infantaria e da mesma fórmula que ella. Submettida ás mesmas provas, teve de empregar meios identicos e, pouco a pouco, os cavalleiros receberam bayonetas, ferramentas portateis, granadas, F. M., e um numero dobrado de metralhadoras. Em seguida abandonaram as barretinas e as couraças e adoptaram o capacete e o equipamento dos infantes.

Nesta rude escola, a cavallaria adquiriu, com o sentimento da potencia do fogo, uma noção mais exacta da capacidade de resistencia que lhe asseguram, na defensiva, as armas de tiro rapido.

De tal fórmula procurou identificar-se aos processos de combate da infantaria que deixou de aproveitar, muitas vezes, todas as vantagens que a mobilidade dos seus cavallos poderia proporcionar á manobra do batalhão de Brigada. Parecia que a epocha da cavallaria havia passado e, entre os proprios cavalleiros, immobilizados durante varios meses nas trincheiras, muitos havia que duvidavam do futuro da sua arma.

O Alto Commando, entretanto, achou necessario conservar grandes unidades de cavallaria para a exploração de um successo eventual, ou para fazer face a qualquer imprevisto. As tentativas de ruptura da frente em 1915 e em 1917 levaram a cavallaria ás mesmas esperanças e ás mesmas decepções. Só as offensivas allemãs de 1918 deram oportunidade a que fossem postas a prova, ao mesmo tempo, sua mobilidade e sua capacidade de resistencia. Não obstante, a guerra terminou sem que se apresentasse a occasião della ser empregada em acções offensivas (salvo no Oriente).

Podem-se resumir desta forma os grandes ensinamentos impostos a cavallaria, ao findar a guerra:

- a potencia do fogo tornou impossivel o combate a cavallo;
- as armas de tiro rapido deram á cavallaria uma capacidade de resistencia que ella jamais possuiu; entretanto, sua potencia offensiva permaneceu limitada pela insuficiencia em meios de artilharia;

— a mobilidade, proporcionada por seus cavalos, permitte a execução de manobras rápidas sobre frentes extensas.

Estabeleceu-se o princípio segundo o qual "A Cavallaria manobra a cavallo e combate pelo fogo".

A sua organização sofreu a influencia desses ensinamentos, e ella começou por aumentar seus meios de fogo.

O regimento passou a ter 48 F. M. e 8 metralhadoras; a divisão, 400 armas automaticas, dois grupos de artilharia a cavalllo, um grupo de cyclistas, tres esquadrões de autos metralhadoras.

A cavallaria tornou seus meios, cada vez mais, identicos aos da infantaria. Havia quem acreditasse que entre uma e outra, não existiria mais que uma diferença de mobilidade. Tal concepção se inscreveu na denominação da divisão de cavallaria, "divisão ligeira", em oposição á de infantaria que passava a chamar-se "divisão de linha".

O esquecimento do papel particular que cabe á cavallaria criou uma confusão singular segundo a qual ella foi quasi considerada como uma infantaria montada.

A doutrina de emprego estabelecida pelos regulamentos, teve por base as grandes missões da Arma: "A cavallaria informa, cobre e combate em ligação com as outras armas". Reconheceu o valor preponderante do fogo; firmou a aptidão particular da cavallaria para a manobra, assim como a necessidade della emprehender acções rápidas; estabeleceu regras oportunas do combate defensivo e da acção retardadora e, em razão dos seus fracos meios em artilharia, não encarou, a maior parte das vezes, as operações offensivas, senão sobre frentes limitadas.

## II — EVOLUÇÃO DA CAVALLARIA DE 1925 A 1930

A redução do tempo de serviço militar e a consequente diminuição dos efectivos, obrigaram a Cavallaria a alterar a sua organização. Tratava-se, com efeito, de satisfazer ás mesmas necessidades com meios mais reduzidos.

Duma parte, tornava-se preciso assegurar aos Grupos de Reconhecimento dos Corpos de Exercito e das Divisões de Infantaria o enquadramento mínimo indispensável para a mobilização; doutra, era necessário conservar a disposição do Alto Commando as Divisões de Cavallaria de que necessitasse.

Os progressos relativos á industria automovel e o aparecimento das viaturas de "todos os terrenos" permittiram chegar-se a uma solução feliz, reduzindo o numero dos regimentos a cavallo a quatro, por Divisão, e reforçado cada uma destas com um regimento de dragões transportados, de tres batalhões, dos quaes, apenas um, teria organização em tempo de paz.

Além do engenho blindado ligado ás estradas, e desde muito tempo, utilizado pela cavallaria para as missões de reconhecimento, foi adoptado o engenho não blindado, mas para todo terreno, como meio de manobra.

Esta associação do cavallo á machina que, de começo, servira apenas para fazer seguir, imediatamente, os regimentos a cavallo de uma poderosa reserva de combatentes a pé, proporcionou, logo depois, as consequencias mais radicaes com relação a evolução da cavallaria.

O espirito de cada arma se inspira no conjunto de suas proprias tradições.

Assim, o infante, que em todas as epochas manobrou e combatu a pé, não vê no engenho mechanico senão um simples meio de transporte que serve para abreviar-lhe as etapas sem lhe alterar os processos de manobra. Para o cavalleiro, ao contrario, esses mesmos engenhos serão aproveitados como novos recursos á manobra que o cavallo sempre proporcionou. Talvez sejam mais delicados que este, porém, são mais rapidos e sujeitos aos aperfeiçoamentos inevitaveis da technica.

As qualidades de rapidez dos dragões transportados, assim como a necessidade de serem protegidos, approximaram-nos do auto metralhadora. Seu papel que, de começo, se limitava apenas a apoiar os cavaleiros, aumentou de importancia, e elles pretenderam ser, pelo menos, seus eguas no cumprimento de muitas missões. Tal pretenção encontrou a sancção do bom senso, e não tardou que fosse admittido o seu emprego nos destacamentos destinados a operar a distancia e rapidamente (apoio á descoberta ou mesmo descoberta).

A nova organização deveria conferir á Divisão de Cavalaria maior mobilidade, permitindo-lhe impulsionar, com mais rapidez e num raio de acção mais accentuado, elementos mechanicos de reconhecimento ou de segurança.

Suas possibilidades de manobra foram aumentadas, assim como os seus meios de combate, que passaram a contar com o apoio rapido de tres batalhões.

Effectivamente, a Divisão de Cavallaria reduzida a quatro regimentos a cavallo, mas, reforçada por um regimento de dragões transportados, dois grupos de 75, um grupo de 105 e um grupo de tres esquadrões de auto-metralhadoras, passava a representar, desde então, o valor de sete batalhões de infantaria apoiados por mais de quinhentas armas automaticas.

Entretanto, esta organização trazia consigo, tambem, pesadas servidões. Entre estas, sobresahiam o aumento da visibilidade e da vulnerabilidade consequente do elevado numero de viaturas destinadas ao transporte dos dragões; uma grande dependencia do terreno, pelo facto de serem estes meios, em sua maior parte, ligados ás estradas; o problema dos reabastecimentos de toda a ordem tornava-se mais difficult etc.

Em summa, o instrumento, á proporção que augmentava em poder, tornava-se mais delicado e mais complexo.

Por outro lado, o regulamento completava e precisava os processos de emprego já admittidos. Preconizava a necessidade de ser explorada, ao maximo, a sua qualidade basica — a mobilidade; estabelecia, como um verdadeiro principio, o emprego dos engenhos blindados, ainda ligados ás estradas, porém, rapidos e bem armados, não sómente nos destacamentos de descoberta como, tambem, no combate, nas acções offensivas locaes e na accão retardadora, durante o periodo critico do desferrar. Sanccionando a evolução já realizada, preparava, ao mesmo tempo, a que deveria vir, fatalmente, com o progresso. A Divisão de Cavallaria passava então a possuir, dado o numero das suas armas automaticas, uma potencia defensiva que poderia explorar com sucesso na cobertura e nas acções retardadoras, graças á aptidão á manobra que a mobilidade lhe conferia.

Ainda uma vez, porém, ella permanecia incapaz, por falta de meios, de desenvolver uma acção offensiva séria numa frente extensa, pois, para o valor de sete batalhões que poderia pôr em linha, não dispunha de artilharia para apoiar senão a dois, o que restringiria sobremodo a sua frente de esforço.

### III — A EVOLUÇÃO DA CAVALLARIA DE 1930 a 1933

A concepção por demais estreita da manobra, consequente da influencia de uma longa guerra de posição, alargou-se pouco a pouco. A volta aos principios da guerra de movimento se impunha em razão, mesmo, da reducção dos effectivos, que não mais permittiria a realização de frentes continuas.

Ninguem contestava a necessidade de uma arma apta ao cumprimento das grandes missões que, no passado, justificaram o apparecimento da cavallaria. Entretanto, a fórmula pela qual ella deveria ser organizada, constituía o objecto de discussões apaixonadas.

Para uns, os progressos realizados pela aviação permittiam reduzir, ou mesmo, suprimir a exploração terrestre, outrora confiada a cavallaria; para o futuro, só o avião deveria fornecer ao chefe as informações de que elle necessitasse. Para outros, a segurança das grandes unidades de infantaria não poderia ser realizada, de fórmula efficiente, por unidades de cavallaria, muito vulnerareis e insuficientemente rapidas para operarem na frente de uma infantaria transportada em caminhões. Uns e outros não condennavam a cavallaria em si, mas, pretendiam limitar suas missões ao papel de uma poderosa reserva de fogos, destinada a reconstituir a continuidade de uma frente ou a organizar, rapidamente, uma cortina defensiva.

Para muitos, finalmente, o engenho mechanico, muitas vezes fragil e sempre dependente do terreno, não poderia, em nenhum caso, substituir o cavallo, mais apto a deslizar atravez dos mattos ou dos campos. Sómente formações que tivessem por "base" o cavallo estariam em condições de cumprir as grandes missões que sempre couberam á cavallaria. Reconhecião, todavia, a necessidade de serem reforçadas as formações hippomoveis com elementos blindados, destinados a facilitar as tomadas de contacto, e com artilharia para remediar a sua diminuta potencia offensiva.

Essas theses tão diferentes, apresentavam, de per si, muitas afirmações verdadeiras. Entretanto, como uma idéa exacta pode parecer absurda pelo despreso, a priori, de certos argumentos fundamentaes, assim tambem, um grande problema corre o risco de ser encaminhado a uma solução infeliz, si o estudo de uma simples particularidade fizer esquecer o quadro geral em que deveria ser encarado.

E' sabido que o avião se tornou um meio precioso de busca de informações; porém, elle só pode informar sob a condição de "ver"; ora, em muitos casos as suas vistas são limitadas, e as informações negativas que fornece são, não raro, destituidas de valor. Por outro lado, a aviação é incapaz de realizar a manutenção dos contactos, o que constitue, sob o ponto de vista da manobra, a condição essencial para o aproveitamento das informações.

Dest'arte, é facil concluir que a exploração aerea, podendo auxiliar e reforçar a exploração terrestre, muito longe está de substitui-la inteiramente.

E' evidente que as formações a cavallo não possuem mobilidade suficiente para realizar a segurança das grandes unidades de infantaria motorizadas, assim como a sua vulnerabilidade não permittiria que ellas conservassem, montadas, o contacto com uma linha de fogo. Porém, nem toda a infantaria é motorizada e, para as divisões que se deslocam a pé, a mobilidade das unidades hippomoveis é bastante sufficiente.

O contacto de uma linha de fogo só pode ser conservado por combatentes que se aferrem ao terreno. Por isso, o engenho blindado seria condenado a destruição, da mesma forma que o cavalleiro, se se immobilizasse deante do fogo.

Se o cavallo possue nos terrenos difficeis uma flexibilidade que ainda não foi adquirida por nenhum engenho mechanico, em muitos casos, a potencia e a invulnerabilidade destes compensam tal inferioridade.

Dahi, a conclusão de que o cavallo e o engenho mecanico constituem meios differentes que, por vezes, podem se substituir e que devem, com vantagem, ser associados. Não ha entre elles antinomia de principio; mas, sim, diferença de propriedades. Oppôr um ao outro, seria um grave

erro que poderia levar ao risco de não se aproveitarem os benefícios que elles poderiam proporcionar pela combinação das respectivas qualidades.

Segundo uma expressão feliz, "a machina é hoje uma socia e amiga do cavallo e não sua rival".

A reflexão e o bom senso venceram, finalmente, as dissensões estereis que, durante muito tempo, retardaram a solução do problema.

A arma que, no passado, foi organizada para satisfazer as primeiras necessidades do chefe na guerra — "ser informado; conservar a liberdade de acção; poder reunir os meios no ponto de esforço principal" — e que só poderia cumprir essas missões sob o condição de possuir ao mesmo tempo a mobilidade e a força; a arma que, outrora, tomou o nome de Cavallaria porque sómente o cavallo lhe poderia proporcionar, essas duas qualidades, foi obrigada a se adaptar á evolução que impõe e que permitte o progresso.

A potencia do fogo condenou a Força resultante da acção a cavallo pelo choque: a cavallaria substituiu, então, as suas lanças e os seus sabres por armas automaticas, adquirindo, sob uma forma diferente, uma "Força" nova e, quiçá, mais efficiente.

A Mobilidade proporcionada, outrora, pelo cavallo pôde ser aumentada pelos engenhos mechanicos: meios de transportes destinados a alliviar os cavalllos ou a conduzir reforços immedios de combatentes e de canhões; engenhos blindados, aptos a facilitar as tomadas de contactos, tornando-as mais rapidas e menos sacrificantes. Desta forma, a cavallaria associava o meio mechanico ao cavallo em proveito da propria mobilidade, sendo levada, por vezes, a substituição total deste, desde que as circunstancias o exigissem.

Foram essas considerações, impostas pela reflexão e pelo bom senso, que serviram de base á organização da cavallaria em 1931.

Esta organização é caracterizada:

- pela combinação estreita entre o cavallo e a machina, na maior parte das unidades da cavallaria — divisões, grupos de reconhecimento de corpo de exercito e de divisão de infantaria;
- pela criação de um limitado numero de unidades de cavallaria inteiramente mechanizadas — grupos de reconhecimento e elementos da reserva geral destinados a serem empregadas em proveito das divisões de infantaria motorizadas.

Longe da perfeição, o que seria impossivel numa phase de constante evolução da technica, a nova organização apresenta vantagens indiscutíveis:

- a) — Augmento da sua qualidade caracteristica, a mobilidade.

Uma divisão de cavallaria que pode alliviar a carga dos seus cavallos, que dispõe de uma descoberta motorizada, capaz de operar a distancia e rapidamente, está em condições, sem grande dificuldade, de percorrer, com todos os seus meios, cerca de cem kilometros em menos de vinte e quatro horas (desde que tal esforço não se repita por mais de duas vezes consecutivas);:

b) — Desenvolvimento das possibilidades de manobra e de combate.

A combinação dos elementos hippomoveis e motorizados, no quadro da divisão e no dos grupos de reconhecimentos, dá á cavallaria a possibilidade de adaptar se facilmente a terrenos ou a situações diferentes.

Por outro lado, os engenhos blindados para todos os terrenos (auto metralhadoras de combate) imprimem ás suas acções offensivas um vigor mais accentuado.

Um defeito, mais apparente que real, existe na reunião, dentro das mesmas formações, de elementos hippomoveis e mechanicos de mobiliades bastante diferentes. Ha quem attribua a esse facto uma importancia exagerada, ao ponto de condenar a propria organização por sua falta de homogeneidade.

Entretanto, a experiecia já condenou, de ha muito, a homogeneidade das organizações militares que, se fosse realizada n'um sentido exacto, exigiria a reunião, nas mesmas formações, de elementos identicos destinados a travar combates particulares.

Por outro lado, a reunião de elementos hippomoveis e mechanicos nas mesmas unidades não quer dizer que elles se devam confundir durante o emprego, mas sim, que sejam combinados de forma razoavel. A arte do chefe consiste, justamente, em saber associar, para um mesmo fim, meios de acção diferentes, sendo, os resultados a obter, tanto maiores quanto mais variados e poderosos forem os elementos a combinar. E' obvio que neste caso as dificuldades de commando tambem augmenntam

#### IV — AS TENDENCIAS ACTUAES DA CAVALLARIA

##### Necessidades e limites de sua evolução no presente

A combinação estreita do cavallo e da machina, que caracteriza a organização actual da cavallaria, era, em principio, necessaria e logica. Entretanto, só os progressos mais completos da technica poderiam proporcionar a sua execução total.

Esta organização, que teve sua origem nos progressos já alcançados, dependia de outras conquistas para ficar ultimada, pois, a adopção de novos meios exigiria aperfeiçoamentos capazes de proporcionar um ren-

dimento maior. Dest'arte, a evolução em curso, longe de estacionar, promettia uma continuação cada vez mais accentuada.

A organização de 1932 comportava o emprego da machina sob duas formas differentes:

1.º — Engenhos não blindados, destinados a augmentar a sua mobilidade e a desenvolver a sua aptidão á manobra (substituição das equipagens hippomoveis por caminhões; condução dos dragões transportados em viaturas para todos os terrenos; desenvolvimento das formações motocyclistas).

2.º — Engenhos blindados, destinados a facilitar a procura das informações, tornando-a menos penosa e mais rapida.

Pareceu vantajoso aproveitar a invulnerabilidade e a potencia do engenho blindado, estendendo seu emprego a todas as missões que obrigavam os cavalleiros a se exporem de peito descoberto, notadamente nas tomadas de contacto. Dahi, surgiu a necessidade de dois typos de engenhos blindados: um, rapido, bem armado, tendo um raio de acção extenso, destinado á procura afastada de informação — o auto metralhadora de descoberta (A. M. D.); outro, menos rapido, com o raio de acção mais limitado, sufficientemente armado para fazer frente a adversarios munidos de fuzil, e destinado a preceder os elementos de segurança da cavallaria — auto metralhadora de reconhecimento (A. M. R.).

Mais tarde, houve necessidade de ser creado um engenho bem armado, de blindagem mais solida, capaz de enfrentar o fogo das armas automaticas e destruir-as, abrindo caminho aos engenhos de reconhecimento ou ás vanguardas — o auto metralhadoras de combate (A. M. C.).

A experientia demonstrou que o engenho blindado, mesmo para todo os terrenos, é muitas vezes impotente, por si só, para quebrar uma resistencia que o detenha deante de uma passagem obrigatoria, assim como a sua incapacidade para manter o contacto, uma vez que seria condemnado á destruição, desde que se mobilisasse. Dest'arte, impoz-se a necessidade de uma combinação constante entre o engenho blindado e o cavalleiro, ou, de preferencia, o motocyclista, que pode acompanhal-o mais de perto.

Dispondo a Divisão de Cavallaria de elementos mechanicos de typos differentes (dragões transportados, motocyclistas, auto-metralhadoras de descoberta, de reconhecimento, de combate) tornou-se indispensavel a sua reunião sob as ordens de um mesmo chefe, constituindo a "Brigada Mechanica".

A combinação mais vantajosa do cavallo e da machina, na Divisão de Cavallaria, deveria, pois, realizar-se, não pela reunião de elementos hippomoveis e mecanicos no interior das mesmas unidades, mas, pela organização de formações que tivessem por base, de um lado, o cavallo (Brigadas a cavallo) e de outro, a machina (Brigadas motorizadas).

Foram constatadas as vantagens desta nova organização que assegura á Cavallaria, não só uma mobilidade maior, como possibilidades de manobra mais accentuadas, permittindo-lhe reconquistar com o engenho blindado, um pouco de sua potencia offensiva do passado. Da mesma sorte, ficaram em evidencia os inconvenientes, e mesmo, os perigos, que haveria no caso do chefe ser levado a explorar a mobilidade dos elementos motorizados, engajando-os em acções isoladas, esquecendo os benefícios que proporciona o seu emprego combinado com as unidades hippomoveis.

A organização actual representa uma longa etapa no curso da evolução que se accentua em cada dia.

Mau grado as vantagens da combinação do cavallo e da machina, ha quem reputa esta solução insufficiente e preconize a motorização integral da cavallaria.

Esta, sob o ponto de vista material, certamente seria possivel desde já, mas, a sua realização apresenta serias dificuldades, entre as quaes sobresahem as grandes despezas que exigiria, e o risco que haveria em se constituirem aprovisionamentos consideraveis de um material que poderia tornar-se archaico em poucos annos. Antes de pensar na realização desta motorização completa, melhor fôr considerar se ella realmente se justifica.

Uma organização só tem valor quando é constituida de acordo com o fim a que se destina.

O emprego do automovel modifcou profundamente as condições de deslocamento da infantaria, proporcionando aos Exercitos possibilidades de manobra estrategica mais largas no espaço, e mais limitadas no tempo; entretanto, estas possibilidades jamais poderiam ser exploradas se o Commando não dispuzesse, para a procura da informação, para a segurança e para a intervenção na batalha, de meios dotados de uma mobilidade que lhes fosse proporcional.

Da mesma forma que no dominio tactico, foi necessario dotar as grandes unidades de infantaria motorizadas de grupos de recónhecimento totalmente mechanizados, assim tambem, no dominio estrategico, para tornar possivel á manobra combinada das grandes unidades motorizadas a amplitude e a velocidade que deve caracterizal-a, foi necessario por a disposição do Commando, uma grande unidade capaz de desempenhar, em seu proveito, as missões que normalmente cabem á cavallaria. Esta grande unidade, que corresponderá precisamente á divisão de cavallaria, não poderá ter a mobilidade necessaria se não fôr, tambem, totalmente mechanizada.

Ella deverá comportar meios mechanicos diferentes e apropriados ás missões que lhe caberão:

- engenhos blindados rápidos e elementos de apoio para as missões de busca de informações;
- órgãos de fogo poderosos (armas automáticas, artilharia) transportados por engenhos mecânicos não blindados para as missões defensivas de segurança e de cobertura;
- engenhos mecânicos de blindagem reforçada, e bem armados, para as missões offensivas e intervenção na batalha.

E' evidente que, se esta motorização integral é necessária, ella não poderá, no momento, ter applicação, senão n'uma parte da cavalaria, não sómente por causa dos grandes gastos e da evolução constante do material, mas, sobretudo, porque as grandes unidades totalmente motorizadas serão em numero limitado, e só terão emprego útil em terrenos favoráveis.

Uma grande parte da cavalaria deverá continuar tendo como base o cavalo, pois, este lhe proporciona ainda uma mobilidade suficiente em muitos casos, sendo, mesmo, em determinadas regiões, superior à máquina.

Todavia, a "Cavalaria a cavallo" necessita accentuar a sua evolução para os seus engenhos mecânicos de reconhecimento que facilitam sua tarefa, e para os de combate que lhe permitem readquirir a sua potência offensiva.

No momento em que a organização da cavalaria e, quiçá, a sua utilidade, constituem objecto de discussões apaixonadas, a experiência, a realidade e a reflexão permitem estabelecer os princípios que devem nortear as verdadeiras tendências da sua evolução:

- as grandes missões que justificaram, no passado, a existência da Cavalaria ainda perduram, porque enquanto houver Exércitos, o chefe terá necessidade de informação, de segurança, de fazer a concentração rápida das suas forças para a batalha;
- os meios de acção e os processos de emprego da cavalaria deverão acompanhar a evolução constante imposta pelo progresso, si se quiser conservar a sua mobilidade privilegiada e a força de que ella necessita para o cumprimento das suas missões;
- a potência destruidora do fogo tornou impossível a acção a cavallo, mas, não diminuiu a importância da cavalaria que conquistou, com os novos engenhos, uma capacidade defensiva e um poder offensivo que jamais conheceu no passado.

# Secção de Artilharia

Redactor: I. J. Verissimo  
Auxiliar: Senna Campos

A' venda na A DEFESA NACIONAL

Notas sobre o emprego de Artilharia

Major VERISSIMO

10\$000

# O novo regulamento de manobra da artilharia allemã

*Traduzido da "Revue d'Artillerie", de Dezembro 1934*

*Cap. HEITOR BORGES FORTES*

A artilharia allemã refunde seus regulamentos.

Já apareceram no começo de 1934, os volumes:

Serviço da peça — canhão de 7cm, 7 modelo 96/16;

Serviço da peça — obuz de 10cm, 5 modelo 15;

Regulamento de tiro de bateria,

e um pouco mais tarde o volume:

Regulamento da bateria atrelada.

A impressão que fica do conjunto destes regulamentos, é a procura da simplificação e o aumento dos meios postos á disposição do Commando. Iremos examinal-os sob estes dois pontos de vista.

O regulamento que corresponde á nossa Instrucção geral para o tiro, ainda não foi publicado, mas é possível prever suas tendencias.

## Instrucção da Tropa

A simplificação ressalta desde logo no que toca á instrucção da tropa: serviço da peça, condução das viaturas.

Um commentador do novo regulamento não deixou de observar que o precedente regulamento fôra feito para homens servindo durante doze annos, não convindo mais ás condições actuaes.

## Bateria atrelada

As formações e evoluções foram simplificadas e reduzidas áquellas que se utilizam em campanha.

## Execução do tiro

A regra de ter dois pontos de referencia, um approximado e um afastado, foi consagrada.

# O TERROR DOS PACIFISTAS



O canhão que bombardeou a capital do mundo durante os dias angustiosos da grande guerra.



Prescreveu-se mais que estes dois pontos estejam situados na mesma direcção para a peça.

Em principio as mudanças de objectivo são feitas partindo da direcção de vigilância.

Estas duas prescrições foram acolhidas com reservas.

Em principio, igualmente, a bateria atira sempre em regimen de parallelismo. Em consequencia, as correcções de abertura ou de convergência do feixe são excepcionaes, não fazendo as peças correcções individuaes de direcção sinão por occasião da formação do feixe. Ficou estabelecido que o "official da bateria" (nosso commandante da linha de fogo) pôde receber o encargo de controlar permanentemente a direcção das peças, o que era anteriormente atribuição dos chefes de peça.

Como consequencia tambem, a ceifa foi supprimida: um objectivo largo é batido por faixas successivas.

Um modo de tiro que desappareceu do regulamento é o escalonamento simultaneo das alças dentro da bateria; o Comando para desencadear um tiro progressivo foi simplificado.

Um commentario de fonte officiosa dá as seguintes justificativas destas modificações:

— Um feixe convergente pôde conduzir em direcção, á inversão dos tiros.

— A ceifa é illusoria, por causa da dispersão e da efficia lateral dos tiros.

Um objectivo é mais efficazmente batido por um tiro massíco que se desloca para cobrir o objectivo, do que por um tiro deluido repartido em toda sua extensão.

A granada explosiva é indicada como a principal munição. Não mais se a especifica nos commandos de tiro.

O canhão modelo 1916 tem agora uma carga reduzida que lhe permite ocupar posições desenfiadas, em pequenas distancias de tiro. A falta de uma carga reduzida se fez sentir durante a guerra, quando houve necessidade de utilizar como peças de acompanhamento os canhões antigos modelo 1896.

A munição de carga reduzida comporta um estojo especial que, feito o disparo e após a ejecção, pôde ser guarnecido com

uma nova carga. Esta disposição permite não reduzir o numero de cargas completas transportadas pela peça.

O numero de cargas do obuz de 10,5 que era de 7 antes, de 8 e 9 durante a guerra, foi reduzida a 5.

Precedentemente a regulação da espoleta no tiro de tempo se fazia pela duração da combustão; dois commandos eram dados á bateria para a distancia e a duração. As chaves de regulação actuaes não exigem mais que um unico commando de distancias, a marcação o correspondendo ao tiro percutente.

Um mecanismo de tiro mudou de nome. O Sperrfeuer (tiro de barragem) tornou-se Notfeuer (que se pôde traduzir por tiro de urgencia,) afim de não deixar suppôr que um tiro pudesse ser intransponivel.

No conjunto, uma simplificação importante da manobra e dos mecanismos de tiro apparece.

### Organização da bateria

A organização nova da bateria introduziu novos especialistas que alliviam consideravelmente os officiaes e deixam em particular ao Commandante da Bateria uma grande independencia de movimentos e uma larga liberdade de espirito.

O Commandante da Bateria dispõe do seguinte pessoal:

- Um official da bateria que commanda as peças.
- Um official observador que pôde ser utilisado para ocupar um observatorio avançado.
- Um sub-official encarregado do apparelho de collocção em direcção (o Richtkreis), vigiado, conforme o caso, pelo Commandante da Bateria ou pelo Official observador.
- Um segundo Richtkreis fica junto ás peças, onde é manejado por um chefe de secção, controlado pelo official da bateria.
- Um bureau de calculo (Rechenstelle), que funciona em principio junto do Commandante da Bateria e que é transportado pela viatura de observação; comprehende um gradu-

ado e um soldado. Todos os calculos eram feitos anteriormente pelos officiaes.

— Uma turma de transmissões, serviço dirigido precedentemente pelo official observador, porém agora dispondo de um chefe: comprehende, entre outras, duas equipes radio, das quaes uma, montada, funciona no observatorio principal, perto do Commandante da Bateria, ou mesmo em um observatorio avançado com o official observador, e a outra, transportada em viatura, se encontra constantemente junto ás peças.

O regulamento prevê, além disso, o adestramento de numerosos observadores. Um Sub-Official é encarregado da luneta bi-ocular (luneta-tesoura.)

Não se pôde deixar de notar com espanto a importancia dos meios affectos ás Baterias.

Uma bateria assim provida não terá nenhum embaraço para absorver duas outras e constituir um Grupo.

### A proxima instrucção para o tiro

O caracter da proxima instrucção para o tiro ressalta nitidamente de um artigo publicado em uma revista militar alema e que, em razão da situação occupada pelo autor, parece bem reflectir as ideas officiaes.

Faz-se notar previamente que até o presente os regulamentos de tiro não têm contido sinão poucos dados sobre a dispersão e suas multiplas influencias no dominio do tiro.

Elles se têm contentado com regras simples:

Garfo de 100 metros

Verificação dos limites do garfo.

Tiro por séries

Escalonamento em profundidade, por lances de 50 e 100 metros.

Estas regras de tiro, applicadas ás distancias médias, com canhões já antigos, pôdem bastar. Mas quando estas condições não foram mais realisadas, houve muitos tiros precarios, por

causa da falta de connexão entre as regras de tiro e as leis de dispersão.

No futuro é preciso estabelecer regras em dependencia mais estreita com a dispersão e desde logo educar o pessoal nessa via.

Esta extensão da educação do artilheiro tem também necessidade de um complemento em um terreno apparentado á dispersão: as correções de toda natureza, a trazer aos elementos do tiro.

Para pôr ao alcance do pessoal uma primeira base de educação, a revista citada deu uma exposição das principaes questões concernentes á balistica e ao calculo das correções.

Em definitivo, a artilharia Allemã que, sem duvida, renova seu material, refunde ao mesmo tempo, seus methodos. Ella vae adoptar regras de tiro menos rígidas, seguindo mais de perto as leis da dispersão e comportando, em particular, o emprego do garfo de 4 desvios provaveis. Em suas preparações de tiros, ella dará o lugar que lhes cabe, ás differnetes correções.

---

#### **Sobre a preparação dos tiros de Art.**

*Corrigir no n. 251, pag. 381, linha 28: DEFINIÇÃO onde se lê dejuncão.*

---

#### **A' venda na "A Defesa Nacional":**

**A DEFESA TERRESTRE CONTRA AVIÕES EM VOO BAIXO**

*Cap. Salvaterra Dutra — Preço 3\$500 — Pelo correio mais \$800.*

---

**Por motivos independentes de nossa vontade deixa de sahir a SECÇÃO DE TRANSMISSÕES por nós anunciada no numero passado.**

---

*A Algeria, conquistada pelos franceses de 1830 a 1848, é mais um prolongamento da França do que uma colónia. A ocupação da Tunisia em 1882 e o estabelecimento do protectorado francês sobre Marrocos em 1912 consolidaram o domínio da França na África do Norte.*

# Secção de Artilharia da Costa

Redactor: J. Bina Machado

Auxiliares: Léo Borges Fortes

Origenes Lima Assumpção

## NOTA DO REDACTOR

*As opiniões contidas nos artigos assignados, não são, nem poderiam ser doutrina da Redacção, que acolhe, sempre com prazer, mas com absoluta isenção de responsabilidade, a colaboração que lhe é enviada.*

Temos entre nós, já vai para um anno, a Missão Militar Americana, cujos ensinamentos estão sendo diffundidos e excellentemente bem recebidos na nossa pequena tropa de A. de Costa. Por isso o Redactor desta Secção, julgou dever fazer esta ressalva, para que se não venha ligar opiniões pessoais, embora respeitaveis e aceitaveis, com a doutrina ou os ensinamentos da Missão Americana.

*Os aplausos que tem recebido a "Defesa" pela criação desta Secção de Art. de Costa, hão de ser, por certo, correspondidos, pois temos tambem recebido copiosa e seleccionada colaboração que iremos publicando.*

# O curso de aperfeiçoamento para sargentos

*Cap. ALTAMIRO DA FONSECA BRAGA*

Director do Curso de Sargentos do C. I. A. C.

Após um batalhar incessante, sem desfalecimentos, certos abnegados que mourejam na Artilharia de Costa (cujos nomes deixo de mencionar, já por bastante conhecidos, já para não cometer a injustiça de olvidar algum), viram suas aspirações e seus clamores satisfeitos. Suas palavras encontraram finalmente écho no patriotismo sadio das nossas auctoridades e, do esforço de uns e da bôa vontade de outros, surgiu, em meiodos do anno findo, a mais joven das nossas escolas militares: o Centro de Instrucção de Artilharia de Costa.

Desnecessario será discriminar a serie de impecilhos e dificuldades que tiveram de ser vencidos. Graças, porém, á operosidade da administração, tudo foi do melhor modo aplainado.

A Missão Americana foi contractada, uma parte da Fortaleza de S. João foi adaptada, instrumentos foram obtidos ou adquiridos e as aulas tiveram, afinal, inicio com 17 officiaes e 18 sargentos, estes depois de serem submettidos a um exame de selecção.

Si, para os officiaes, esta escola era uma grande necessidade assim de methodizar, orientar e aproveitar os valores dispersos que a Artilharia de Costa possuía e cujos esforços, sem directrizes apropriadas, eram perdidos; para os sargentos, então, era imperiosa e imprescindivel.

Todos nós conhecemos de sôbejo, o conjunto dos inferiores da Artilharia de Costa e seu grao de instrucção.

Elles tem em sua maioria, muitos annos de serviço e tambem de idade. Seu cabedal como monitor, se limitava, em regra, a alguns exercícios de Infantaria, ao Guarnecer e Formar Guarnições, na parte de Artilharia (isto emphaticamente e em altas vozes) e ás definições da Instrucção Geral.

A instrucção do graduado, contendo as noções indispensaveis ao seu preparo geral, sempre foi relegada a plano secundario, e excepcionalmente, dada.

Foi, attendendo a estas circumstancias de que estavamos perfeitamente scientes e que nos permittiam aquillatar do nível medio de cultura dos nossos sargentos que, quando elaborámos o programma para a instrucção desse primeiro anno lectivo, propuzemos dividir o ensino em duas partes:

— uma, que denominamos *fundamental*, na qual seriam ministrados os conhecimentos indispensaveis ao estudo dos demais assumptos e que teria por fim desembaraçar o mais possivel os alumnos;

— outra, em que fossem ministrados os assumptos essencialmente militares.

Comprehendia a 1.<sup>a</sup> parte o estudo de Portuguez, Arithmetica, Geometria e Algebra. A 2.<sup>a</sup> abrangia: Topographia, Instrucção Geral para o tiro de Artilharia de Costa, Transmissões, Telemetria, Nomenclatura e serviço de peça, Organização e serviço de bateria de tiro, Munição e paioes e Protecção contra gazes de combate.

Poderá parecer a muitos, desnecessario ou superfluo, num *Curso de Aperfeiçoamento para Sargentos*, o estudo de certos assumptos fundamentaes que elles não devem ignorar, taes como os que constituiram a 1.<sup>a</sup> parte citada.

Mas quem observar quão heterogenea é a formação dos graduados, obtida como sempre tem sido na Costa, por meio dos Pelotões de Candidatos a Cabo e a Sargento, não hesitará em applaudir e esposar as medidas por nós adoptadas.

Esses pelotões primavam por não obedecer, absolutamente, ás mesmas directrizes e programmas, como seria de almejar.

Si, em alguns corpos, o encarregado dos pelotões era um esforçado, dirigia a instrucção com acerto e honestidade e os alumnos approvados possuiam, realmente, os conhecimentos indispensaveis aos sargentos, nouros havia em que aquelle, já por accumulo de serviço, já por negligencia, descurava de seus deveres, entregando a instrucção a um auxiliar, um sargento, o qual a dirigia e ministrava a seu talante.

Não se via esse oficial, por isso, em condições de reprovar os alumnos e estes eram, assim, promovidos a sargentos quando, em justiça, nunca poderiam alcançar o 1.<sup>o</sup> posto dessa classe.

Como poderíamos, então, conheedores que eramos de tudo isso, tentar ministrar a elementos assim tão diversamente formados, noções de topographia (assumpto quasi completamente proscripto na Costa) telemetria, serviço de bateria de tiro, etc., em que o emprego da Geometria seria constante, sem que os alumnos tivessem, desta ultima, as noções essenciaes precisas para a comprehensão das demais?

E o da Geometria quando era ignorado por completo o da Algebra, cujas letras tanto assustam os que não a estudaram ainda?

Vê-se, pois, que, sómente poderiam esses assumptos deixar de ser abordados, si a formação dos graduados tivesse sido feita neste Centro, como o era na Escola de Armas para a Campanha.

Para o futuro, o nosso Curso poderá ter outra orientação, desde que melhore o nível intellectual dos sargentos, o que é de esperar, pois que a doutrina, actualmente firmada pelo E. M. E. é a da formação nos Corpos

até 3.º Sargento sob directivas communs e aperfeiçoamento ou continuaçāo da formação, nas escolas de armas, cujo curso constitue condição obrigatoria e indispensável para a promoção aos demais postos e sendo, em consequencia, supprimido o antigo curso de Cmt. de Secção.

Si bem que não seja a solução ideal, é bem melhor, porém, que a anterior, e sua adopção, segundo parece, obedeceu a motivos imperiosos e razoaveis de ordem económica.

E' aceitável, pois permite que se corrija alguma falha semelhante ás já apontadas acima, e que se uniformisem mais ainda os conhecimentos anteriormente adquiridos pelos Sargentos, permittindo-lhes ampliar seus conhecimentos, empregar e manuseiar certos apparelhos e ter, em fim, uma vista de conjunto relativamente ás possibilidades da Artilharia de Costa brasileira.

Proseguindo, porém, na exposição que fazia das materias do nosso curso, direi que todos aquelles assumptos foram cuidadosa e racionalmente distribuidos pelos 6 meses de que se compoz o anno lectivo e ministradas as aulas segundo o methodo americano de ensino, já usado em outros tempos na nossa Escola Militar e, não sei por que, abandonado: cada um foi estudado durante certo tempo, até ser exgottado e não mais abordado, seguindo-se-lhe outro, geralmente uma sequencia do anterior.

E' o unico methodo possível de ser empregado, quando o tempo é limitado; muitas são as materias a atacar e poucos são os instructores, como neste nosso caso em que todas as disciplinas já enumeradas, foram apenas ministradas pelo director do curso (o signatario destas linhas) com um unico auxiliar, o Capitão Carlos Sayão Dantas.

A organização prévia de um programma geral e completo com a distribuição dessas innumerias materias pelo tempo disponivel, indicando não só os dias como horas de aula e demais minucias, não foi tarefa facil; assemelhou-se a um quebra cabeças japonez. Mas, com grande trabalho e paciencia, foi solucionado e as aulas funcionaram com uma regularidade digna de nota, apenas com a falta sensivel de alguns instrumentos e apparelhos que estão sendo, agora, confeccionados, depois de planejados e estudados pelos officiaes alumnos e cuja adopção definitiva dependerá sómente da sancção da pratica.

A teoria, dess'arte, como era natural, teve de supplantar em alguns pontos a prática e suprimos a falta dos referidos apparelhos mediante visitas a alguns fortes e navios de guerra que os possuam.

Os resultados colhidos no curso de sargentos, ao findar esta 1.ª etapa da vida do C. I. A. C., foram além da expectativa. Os alumnos, cheios de entusiasmo, demonstraram sempre o mais vivo interesse por tudo quanto lhes era ensinado, produzindo todos um esforço notável.

Como uma prova evidente do carinho dos mesmos pelo Curso e pelo que era ministrado, numa demonstração plena de verdadeira comprehen-

são da sua missão no Exercito, citarei a preocupação e receio, constantemente manifestados, de que, ao terminarem seus estudos, de regresso aos corpos, não os destinassem á instrucção e os collocassem em empregos burocraticos como Casa da Ordem, Almoxarifado, etc., e solicitando-nos vehementemente uma ordem prohibitiva nesse sentido.

Uma ligeira estatística, evidenciará, claramente, o movimento do Curso no anno que se findou:

Total de alumnos.....	18
Dias de aula.....	155
Numero de faltas ás aulas.....	39
Total de materias.....	12
Total de aulas dadas.....	438
Total de trabalhos feitos.....	61
Total de trabalhos corrigidos.....	1087

Gráos obtidos nos trabalhos:

Entre 0 e 4 (inclusive).....	173
Entre 4 e 8 (      >      ).....	542
Entre 8 e 10 (exclusive).....	287
Gráos dez.....	85

Gráos de approvação:

Entre 10 e 8 (inclusive).....	7
Entre 8 e 6 (inclusive).....	8
Abaixo de 6.....	3

A experincia colhida aconselhou algumas modificações. Ellas serão adoptadas no decorrer deste anno que breve será iniciado em o qual, como coroação, teremos aquillo que, no que se encerrou, não foi possivel conseguir: o tiro real, commandado e executado por alumnos, officiaes e sargentos, no desempenho das diferentes funções que lhes competem.

Que, ao menos uma vez por anno, nos seja dado assistir a um exercicio dessa natureza, instrucção que sobrepuja todas as demais e cujo proveito é incomparavel, já que não nos é permitido, como na Campanha, por motivos assaz conhecidos, executar frequentemente tiros reaes.

### A venda na "A Defesa Nacional"

Mémoires, Marechal Joffre.....	87\$400
Canas e nossas batalhas, H. O. Wiederspahn.....	7\$000
História militar do Brasil, Danton Teixeira.....	10\$000
O cerco da Lapa e seus heroes, David Carneiro.....	8\$000
A guerra civil, Almirante Thompson.....	10\$000
A batalha de Saint Quentin-Guise-Ten. Cel. Lenglet.....	6\$000

PELO CORREIO MAIS 1\$000

# Algumas considerações sobre “treinamento” do pessoal

I.º Ten. LÉO FORTES

(Alumno do C. I. A. C.)

*«Sobre o commandante da bateria recae a grande responsabilidade de obter acertos no combate».*

*«O alumno aprende melhor executando».*

(Das conferencias da M. M. A.)

As maiores deficiencias na instrucção de nosso pessoal da Artilharia de Costa, têm como origem, serem os officiaes instructores, todos oriundos das unidades da Art. de Campanha. Todos os officiaes possuem o cabedal da instrucção de campanha. Consequentemente applicam os methodos de ensino e os regulamentos desta áquellea, procurando fazer o confronto e natural adaptação. Isto é expontaneo, e tambem aconteceu-nos, como aconteceu aos nossos esforçados antecessores. Estes nos deixaram (em falta de regulamentos especiaes de A. C.) as rotinas de serviço da peça, ou cupola, todas evitadas dessa assemelhação aos regulamentos de campanha e sobretudo ao nosso velho “Provisorio”. Aconselhamos pois aos novos tenentes subalternos e instructores de peças e cupolas o seguinte: a) Não procurar applicar na A. C., os conhecimentos (dossier) da Art. de campanha ou seus regulamentos. b) “Desconfiar” e examinar as rotinas existentes nas unidades de art. de costa, e verificar se elles não foram organizadas sob aquella influencia, (em quanto não forem organizados os regulamentos da Art. de Costa sob a orientação da M. M. A.) procurando modifical-as para melhor, dentro dos dois seguintes principios caracteristicos e diferenciaes da A. de Costa.

1.º No tiro de Costa, o fim principal é obter o maior numero de acertos, (impactos) no objectivo (verdadeiro tiro ao alvo). Não entram quasi em conta, o elemento terreno, (que é um e igual para todos — o mar —) e o proprio inimigo (que muito pouco poderá influir para o não cumprimento da missão):

2.º A grande mobilidade do alvo (em vista das grandes velocidades actuaes) introduz um elemento importantissimo: o factor tempo.

A consideração dessas duas condições, encerra assim completamente, “para o tenente” todos os regulamentos da artilharia de campanha no seguinte principio essencial:

“Na Art. de Costa deve-se procurar mechanisar tudo”, realizando por engrenagens, ar comprimido, hidraulica, ou electricidade, todas as

transmissões, communicações ou movimentos, de modo a ter efficiencia no minimo de tempo. Automatisar tambem o homem naquelle que não pode ser feito pela machina, de modo que elle aja instinctivamente, por movimentos como que reflexos.

Deste modo o pessoal das guarnições irá funcionar tambem, qual machina, cada um na sua função especializada, realisando determinado trabalho no minimo de tempo. Isto será conseguido exclusivamente com a especialisação do pessoal na execução de uma unica função na peça. (Na art. de Campanha, os homens deveriam conhecer todas as funcções).

Sómente no 2.º Periodo de Instrucção poder-se-á procurar obter não a troca de serventes, mas o accumulo de funcções, na previsão da redução das guarnições por perdas.

Assim no que diz respeito especialmente á instrucção da guarnição da peça, deve-se procurar trabalho correcto, no minimo de tempo. Para isto, julgamos conveniente, quer para facilidade do ensino, quer para desenvolvimento da instrucção pela emulação, a divisão do pessoal da peça, em dous grupos de numero variavel, (seja qual fôr o material): — O Grupo de Pontaria e o Grupo de Carregamento. O 1.º destina-se á execução das operações necessarias ao apontar a peça, mantendo-a na direcção e elevação convenientes (pontaria). O 2.º Grupo apromptará a peça para o tiro, preparando-lhe a munição, (paioleiros) fazendo o transporte da mesma, (municadores) manejando a culatra, fechando-a, e preparando o disparo.

Os trabalhos desses grupos distintos, se integrarão para dar a peça prompta para o tiro.

O treinamento do pessoal por grupos permittirá a observação dos resultados, e melhoria dos tempos, por emulação, principalmente quando o trabalho de um grupo depende da terminação de certa operação realizada pelo outro (como exemplo, a elevação, que depende do fechamento da culatra).

A observação attenta desse trabalho por parte do instructor, permittirá a modificação de certas ordens de operações ou introducção de pequenas observações ou dispositivos que facilitem a execução ou melhor os tempos.

O tempo minimo obtido por um dos grupos servirá de padrão, e se certo grupo obtiver um tempo limite superior ao do outro, aquelle será tomado para padrão, dando ao melhor grupo, mais folga na execução. A contagem dos tempos-padrão dos grupos permittirá a determinação dos tempos-padrão nas peças.

O treinamento do grupo de carregamento pode ser feito de diversos modos. Na Marinha, para os materiais das baterias secundarias (canhões de 120 e 101 m/m) cujo carregamento á feito a mão, e portanto sob qual-

quer angulo, o treinamento do grupo de carregamento é feito á chronometro na "machina de carregar". Esta é constituida por uma calha collocada sobre um cavalete em altura identica á da peça, e terminando num dos lados por uma culatra completa, com bloco, alavanca etc. Esta será manejada pelos serventes do mesmo modo que a da peça. O projectil de manejo é introduzido a mão e a soquete na calha pela culatra e escorrega para a frente, voltando por um plano inclinado, á proximidade do servente, na posição em que deveria estar a munição real durante o tiro. Nas torres de 305 em que o carregamento é feito por elevadores, o treinamento é feito com o material, imaginando-se a elevação e carregamento do projectil (o que não é realizado para evitar mossas e o engastamento do mesmo, na camara, sendo a retirada difficulte e prejudicando os exercícios. Apenas, no fim do exercicio, o ultimo carregamento é real. Todas as cargas de projecção são porém conduzidas effectivamente, substituindo a polvora dos saquitos por rolos de corda, ou serragem. Utilisa-se em nossa Art. de Costa, talvez ainda sob a influencia da Art. de Campanha, o projectil de manejo de madeira. Neste caso é preciso imaginar um dispositivo para retirada do mesmo, pela boca da peça, por turma suplementar, de modo á não prejudicar o exercicio. A M. M. A. recommends porém, o projectil de manejo de "bronze" e "ferro fundido", lastrado, para dar-se a mesma impressão do peso do projectil real.

O treinamento do Grupo de Pontaria consiste no registro certo e rapido dos elementos. Deve-se verificar sempre, depois da tomada do tempo, no caso de espera de objectivo. Em caso de acompanhamento de alvo pela luneta (pontaria directa) a verificação deve ser feita permanentemente e simultanea, quer por uma 2.<sup>a</sup> luneta verificadora, quer por um sistema semelhante ao de "borboleta" por nós utilizado nos tiros de fuzil (vidro escuro inclinado de 45°). Tivemos oportunidade de empregar um dispositivo destes, por nós construído quando no forte do Vigia.

A M. M. A. recommends para treinamento de apontadores o tiro com tubo reductor ou sub-calibre, o que permitirá, além disso, o treinamento do pessoal de direcção de fogo. Isto nas nossas condições actuais económicas pode parecer um tanto "theorico". Não é este o processo utilizado na Marinha, a qual nos concursos de apontadores utiliza projectis de exercicio mas de 305, atirando num alvo de pano, com as dimensões da zona de dispersão e colocado a 1500 metros do canhão. Não pediremos tanto, mas apenas projectis para exercicio de tiro com tubo reductor, em vez do nosso celebre "tiro unico de demonstração de fim de periodo, para o soldado ver pela primeira e ultima vez como se comporta o material durante o tiro".

Voltaremos a tratar do assumpto, entrando em minúcias e aplicações.

## Pela Costa...

Com o presente titulo abrimos uma "enseada" em nossa secção, onde abrigaremos todas as suggestões, notas, observações, novidades, curiosidades, etc., sobre assumptos ligados á artilharia de costa e que, de qualquer modo, possam merecer a attenção dos nossos camaradas "costeiros".

Visamos tambem, fugindo das questões puramente technicas, dar informações de ordem geral referentes á Defesa de Costa, sua organisação, seu emprego e suas ligações com as unidades incumbidas das operações puramente terrestres e com a Marinha. Isso sem duvida, poderá interessar aos officiaes de todas as armas.

"Pela Costa" . . . litoral afóra e penetrando rios acima, em busca dos nossos fortes, iremos levar aos nossos companheiros o aplauso e o conforto de reconhecimento dos seus arduos trabalhos em prol do engrandecimento da nossa especialidade, fornecendo-lhes ao mesmo tempo farto subsidio de estudos, baseado principalmente, no que nos vem ensinando a Missão Militar Americana.

"Pela Costa" . . . ainda, penetraremos em nossos fortes, de lá trazendo á luz da publicidade, o que vêm fazendo os nossos camaradas em suas unidades, pelo aperfeiçoamento das mesmas e sua maior efficiencia.

Todas as notas que recebermos serão sujeitas a uma previa censura que mais visará uma questão de ethica jornalistica do que propriamente critica ou córte, e de que sempre daremos ampla "satisfação" aos nossos collaboradores. Havemos de organizar por fim, estamos certos, com a publicação de todas essas notas, uma magnifica fonte de informações para todos os artilheiros de costa.

O que a "A Defesa" sempre fez com a sua proveitosa secção "Da Província", pretendemos fazer aqui, num sentido, "costeando" e "bordejando" "Pela Costa".

### Determinação de distâncias

#### SYSTEMA EMERGENCIA

O trabalho publicado á pag. 390 do n.º de Abril de "A Defesa", pelo Capitão Waldemar Seixas, já se enquadra na matéria de "Pela Costa".

Elle mostra o genero de trabalhos escriptos propostos aos alumnos do C. I. A. C. pela Missão Americana.

O Cap. Hohenthal, da Missão, explicou em aula, pormenorizada-mente o processo, dando os principios em que o mesmo se baseia, o modo de construir os abacos e graphicos, as pranchetas, etc.

Mediante desenhos seus, o nosso Arsenal de Guerra construiu em aluminio, toda a apparelhagem para o "Systema Emergencia".

Aos alumnos foi pedido, como trabalho em domicilio, fazer a descrição detalhada do Systema e seu funcionamento. Esse foi o trabalho que o Cap. Seixas publicou, com a sua applicação a um caso concreto, o da base Vigia-Santa Cruz.

### **Officina de precisão do C. I. A. C.**

Cumprindo o programma de ensino e os methodos de trabalho da Missão Militar Americana, o C. I. A. C. está ultimando os trabalhos de installação de uma officina mechanica de precisão para praticagem dos alumnos, officiaes e sargentos.

Nella serão executados todos os trabalhos technicos referentes á complexa apparelhagem de "fire-control", para o Centro examinar e verificar na practica do tiro, para que, posteriormente, o Arsenal de Guerra, á vista dos melhoramentos introduzidos, inicie a sua fabricação seriada.

E' uma das partes mais interessantes do trabalho do C. I. A. C.; o desta officina completa, util e indispensavel, e cellula mater da futura producção de instrumentos para a direcção de fogo das baterias de costa do Brasil.

### **Livros á venda na "A DEFESA NACIONAL"**

Caderneta do Commandante.....	1\$000
Pelo correio mais 1\$000.	
<i>Guia para a instrucção militar</i> , do Cap. Ruy Santiago, 10\$000, pelo correio mais 1\$000.	
<i>Guia pratico para o recruta</i> , Alexandre Fernandes, 2\$000 pelo correio mais \$500.	
<i>Notas sobre o commando do batalhão no terreno</i> — Cmt. Audet, 3\$000, pelo correio mais \$700.	
<i>Adestramento para o combate</i> , General Paes de Andrade, 3\$000, pelo correio mais \$500.	
<i>O que deve a Infantaria conhecer sobre a Artilharia</i> , Ge- neral José Pinto, 4\$500, pelo correio mais \$600.	

# Secção de Engenharia

Redactor: Lima Figueirêdo

Auxiliar: Bettamio Guimarães

A venda na A DEFESA NACIONAL

Transposição dos cursos  
d'agua para todas as armas

Cap. Lima Figueirêdo

— 3\$000 —

# A Reorganização da Arma de Engenharia

## O desapparecimento do 1.º B. E.

*Ten. X*

Dizia eu, em 1931, pelas columnas de "A Defesa Nacional", que a organização da Engenharia era uma colcha de retalhos mal alinhavada.

Um batalhão de engenharia compunha-se de tres companhias: sapadores, transmissões e pontoneiros. Especialidades tão distintas como estas, difficilmente se podiam combinar — representavam em um frasco mercurio, agua e azeite.

Com elementos tão heterogeneos se tornavam difficileis a instrucção e a administração.

O commandante da unidade não podia comparar o progresso da instrucção nas companhias e algumas vezes era obrigado a commetter absurdos para attender ao serviço.

Explicar-me-ei: uma occasião fiz uma manobra na Companhia de Transmissões com soldados pontoneiros que nunca tinham visto um telephone — numa orchestra representariam um tocador de bombo obrigado a tanger um violino; outras vezes, na Companhia de Pontoneiros, executámos pontes de equipagem com elementos da Companhia de Sapadores.

Deste modo, o Batalhão de Engenharia representava para o recruta uma verdadeira casa de orates, onde ninguem se entendia.

## MA' ORGANIZAÇÃO E LOCALIZAÇÃO

Se a organização da arma era má, a localização das suas unidades era peior.

O 1.º B. E., aquartelado na Villa Militar, para realizar sua instrucção de pontoneiros foi obrigado a represar o arroio

Maranguá — vallo collector de esgotos e aguas pluviaes — transformando-o num viveiro immenso de anophelinos.

Além disto faltava ao pontoneiro o principal elemento — a correnteza. Ensinar pontagem em um lago é a mesma coisa que fazer equitação em cavallo de pão.

O 6.<sup>o</sup> B. E., em Aquidauana, possuia um excellente rio que passa quasi na porta do quartel, porém não podia utilitzal-o por falta de equipagem de pontes.

Por outro lado, a Companhia de Transmissões não podia realizar instrucção de telephonia, porque suas pilhas estavam esgotadas e a encommenda feita ainda não havia sido attendida.

O 5.<sup>o</sup> B. E., com séde em Curityba, ha varios annos transformado em batalhão rodoviar, com serio prejuizo para a formação da reserva da Engenharia, possuia uma equipagem de pontes que não era utilizada, enquanto o batalhão de Ca-choeira, á beira do caudaloso Jacuhy, aproveitava-o deficiente-mente por falta de uma boa equipagem.

Todos clamavam pela necessidade da especialização dos batalhões, collocando os pontoneiros ás margens das caudaes e as companhias de transmissões nos grandes centros commer-ciaes, como Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

### A REALIDADE DE UM DESEJO

Tivemos este anno a satisfação de ver os nossos desejos coroados de exito — foi feita a especialização.

A nova organização da arma de Villagran Cabrita é optima, comtudo merece um pequenino reparo a localização do 1.<sup>o</sup> Batalhão de Pontoneiros em Itajubá.

Itajubá, encravada nas alterosas, não permitte transporte facil. O rio que a serve é o Sapucahy, que possue modesta largura, pouca profundidade e corrente infima.

Ficou o 1.<sup>o</sup> Batalhão de Pontoneiros com uma equipagem para 120 metros de vão e o Sapucahy tem somente, no maxi-mo, 50.

Haverá prejuizo para a instrucção, porque o soldado só adquire a pratica do serviço com o desenvolvimento do mesmo.

E' necessário espaço — largura — para que as diferentes turmas de construcção bem comprehendam o funcionamento das mesmas.

O local padrão para a séde da unidade citada é a povoação de Pinheiro, onde o Parahyba offerece correnteza sufficiente, os fundos mais variegados e largura para todos os vãos.

### **ALEGRIA E MAGUA**

Com a nova organização da engenharia o nosso contentamento não foi completo — morria, com ella, o 1.<sup>o</sup> batalhão de engenheiros, que no dia 1.<sup>o</sup> de abril, completaria 70 annos de fecunda existencia.

Num momento de luta, em que o Brasil em ondas de sangue e fogo levava de vencida as cohortes valentes de Solano Lopez, D. Pedro II organizou o 1.<sup>o</sup> Batalhão de Engenheiros que havia de cobrir-se de glorias com a lama infecta do Chaco.

Achou Sua Majestade que uma arma feita para a luta com os factores naturaes, não precisava de primeiro uniforme e por isso não na enfeitou. Os heroes que para o campo da honra partiram, de lá voltaram com o uniforme de serviço bordado de condecorações.

O primeiro commandante do unico batalhão de engenharia creado foi Hermenegildo Porto-Carrero, o bravo de Coimbra, que como capitão fôra instructor do exercito paraguayo. O seu primeiro ajudante todos conhecem, foi o pae desta república em que vivemos: — Deodoro da Fonseca.

O segundo commandante foi João Carlos de Villagram Cabrita, o heroe de Redempção.

Paremos um pouco aqui.

### **MAIS FACTOS DA HISTORIA**

Uma das funcções da engenharia é encarregar-se da transposição dos cursos dagua.

Pois bem, na guerra do Paraguai, o luzidio Batalhão de Engenheiros occupava a margem esquerda do caudaloso Paraná; os soldados de Lopez mantinham a posse da ilha de Redempção. Urgia ocupar a ilha e os engenheiros, comprehendendo a responsabilidade do momento, investiram em canhões de fortuna, não carregando tropas para o combate, mas sim agindo pelo fogo e com seus próprios meios.

A luta foi intensa, o calor da refrega indescriptivel e enorme a mortandade.

A' tardinha a brisa amena do Paraná balouçava suavemente o auriverde pendão que, rôto pelas metralhas, acenava para todos os quadrantes a noticia da victoria do Brasil em circumstancias tão extraordinarias.

Triste fatalidade ocorreu depois da victoria que veio cobrir de crepe as cores alegres do nosso pavilhão. No momento em que o valoroso commandante da engenharia participava a sua victoria, uma bala assassina levou a sua alma de heroe pra o paraizo celestial.

Além desses bravos que citei, a galeria dos valentes que levantaram a gloria da nossa patria, envergando o castello symbolico, é interminavel.

Conrado Maia da Silva Bittencourt que, depois de Cabrita, guiou o 1.º B. E. desde a margem do Paraná, em 12 de abril de 1866 até 11 de outubro de 1869, em Itacuruy, nas Cordilheiras.

A trindade heroica — Gomes Carneiro, o immortal da Lapa; Floriano Peixoto, o Marechal de Ferro e Bibiano Constalat, o sacrificado de Humaytá.

Ainda: o formidavel tenente Arouca, Emiliano de Carvalho, Augusto Machado, Cursino do Amarante, Juvencio de Menezes, Tiburcio para só numerar o nome dos bravos chefes, porque para citar as simples praças de pret, os heroes anonymous, teríamos que transcrever a relação numerica dos seus soldados.

Com tantos serviços, com tantas glorias, com tantos heróes, o nome do primeiro batalhão de engenharia não podia

ser arrancado da fachada do seu quartel com um simples decreto de reorganização e sim depois que elle fosse esmagado pelo cumprimento do dever no campo da luta.

O 1.<sup>o</sup> B. E. deveria sempre existir como um legado de honra que recebemos dos nossos antepassados. Sua historia era um fanal que norteava, seus servidores,

## DAS FERIAS — SUGESTÕES

Cap. FELICISSIMO DE AZEVEDO AVELINE,

Sendo frequente a cassação do gozo de ferias no Exercito devido as necessidades imprevistas do serviço, o que acarreta aos militares prejuizos monetarios, afora outros que não vêm a pelo recordar, não seria descabido que o governo attentasse para essas situações inesperadas que prejudicam não pouco aos militares, maximé aos officiaes. No geral o oficial aproveita o periodo de ferias para visitar membros da familia (paes ou sogros) que, quasi sempre, residem longe da guarnição em que serve. Empreende o official com a familia uma viagem longa quasi sempre e á custa de grandes despezas (caso de um official cujos paes residem no Rio de Janeiro e o mesmo sirva no Rio Grande do Sul, por exemplo) e, chegando ao seu destino, o governo cassa-lhe em meio as ferias e elle regressa á sua custa, ás vezes sem ter gozado siquer a metade do periodo a que fez jus.

Parece-nos logico que o governo, uma suspensas as ferias do official ou sargento deveria fornecer-lhes passagem para si e para a familia, indemnizar as que o official ou sargento e sua familia dispenderam para se locomoverem de inicio, e dar ao militar, assim que as circumstancias o permittissem, o direito ao gozo de um novo periodo de ferias, como si nada ainda elle tivesse gozado.

Esta sugestão que, á primeira vista, poderá se nos figurar descabida, a um rapido exame terá ressaltada logo a justiça de sua origem, e oxalá que em breve tenhamos acrescentado ao artigo 272 do R. I. S. G., o seguinte:

N.<sup>o</sup>.... O official ou praça, cujas ferias forem cassadas por emergencia do serviço, terá direito a passagem de regresso á sede de sua guarnição para si e sua familia, de acordo com a legislação em vigor.

§ 1.<sup>o</sup> — Ser-lhe-ão indemnizadas as passagens de ida, e ser-lhe-á concedido novo periodo de ferias, assim que cessarem os motivos que determinarem a suspensão das em cujo gozo se achava.

## **Estudos sociaes**

**Redactor: Correia Lima**

## **Pedagogia**

**Redactor: João Ribeiro Pinheiro**

## ORIENTAÇÃO POLITICO-SOCIAL

Cap. A. F. CORREIA LIMA.

Os idealistas que pretendem reformar os anachronico-códigos políticos e as retrogadas legislações sociais que entram e estiolam os generosos imputos das collectividades humanas, em busca de uma finalidade social equanime, se propõem revolver e arejar a bolorenta bagagem, ciôsamente guardada pelo famigerado "coronelismo político" das ultra-liberaes democracias actuaes. A orientação dominante, neste sentido é a do extremismo político-social.

Muitas nações civilisadas<sup>7</sup> (Allemanha, Italia, Portugal, Russia, Hungria, Turquia, etc.) enveredaram resolutamente pela trilha, ainda incerta e mal definida, das modificações revolucionarias de seus regimes político-sociaes, fallidos e imprestaveis.

Outras estão convulsionadas, em plena crise evolutiva, no firme proposito de progredirem nesse campo de actividades (Hespanha, Mexico, Cuba, etc..)

Essa delicadissima phase de transição vem sendo ultrapassada a custa de sacrificios de toda a natureza, dos quais o principal é offerecido pela lucta contra a resistencia, ora passiva, ora activa, daquelles que, por uma commodidade muito egoistica e uma afectada ignorancia das prementes e reaes necessidades do semelhante, não querem, de maneira alguma, alterar a ordem das cousas.

Seus paes, avôs e bisavôs assim viveram, pensam elles, para que então mudar?

O pobre sempre foi miseravel; o humilde nunca poude se elevar; o desgraçado jamais teve felicidade; para que então se preocuparem alguns visionarios com tal ralé? E com essa satanica negação do constructor e nobre sentimento de altruismo, um dos ornamentos da mentalidade humana, esses égolatras combatem, indistinctamente, toda e qualquer tendencia renovadora.

Mas, essa reacção não tem significação social; ella pôde ser comparada ás vascas da agonia de um organismo que se finda. São os ultimos extortores de um ser que, dentro em pouco, não mais existirá.

E' este instinto egocentrico de defeza, o determinante da atmosphera de inquietações que agita a sociedade de hoje.

Mas é evidente e palpável que a situação de intranquilidade actual, sob o ponto de vista politico-social, não se manterá por muito tempo.

As correntes reformadoras se avolumam, dia a dia; as diferentes classes da comunhão humana estão em marcha acellerada para o "Ponto de Nivelamento Social" que, sem igualal-as completamente, por isso que as diferenciações se produzem, naturalmente, de individuo para individuo, estabelecerá um necessário equilibrio social, unico compativel com o grão de desenvolvimento geral a que attingiu a Civilisação Humana.

As doutrinas extremistas, hoje em curso, têm em alta conta essa imprescindivel realização social.

Umas tomam a igualdade de classes para escopo (comunismo, socialismo); outras defendem a predominancia singular do Estado, intimamente entrosado á civica e sublime concepção de Patria (Fascismo, Racismo).

Todas ellas, entretanto, se confundem nos processos de governo, postos em pratica.

Todas elles querem realisar o progresso e o engrandecimento das collectividades que as adoptam, como sendo as mais convenientes ás respectivas necessidades politico-sociaes.

Para isso seus mentores lançam mão dos argumentos mais favoraveis á adopção pratica, tão rapida quanto possivel, pelas massas, simultanea e contradictoriamente, impresionaveis e displicentes, do seu ideologico edificio politico-social.

Antigamente o argumento indiscutivel e decisivo era o mystico. Pela fé religiosa, sem analyses nem discussões, tudo era imposto e acatado porque Deus assim o queria! Era o bastante.

Transposto o periodo theologico, a Humanidade começou a se preocupar mais "terrenamente" com o que se passa no seu habitat, attribuindo aos multiplos phemonenos que a interessam, origens muito positivas, perfeitamente explicaveis pela sciencia humana.

Hoje, já não basta a Vontade Omnipotente e Omnisciente de Deus para convencer aos individuos que esse regimen politico é superior áquelle outro.

As consequencias moraes, sociaes e economicas de sua applicação no seio das nacionalidades é que irão sagral-o ou decretar-lhe a definitiva execração.

Repudiados, em sua maioria, pelo conceito individual e pelo consenso collectivo, estão os retrogados regimens que permitem uma hypertrophia politica, partidarista e individualista, desencadeadora de paixões e appetites, demolidoramente anti-sociaes.

O individuo, geralmente, não refreia nem controla seus instictos egoisticos e, por isso, destruidores; si o Estado não dispuser de uma legislacão social, politica e privada que oponna uma barreira ás más tendencias individualistas ou partidaristas, não poderá realizar a imponente tarefa de sua finalidade social.

Há individuos que concebem a liberdade segundo uma comprehensão sui-generis, original e personalissima; para elles — liberdade — é a facultade, ampla e irrestricta de procedimento subordinado apenas aos caprichos do livre-arbitrio de cada um.

Ora, nem mesmo individualmente isso é possivel e, muito menos, em se tratando de communhão social.

A liberdade de um deve estar em harmonia relativamente á de outro cidadão, sem o que um delles soffrerá constrangimento e será, portanto, prejudicado em seu quinhão de direitos equalitarios.

Si, de individuo para individuo, isso se verifica, com muito mais forte razão de collectividade para collectividade.

Mas, os adeptos das liberaes democracias, regimens que permitem uma politicagem, rasteiramente partidaria e individualista, só têm uma preoccupação, morbidamente obcecante: o accesso ao poder e a mais longa permanencia nelle, não pelo que tem de nobre e elevado seu exercicio, mas sim e exclusivamente, pelos sentimentos negativistas de vaidades e ambições pessoaes e pelos proveitos materiaes usufruidos nos cargos publicos, sinecuras muito cubicadas.

E' o que se vê por toda a parte: uma ansia incontida e insofrida de alcançar o poder, seja lá por que meio fôr.

Os que ficam por baixo extravasam um bilioso despeito, impregnado do visco repugnante da cupidez impotente e insatisfeita, contra tudo e contra todos, não se pejando de descerem ás ignominias da calumria soez e da sordida intrigalha, vehiculadas por orgãos de publicidade, inexcrupulosos e gaveteiros.

Os que estão por cima cuidam, mui pressurosamente, de manter inexpugnaveis suas posições de mando.

Uns e outros descuraram, criminosa e impatrioticamente, dos problemas da mais alta relevancia nacional taes como o economico, o social, o financeiro e mesmo o politico (bem comprehendido); ninguem (governo e oposição) pensa em estabelecer um plano de realisações que obedeça a um programma de trabalho, coordenado e methodico, por isso productivo.

As fallases "plataformas" dos candidatos aos supremos postos têm se limitado a vãs promessas, cheias dos europeis da rhetorica oratoria, destinadas exclusivamente á arregimentação eleitoral.

Nas liberaes-democracias cuida-se somente de eleição e de votantes, e, com isso a Humanidade attingirá o seu desideratum social. Dahi a contrastadora realidade que se vem observando ultimamente.

Quando uma corrente partidaria chega ao poder nada traz de novo ao estatuto politico da nação, porque sua unica preoccupação foi a de se apropinhar nas altas espheras governamentaes do paiz e, depois disso, nada mais.

O Exercito, de todas as classes profissionaes a mais firme em suas convicções de civismo e de cumprimento de deveres, não deve imiscuir-se na politicalha, torpe e mesquinha, que infelicitá o Brasil, mas deve estar vigilante e prompto a repelir as tentativas de desaggregação nacional, movidas pelos derrotistas de todas as épocas.

Deve ter acção cataliptica, junto aos responsaveis pelos destinos da Patria.

A questão social deve interessar a todo bom official, guardando-se, entretanto, o militar de envolver, directamente, sua condição de defensor da patria, em assumptos de carácter sectarista.

O militar deve reservar-se inteira e devotadamente, ao nobilitante exercicio de sua bella profissão.

E' tempo de se tratar de uma unidade de doutrina social no seio da nossa sacrificada classe. Não devemos deixar nossos camaradas, principalmente os jovens, cheios do ardor, irreflectidamente generoso, da mocidade, ficarem á mercê das falaciosas "cantatas" dos exploradores de consciencias.

Si é o politiqueiro que de nós se acerca, tenhamos muito cuidado ! Abotoemos a tunica e nos preparamos para evitá-lo, porque algum máo designio o traz á nossa presença, contando com a nossa ingenuidade, de homens de bôa fé, e com os impetos, geralmente irrefreaveis, do nosso temperamento belicoso por educação profissional.

Si as louvaminhas vêm da parte dos pregadores sociaes, tambem muita cautela, porque esses senhores, mais habilidosos e tenazes que os sordidos politiqueiros, têm um objectivo determinado que procuram attingir de qualquer maneira; em geral estabelecem, intencionalmente, o confusionismo para perturbar o discernimento dos cidadãos nessas delicadíssimas e subtis questões.

Si é certa imprensa que procura despertar nossa atenção, lisongeando-nos com um entusiasmo anormal ou nos atacando desabrida e injustamente, acautelemo-nos tambem,

porque ha "dente de coelho" por traz dessa trama, insidiosa e dissimulada.

Nós, militares, devemos ser exclusivamente soldados, mas soldados conscientes e compenetrados dos nossos deveres para com a Patria.

Devemos constituir, agora mais do que nunca, um bloco coheso, unido, forte e disposto a conter a onda avassalante e despudorada das ambições insaciaveis dos máos brasileiros, os vendilhões corruptos da nossa esplendida unidade politica que, pela pratica cynica, de seus criminosos processos de mandonismo, só attendem aos subalternos interesses partidarios em detrimento da finalidade da Patria: o engrandecimento moral, cultural, economico, politico e social da Communhão Brasileira!

A imprevidencia é uma pessima qualidade.  
Resguarde o seu futuro inscrevendo-se na

## **CAIXA DE CONSTRUÇÃO DE CASAS**

### **DO MINISTERIO DA GUERRA**

#### **SYSTEMA COOPERATIVISTA**

**Avenida Rio Branco**  
**Edificio do Jornal do Commercio - 3.º and.**

## PEDAGOGIA

“N'oublions jamais qu'être officier c'est,  
avant tout, être instructeur et éducateur”

Marechal PÉTAIN

### OS TESTS E O EXERCITO

Pelo Cap.  
JOÃO RIBEIRO PINHEIRO

Ha muito que se impunha uma transformação radical nos methodos dos trabalhos escolares, repellindo o empirismo e adoptando a precisão científica.

Fazia-se necessário a execução de uma psychologia diferencial que correspondesse a uma pedagogia individual. Pois não sendo os individuos igualmente dotados no ponto de vista mental, a instrução sendo uniforme não pode ser igualmente assimilada por todos.

O problema do exame, com todas as suas características medievais, tinha que ser abolido da vida moderna. O “Test” além de substituir-o, vinha servir de guia para a individualização da instrução, tão ardente deseja.

Deu-se o nome de *tests* às provas que determinam o carácter psycho e physico do individuo. A tarefa que se ofereceu ao psychologo foi de encontrar *tests* capazes de por em evidencia as diversas aptidões. Uma teoria satisfactoria das estructuras das aptidões seria muito útil para o estabelecimento dos diagnosticos. Todayia o que impedia estabelecer-a é que nunca se procurava determinar uma aptidão com o mesmo fim. Assim: buscamos através de certos *tests* o diagnóstico de certas funções mentais (memória, atenção e etc.), em outros, capacidades objectivas (atirar de fusil, abrir trincheiras e etc.). Assim chegamos a conclusão de que os *tests* são provas psychologicas simples, rápidas, tão precisas quanto possíveis, que produzem o efeito de sondagens na mentalidade de um individuo e que, repetidos em grande numero, em circunstâncias analogas ou iguais, nos permitem estabelecer, para determinada aptidão especial, normas de rendimento de uma categoria específica de seres humanos.

Os *tests* possuem características que são indispensáveis ao educador: objectivismo e estandardização.

### HISTORICAMENTE

Historicamente sabemos que foi Rousseau o precursor teórico dos “*tests*”, porque no último capítulo do livro II de “Emilio” nos da, pela primeira vez, um exemplo típico do “*test*” mental aplicado por um pai a seu filho.

Galton é que, em 1883, iniciou praticamente a medida científica das diferenças mentais entre vários indivíduos.

Rieger (psiquiatra de Wurzburg) estabeleceu, em 1885, uma série de provas para medir a percepção, memória, compreensão, etc.

Cattell, americano, publica em 1890 uma série de dez "tests" (foi o primeiro que usou tal palavra que logo se tornou universal) para determinar o perfil e physionomia psychologicas.

Seguem: Munsterberg, em 1891, Bolton em 1892, Binet em 1896, Ferrari no mesmo anno, Ebbinghauss em 1897, Toulouse, Pieron, Vaschide em 1904 e tantos outros

### APPLICAÇÕES MILITARES

No decurso da guerra mundial, todas as forças vivas das nações foram dirigidas para a luta; assim, os próprios técnicos e científicos não deixaram de ser empregados, cada qual em sua especialidade.

Isso aconteceu de modo mais sensível nos Estados Unidos, cuja participação tardia no conflito, exigindo o preparo rápido de um exército enorme, obrigou-os a novos processos de seleção do pessoal combatente.

Para constituir os numerosos quadros de oficiais e inferiores, necessários ao seu exército, ellos não podiam esperar que a seleção se fizesse entre homens já perfeitamente instruídos e treinados; tinham necessidade de submeter os futuros graduados a uma instrução intensiva e apropriada às suas funções.

A possante agremiação dos psychologos americanos comprehendeu que podia auxiliar o Departamento da Guerra, incumbindo-se dos exames dos recrutas, por meio de *tests*, afim de determinar o seu nível mental, escolhendo os homens aptos aos quadros de oficiais, e precisando, ademais, quais as aptidões próprias de cada um, o que viria facilitar a organização dos grupos especializados, na complicada organização de guerra.

Muitas comissões de estudos se puseram à obra, uma das quais designada pela Comissão Nacional de Pesquisas. Processos precisos foram elaborados, verificados, propostos, adoptados e utilizados. Uma "Companhia de Psychologos" foi organizada e instruída, para a execução dos exames em toda a tropa. Sob a direcção geral de YERKES, 120 oficiais, 350 soldados e 500 ajudantes realizaram essa formidável obra de avaliação técnica do material humano, — que se tornou possível, graças aos ensaios anteriores de ALFREDO BINET.

Quando se deu o armistício, essa comissão havia determinado o nível mental de 1.726.966 homens, facilitando com isso a classificação para a instrução e utilização especial, permitindo a rápida eliminação dos debeis mentais e dos inaptos (0,5 %) e o emprego immediato dos insuficientes intelectuais (9,6 %) nos serviços auxiliares das tropas.

**A SELECÇÃO  
DOS  
AVIADORES**

Se o exame mental de todos os homens em armas não foi systematicamente praticado senão nos Estados Unidos, na maioria dos exercitos, houve, no entanto, a preocupação de seleccionar os individuos mais aptos para certos serviços especializados como o da signalização, da ligação, e reconhecimento. E, mais restrictamente, na França, na Belgica, na Italia, na Inglaterra, como nos Estados Unidos e na Alemanha comprehendeu-se logo a necessidade de não admittir na aprendizagem dos campos de aviação senão os candidatos que apresentassem sufficientes aptidões physiologicas e psychologicas. Graças a esses exames, conseguiu-se diminuir, numa proporção consideravel, os accidentes das escolas de aviação, que, na maior parte, eram devidos á falta de aptidões dos aprendizes-pilotos, consumindo muitas vidas humanas e um material precioso no momento.

Foi na Italia que se estudou primeiramente este problema especial do exame dos aviadores, de um modo systematico, devendo-se a GEMELLI o traçado do perfil psychologico do candidato á aviação, perfil sobre que se fundava a admissão ou a recusa.

**DIVERSOS ESTUDOS  
DE  
PYSICHO-TECHNICA  
MILITAR**

aliás, completamente elucidada; depois para a "camouflage" que tornava difficult a descoberta dos engenhos disfarçados, na intenção de que se faz, nos Estados Unidos, um exame systematico das condições da visibilidade e invisibilidade. Emfim, estudos sobre o tiro e suas condições constituiram uma introdução ao ensino da balística, permitindo ao mesmo tempo a selecção dos soldados mais aptos, ao mistér especial de orientar o descobrimento de fuzis-metralhadoras, e outros engenhos de guerra.

A medida que a lucta se prolongava, as pesquisas psychologicas iam-se desenvolvendo em todos os sentidos. Pode-se dizer que a guerra europeia fez progredir, em consideraveis proporções, a importancia social das applicações psychologicas, assim como o interesse dispensado ás pesquisas dessa ordem.

Na paz — estes estudos continuaram nas escolas e nos laboratorios de pesquisas, com crescente eficiencia e utilidade, como demonstrei em outros artigos.

Estudos technicos foram ainda realizados sobre os problemas da percepção, que tinham uma importancia toda especial na guerra: primeiramente, para a assinalação pelo som de aviões e submarinos, como a utilização do processo natural da orientação auditiva, e que ficou,

# **Secção de Intendencia**

**Redactor: José Salles**

**Auxiliares: Nogueira Junior**

**Severo Coelho de Souza**

**Ruy Belmonte Vaz**

**A venda na A DEFESA NACIONAL**

**O Formulario do Contador**

**Ten. JOSÉ SALLES**

**4\$000**

## Administração dos corpos de tropa e estabelecimentos militares

I.º Ten. RUY DE BELMONT VAZ

Iniciando nas paginas desta Revista uma serie de artigos sobre administração dos corpos de tropa e estabelecimentos militares, outro intuito, não me traz, senão o de prestar algum serviço util aos nossos camaradas, principalmente áquelles dos primeiros postos, recem-sahidos da Escola Militar.

Bem sei que, dados o amor que todos dedicam á profissão e a ancia incontida de aprender, de aperfeiçoar em tudo os conhecimentos adquiridos na phase primaria da formação do cabedal militar, muitos possuem a theoria sufficiente para o desempenho de qualquer função administrativa, faltando-lhes todavia, a pratica correspondente, pela propria razão de sua natureza de instructores e preparadores de soldados para o combate — principal objectivo dos Exercitos.

Entretanto, durante a paz, na vida quotidiana da caserna, principalmente em guarnições longínquas, não é difficult de ver se jovens tenentes no commando de sub-unidades e até de unidades. Levados pelas contingencias regulamentares a exercerem funcções para as quaes não têm ainda o tirocinio necessario, muitos ficam embaraçados e, apezar de toda a bôa vontade dispendida, vivem receiosos, pois em nossa vida, mais do que em qualquer outra, o rigor das leis penaes attinge a todos, envolvendo muita vez, não só os verdadeiros culpados, como tambem os que por bôa fé, espirito de camaradagem ou mesmo descuido, não tenham procurado em epoca opportuna, salvaguardar os interesses da Fazenda Nacional. Em numerosos conselhos de justiça têm se apresentado aos nossos olhos casos interessantissimos que mostram o cuidado que se deve ter com a legislacão parallela aos regulamentos em vigor, como, por exemplo, o de Ajudantes denunciados em responsabilidade collectiva de Concelhos de Administração, quando ha, além do R. I. S. G., numerosas soluções de consulta, declarando que o official nessas funcões é simplesmente secretario-archivista, não tendo voto e portanto não é capitulado como membros do mesmo Concelho (Aviso n.º 36 de 20-1-932 — Bol. Ex. n.º 91).

O trabalho interno no Quartel, quanto á parte administrativa, é o grande ignorado do mundo civil, que pensa reduzirem-se as actividades de officiaes e praças, ao preparo unico no manejo das armas, nas instruções e exercícios. Não sabem que desde o Commandante ao Cabo furriel das sub-unidades, desenrola-se uma corrente administrativa, cheia de en-

cargos, cujos elos se prendem fortemente e unidos têm sempre de se conservarem, ligados pela confiança mutua e sobretudo pelo dever de consciencia de cada um, na convicção plena de que um acto menos reflectido, illudindo ao immediatamente superior, desde que este não haja providenciado em tempo a correcção da falta ou punição do culpado, o artigo 56 do R. A. C. T. E. M. enquadrão facilmente, podendo até sental-o no humilhante banco dos réos.

E' essa corrente, que jamais poderá soffrer solução de continuidade, o conjunto das responsabilidades, as obrigações de cada um para o cabal desempenho de suas funções e sobretudo a noção que todos devem ter de sua acção na machina administrativa de uma unidade, que pretendo vir demonstrando atravez destas paginas, com singeleza e com os recursos de um longo tempo passado arregimentado que foi o melhor mestre encontrado para me apontar o verdadeiro caminho a seguir, dentro das funções de official de Administração.

Comecemos pela noção de "Unidade Administrativa". Diz o artigo 1.<sup>o</sup> do R. A. C. T. E. M. que "os corpos de tropa, repartições, e estabelecimentos em geral, constituem unidades administrativas e o artigo 3.<sup>o</sup> determina que a mesma seja gerida por um "Concelho de Administração". Todos nós, sabemos então, que por força regulamentar quem administra a unidade é o Conselho. Dahi a diferença que logo surge entre *commandar* e *administrar*.

A Administração, isto é, a gestão dos bens da Fazenda Nacional, em fundos ou material, distribuidos á unidade, é confiada ao Conselho, composto dos officiaes de que tratam os artigos 16 e seus paragraphos do R. A. C. T. E. M. com as alterações do artigo 207 do R. I. S. G. e Decreto 21.567 de 23-6-932 (Bol. Ex. 122).

Além dos officiaes especificados nos Regulamentos citados, o artigo 18 do R. A. C. T. E. M. fala tambem em *agentes do Concelho* e define as suas responsabilidades, enquadrando entre elles os commandantes de sub-unidades. Já se vê, portanto, que todos os officiaes, da unidade que têm função de comando ou chefia do serviço ou "encarregados de incumbencias especiaes que tenham temporariamente dinheiro ou material a seu cargo (ajudante, medico, veterinario, director da escola regimental, instructores, etc.)", são responsaveis perante o C. A. pela gestão do que ficar a seu cargo.

O Decreto 22.837 de 17-6-33 creou na classe de graduados, os subtenentes e o Decreto 23.347 de 13-11-33, regulamentando o respectivo quadro, attribue aos mesmos, as funções de almoxarife-pagador da sub-unidade, isto é aliviou um pouco o Capitão dos pesados encargos de gestor do material ou fundos da Companhia, Esquadrão ou Bateria. Como se trata de um assumpto interessante, em artigos subsequentes,

virei demonstrando em face da legislação recente, tudo o que aos mesmos se relacionar.

Agora mesmo, em face do aviso 53 de 31-1-35, o Fiscal Administrativo, além do que já lhe atribuem os diversos regulamentos em vigor, tem accrescida a sua responsabilidade, com a confeção dos seguintes documentos talvez os mais trabalhosos e importantes da escripturação da unidade:

- a) Ficha para movimento de material
- b) Ficha para movimento de fardamento
- c) Caderno para alterações
- d) Mappa conta-corrente de fardamento
- e) Balanço annual de material e fardamento,

além de por o "Confere" em todos os documentos que devam ser feitos sob a responsabilidade dos diversos gestores.

Isto equivale a dizer que mais uma repartição deve ser organizada numa unidade administrativa, pois tendo cada uma já seus encargos previstos e que não são poucos, não poderá concorrer com o seu pessoal para tão afanosa incumbencia, sem grave prejuizo para si propria. Ao mesmo tempo, não poderá o Fiscal cumprir o estipulado, se não tiver a sua repartição organizada com os recursos em pessoal para attender ás suas necessidades. E' elle hoje o mais sobreacarregado de serviço na unidade, senão vejamos:

Competem-lhe as atribuições previstas nos:

- a) R. I. S. G.;
- b) R. A. C. T. E. M.;
- c) Regulamento para o Rancho da Tropa (ainda não revogado);
- d) Regulamento para o Serviço de Subsistencias;
- e) Regulamento para o Serviço de Fundos do Exercito;

Decreto n.º 204 de 31-12-34 — Diario Official de 6-4-35;

precisando ainda ter conhecimentos sobre o Código de Contabilidade, Legislação do Tribunal de Contas, não convindo esquecer, que, de mais recente, temos as Instruções para especulações de preços (Portaria de 24-12-34 — Bol. Ex. 72), o Aviso 53 de 31-1-35, aprovando os modelos para escripturação dos corpos e estabelecimentos, o Aviso 866 de... 31-12-34 (Bol. Ex. 1 de 5-1-35) sobre medidas de ordem administrativa.

Com o que acima ficou dito, não tenho a pretensão de trazer cousa nova ao conhecimento de officiaes já experimentados, pois no inicio deste artigo já declarei que são estas notas escriptas para jovens officiaes das armas que se vejam transitoriamente collocados na posição de *membros* ou *agentes* do Concelho e o meu desejo ardente é que ellas satisfaçam efectivamente a minha intenção, orientando-os ou pelo menos apontando as principaes fontes de informações para um seguro desempenho de qualquer função de que sejam investidos.

# Secção de Educação Physica

Redactores: Orlando Eduardo da Silva  
Ignacio Rolim

A' venda na A DEFESA NACIONAL

O REGULAMENTO DE EDUCAÇÃO  
PHYSICA.

# Homens para o Brasil!

MENOTTI DEL PICCHIA

Até hontem, limitavamo-nos ao narcisismo da Terra: "O Brasil tem a natureza mais bella do mundo ! O Brasil é o paraíso do universo !"

O homem era aquillo que a pena de Ruy, sublimando, com seu genio verbal as tragicas documentações de Lobato sobre o Géca, pintava com a força e o colorido de um Goya: o monstrengoso, consumido pelo amarellão, ventre timpanico, memoria dormente, anesthesiado pela inércia e pela doença. O homem era o contraste da terra. Era a nodoa da terra...

Hoje tudo vae mudando. Focalizado o problema, nosso patriotismo poz de lado o contemplativismo platonico, deixou de parte o lyrismo, para, com sadia objectividade, reaccionar no sentido de estabelecer uma harmonia entre o homem e o meio. A raça é capaz de todos os milagres. No Géca apalermado, modorrento, sobrava, indene, a fibra boa, o cerne não roido pela malária, pela amarellão e, sobretudo, pela preguiça. Ha, corrente em todos os espiritos, a nova senha: "Demos homens sadios para o Brasil" !

O hygienistz e o pedagogo associaram-se na dura empreitada. O quinino e o livro. A gymnastica e a lição. O laboratorio, a caserna e a escola.

Tenho uma vaga idéa dos contingentes paulistas que partiram para Canudos. A moral não era alta. O physico, porém, era pittoresco. As serpentes dos batalhões capengavam, arrithmicas na sua marcha sem garbo, assimetricas no seu desnivel alarmante, numã pavarosa disparidade de typos, de figuraz, sem falar no abizarrado ecletismo das farpas... Não tivesse a memoria pirogravado esse roldão triste, a arte de Euclides da Cunha, no painel barbaro dos "Sertões", guardaria, como um quadro documental destinado a um mu-

seu, esses bravos, cuja figura era mais de extenuados andarilhos, que de brilhante tropa de assalto. Não lhes faltou, entretanto, espirito de sacrificio e bravura.

Agora o contraste: dia 15 de novembro de 1934, em S. Paulo. Um desfile! Que mocidade admiravel! Os batalhões passam: uma parada de athletas no jogo festivo de uma olympiada? Não: é o Exercito Nacional que marcha! "Homens". Homens no sentido integral.

A comprehensão salvadora do quanto vale a educação physica, rationalizada pela technica moderna, orientada pela especulação scientifica, foi a sabia e opportuna escultora desses torsos apolineos, cuja viril belleza nos enche hoje de orgulho. Uma columna vertebral recurva parece arrastar a precoce decadencia de uma alma sem energia, tal qual numa haste bamba o trapo de uma bandeira esfarrapada e vencida.

O corpo sadio e forte, flexuoso e harmonioso é sempre attestado da presença de um espirito resoluto, lesto, capaz de entusiasmos e de energia. Uma escola de educação physica é um laboratorio de saude e de varonilidade. O seculo é desportivo, filho do sol, da agua, do movimento, dos impetos da victoria.

A belleza de uma geração pode ser criada pelo treino e pela vontade paciente, dentro da festiva alegria dos gymrasios, laboratorios que apuram as qualidades plasticas da Raça,

Felizmente o Brasil, nas suas escolas, nas suas casernas, nas suas associações desportivas, preparou a usina humana, onde, em musculos treinados em corpos sadios, vae representando uma formidavel energia, capaz de abrir novos horizontes aos destinos sempre mais gloriosos da nossa terra.

Exemplo de quanto pode esse criterio dâ-o, hoje, o Exercito Nacionál. E cada soldado que marcha, firme, erecto, garbosso, parece que leva, na expressão individual da propria força, uma parcella da Patria nos braços. Para o Futuro, Para a Victoria!

Estamos, afinal, dando "homens" ao Brasil.

(Transcripçao)

# Aos Instructores de Educação Physica

*Pelo Cap. IGNACIO F. ROLIM*

Quando, na Idade Média, passou a instrução das mãos do clero para as de professores escolares, o ensino nas escolas de língua vernacula tinha uma forma rudimentar e servia as classes da sociedade a que era destinado; não exigia de quem ahi ensinava sinão um pregaro tambem rudimentar, e isso mesmo no sentido intellectual, por quanto, do tirocinio pedagogico, em absoluto não se cuidava. Os professores eram inteiramente improvisados. Muitos não eram profissionaes, chegando até a causar-nos verdadeiras surpresas as estranhas allianças que faziam da profissão ou ocupação que tinham com a de professor, como acontecia na escola de Burgdorf, em que Pestalozzi ensinou, e onde o professor era um sapateiro, que trabalhava em seu officio nas horas vagas que lhe deixavam as aulas. O velho mestre-escola e ainda professores relativamente novos eram incumbidos de instruir seus alumnos. Instruir queria dizer: fazer com que se apossassem os alumnos de uma serie de conhecimentos e de technicas considerados necessarios, como base indispensavel a vida, ou como cabedal a ser utilizado em estudos ulteriores. A principio sem nenhuma base psychologica e, depois, com rudimentos de psychologia mal ajustados aos fins pedagogicos a que se destinavam, ia o professor conduzindo seu ensino, sem conhecimento verdadeiro do alumno e sem levar-lhe em consideração a individualidade particular, antes procurando afeiçoar toda classe a um padrão unico, de acordo com as necessidades do ensino collectivo.

Ao professor se pedia que *ensinasse* e não que *educasse*. Sua função era, portanto, muito mais restricta. Quem realmente tinha o encargo de educar, isto é, de formar a personalidade integral do futuro homem, era a familia. Desta e da vida no mundo é que a criança, depois homem e cidadão, recebia seus verdadeiros ensinamentos de moral, de vida prática de etica social.

A educação escolar moderna, entretanto, sem substituir a familia, liga-se-lhe intimamente. Estende-se muito além das paredes da escola, entrosando-se na familia e penetrando na sociedade. O que se faz na vida prática, o pregaro do alumno para a luta pela vida são grandes preocupações do mestre actual. A vida social, o pregaro para a vida em commun é a finalidade ultima do esforço do mestre. E tudo isto, sem esquecer o alumno, o individuo, as particularidades e os direitos do "eu" individual.

Educar para a vida real: eis o problema. Porque a vida pratica, bem encarada, não é sinão o exercicio dos habitos que obedecem e se exercem em vista das necessidades, de acordo com seu temperamento e com o meio em que se desenvolve. Para isto, será necessário visar os aspectos mais interessantes da vida nacional, conhecê-la, comprehendê-la e interpretá-la pedagogicamente.

Quaes de seus phenomenos são os que devem preoccupar preferentemente o pedagogo? Qual é o mais importante para a vida pratica: o desenvolver exclusivo da intelligencia ou o regular dos orgãos vitaes por excellencia?

Que é, enfim, a vida do homem, quais devem ser as suas finalidades superiores, que meios e que forças o permitem cumprir mais vantajosamente os seus deveres sociaes?

E' acaso a intelligencia, a memoria, a vontade, a força, a saúde, o cerebro ou o músculo, separadamente? Não será necessaria a contribuição ou a conjugação harmonica de todos esses valores?

Como se obtém essa organização harmonica das funcções que constituem a vida?

A primeira necessidade do homem é *viver* e a segunda é *educar-se*; e por isso, a Educação Physica deve constituir a base do processo educacional da criança, do adolescente e do adulto, porque a vida superior que ella proporciona é a unica compativel com as exigencias da educação geral.

"As leis naturaes regem a nossa evolução e é dever do educador ajustar-se a elles, porque a essencia da educação consiste em auxiliar a natureza orientando as suas forças para os fins a que se destinam".

Não se podem burlar, as leis da vida elles trazem latente a reacção immediata contra aquelles que pretendem violental-as ou interpretal-as erradamente.

Para que o alumno possa tirar proveito dos ensinamentos do mestre, necessita desfrutar normal e plenamente a vida, que é um phénomeno physiologico, e isso não é possivel, si a educação physica não intervém como agente *basico*.

A educação physica, encarada como parte integrante da educação geral e como seu agente *basico*, põe em evidencia o papel do instructor, exigindo um conjunto de qualidades muito diversas e notaveis para o cumprimento da bella missão que lhe é confiada.

Infelizmente, ainda perdura na mentalidade de hoje a ideia de que, para exercer as completas attribuições de *educador physico*, é sómente necessário e suficiente ter uma aptidão physica natural ou oriunda de uma actividade desportiva empirica e totalmente mal comprehendida.

A maioria dos instructores dessa especialidade que ainda existe no Brasil, são antigos desportistas, alguns estrangeiros, sem occupação nas suas patrias, ou méros ocupantes de empregos regularmente remune-

rados, para satisfazer o cumprimento de uma missão tão ardua, quanto cheia de grandes responsabilidades.

A ignorancia, na sua faina destruidora, ultrapassa todos os limites e leva, criminosamente, individuos sem o mais insignificante conhecimento da machina humana para a frente de numerosos criaturas, afim de lhes ministrar a pratica do trabalho physico.

A responsabilidade de taes crimes permanece á espera de que se coloque a Educação Physica nos pincaros da maior necessidade nacional, para que então se comprehenda o seu verdadeiro aspecto social, e que individuos physicamente incapazes nada podem produzir para si, nem para a familia, nem para a patria.

Essa preparação physica, sobre a qual repousam os destinos de nossa nacionalidade, exige, urgentemente, uma verdadeira phalange de educadores que estejam a altura da missão tão grandiosa, quão sublime, de modeladores, plasmadores das gerações do porvir.

Para avaliar o prepero que o instructor precisa ter basta lembrarmo-nos do que é exigido para o mestre da parte intellectual.

O bom instructor deve possuir conhecimentos theoreticos extensos levando em conta que a pedagogia moderna accentua firmemente na Psychologia, que a pedagogia moderna é pedagogia social. Por isso, não pode ser instructor ou professor quem não tiver solido prepero psychologico. e a psychologia é sciencia que paira nos mais altos graus do saber, exigindo uma serie consideravel de conhecimentos. Não pode ser professor ou instructor quem não conhecer e comprehendere perfeitamente os problemas sociaes, o mecanismo social, a difficil technica do viver em sociedade e trabalhar em cooperação — e isso exige preparação de alto quilate intellectual. O aspecto social importa em conhecimentos de sociologia e até de direito, que envolvem preparação etica superior, conhecimentos de sciencias historicas e base philosophica accentuada.

São de importancia magna extensos conhecimentos de anatomia e physiologia applicadas a Educação Physica, de Biotipologia, do mecanismo dos movimentos da hygiene na vida individual e collectiva; em uma palavra, convém conhecer o organismo humano e a maneira pela qual elle reage em presença do movimento, sob todas as suas formas, em presença do ar, da agua, da luz.

A ausencia desses conhecimentos indispensaveis tornam o instructor mediocre, incapaz de modelar e aperfeiçoar o corpo humano.

Os conhecimentos theoreticos devem ser duplamente ultrapassados pelas condições technicas e praticas.

O instructor completo deve ser tambem um optimo executante.

Submettendo o seu proprio organismo a pratica do trabalho physico, elle não só sentirá os effeitos, como apreciará os seus resultados. Elle experimentará as dificuldades de execução de certos exercícios e

não exigirá de seus alumnos esforços impossíveis e estereis. Elle poderá enfim, fazer seus ensinamentos pelo exemplo, meio de ação ou de per, suassão incomparável em matéria de Educação Physica.

Além destas imprescindíveis qualidades de saber, ainda carece de outras que o tornam um pedagogo e um mestre.

Para comunicar seu saber aos outros, para lhes impor suas convicções, precisa de qualidades diversas e difíceis de analysar: intelligencia bem esclarecida, vontade firme, bom humor, afabilidade, docura, prudencia, paciencia, perseverança, firmeza, segurança de julgamento, espírito de methodo e de previsão, noção nítida de justiça ou equidade; todas estas qualidades devem ser possuídas pelo bom pedagogo.

"O instructor, como se vê, de acordo com esta concepção, deve ser mais do que um mestre, um despertador de interesses e de energia, um criador de alegria pelo trabalho, um estimulador de actividades adoráveis, uma força viva, que domine os alumnos, colaborando com elles, orientando as suas tendências pessoais, e tirando partido de seus próprios defeitos, para a expressão original de seu pensamento".

"Todo instructor, de acordo com as ideias da educação integral, é um educador; o instructor que, dando sua lição, julgou concluída sua tarefa, não é digno da profissão que exerce no interesse público. A elle, é que cabe contribuir para a educação moral e cívica pelo exemplo constante e pelas oportunidades que lhe dá o ensino a seu cargo. Não há matéria, não há actividade, não há solemnidade que não dê ensejo a uma lição de moral ou de cívismo. Incutir no espírito do alumno a consciência do dever e da responsabilidade; formar-lhe o carácter; criar e despertar-lhe a consciência dos deveres de cidadão, não é, pelo seu alcance, tarefa de um ou vários mestres, mas de todo um corpo de professores, quer da parte de educação physica, quer da parte de educação intellectual que, unidos por ideal commun e empenhados, por um profundo sentimento cívico, devem tornar o cidadão capaz de amar a sua terra e revelar, como prova maior desse amor, o espírito de sacrifício, o desprendimento pessoal, a disciplina e o hábito do trabalho — em uma palavra: o cumprimento do dever".

Assim convictos, sigamos, cheios de fé e ardor patriótico, estas palavras prophéticas de Fernando de Azevedo, para que nelas inspirados possamos um dia atingir o almejar constante de uma pátria melhor e mais feliz.

---

Adquira na "A Defesa Nacional" o Regulamento de Educação Physica.

Preço 8\$000 — Pelo Correio 9\$500

Art. 26—A Administração e os Redactores são responsáveis pelas publicações não assignadas que a Revista editar, e declinam de qualquer solidariedade, não expressamente declarada, às idéas espandidas nas colaborações assignadas.

Não serão restituídos, em caso algum, originais dos trabalhos recebidos para publicar na Revista.

### **EXPEDIENTE**

I. Sede Provisória da administração: Q. G. do Exercito, edifício de madeira. Aberta das 14 às 17 horas.

II. Correspondência para a Caixa Postal n.º 1.602.

Discriminar no endereço: Ao Secretário, assumptos de colaboração; Ao gerente, assumptos de assinatura; Ao Bibliothecário, encomendas de publicações.

III. Preços de assinaturas:

Anno.....	18\$000
Semestre.....	10\$000
Número avulso.....	2\$000
Para sargentos — Semestre.....	8\$500
Para alunos das escolas militares e do C. P. O. R. — numero.....	1\$500
Para remessa registrada e assinaturas avulsos, por semestre, mais.....	1\$800

Os pagamentos devem ser feitos adeantadamente e as assinaturas começam com o número de janeiro ou de julho.

O Gerente é encontrado na redacção às quarta-feiras das 15 às 17 hs.

Pedimos encarecidamente aos nossos colaboradores que enviem, para facilidade do serviço, as figuras separadas do texto e se possível já desenhados a nákin.

O Regulamento de Educação Physica faz falta a qualquer oficial arregimentado.

**PREÇO 10\$000**

Variedades  
e  
Noticiário

A' venda na

**A DEFESA NACIONAL**  
**O REGULAMENTO**  
**DE CONTINENCIA**

**Discurso pronunciado por occasião da abertura  
dos cursos da Escola do Estado Maior,  
pelo General Chefe da Missão Militar  
Franceza Gen. NOEL**

SENHOR MINISTRO;

MEU GENERAL;

MEUS SENHORES;

E' com emoção e acatamento, que nos apresentamos deante de vós. Sois a joven élite do Exercito Brasileiro, deste exercito ardoroso e trabalhador que nos chamou ás suas fileiras.

Nos vossos olhos, vemos refletir-se a alma de vossa nobre Patria e os sentimentos de amizade que ella nutre pela França.

Por que, pois, não sentiremos nós esta emoção profunda que nos une?

Por que, pois, não sentiremos vivamente a grande honra que se nos faz?

Embaixadores, junto a vós de todos os nossos camaradas francezes, conhecidos ou desconhecidos, nós vos transmittimos a sua fraternal saudação e nos inclinamos respeitosamente ante vossas bandeiras.

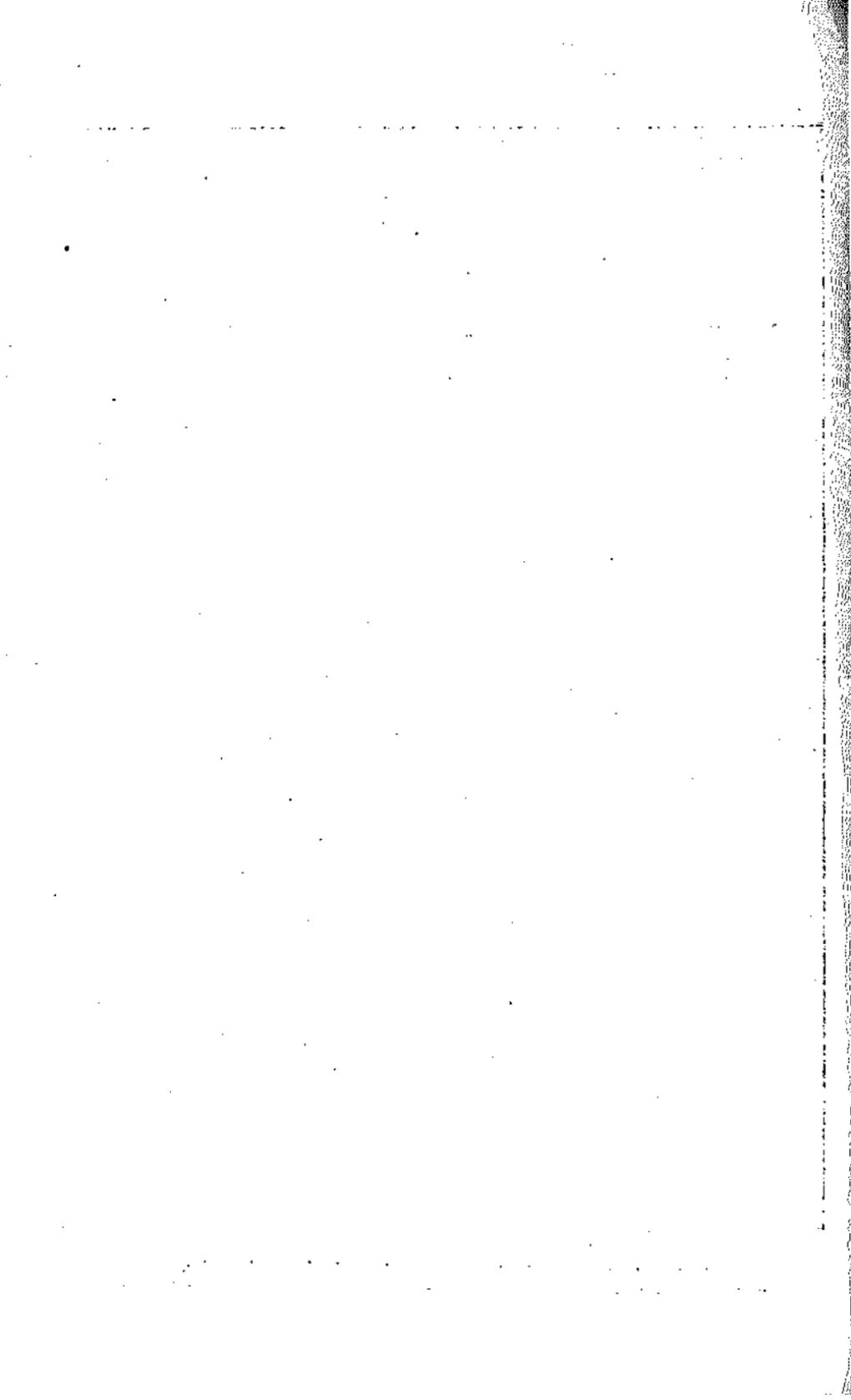
Admittidos nos vossos estudos, pedimo-vos insistentemente que vejaes em nós officiaes brasileiros, inteiramente devotados á grandeza de sua nova Patria e commungando comvosco no mesmo ideal.

N. da R. — "A Defesa Nacional" tem a honra de publicar as primeiras palavras dirigidas pelo actual Chefe da Missão Militar Franceza aos officiaes do nosso Exercito. E' uma rapida synthese, exprimindo não apenas a confirmação dos sentimentos de camaradagem e do animo de trabalho, leal e consciente, em nosso proveito, que tem caracterizado a ação dos officiaes francezes entre nós, mas também contendo claro e opportuno ensino, sobre o valor da reflexão na resolução dos problemas da guerra.

Somos profundamente gratos ao Snr. General Noel por ter attendido solicitamente ao nosso pedido, pelas palavras de estímulo e referencias elogiosas á nossa Revista e pela promessa de honrar as nossas columnas com a collaboração de todos os membros da Missão.



A chegada do General Góes Monteiro à Escola de Estado Maior.  
O General Noel fazendo o seu discurso, que a "A DEFESA" publica na íntegra.



Estamos aqui numa escola e entretanto não somos mais creanças; mas no exercito, como alhures, nunca cessamos de aprender.

Houve tempo, que longe vae, em que, para commandar, bastava ser mais bravo que os demais. Agora, é preciso, além disso ser mais instruido.

O caracter e a instrucção, qualidades primordiaes do chefe, devem completar-se. Um chefe ignorante, não poderá deixar de ficar, mesmo que a contra gosto, indeciso e perplexo deante das difficuldades da guerra. Elle se annulará bem depressa.

Sabeis que a guerra, na verdade, não pode ser expressa em fórmulas.

Sem duvida existem os famosos principios. Não os critiquemos, mas saibamos que, em geral, desde as primeiras operações, fica-se surprezo por não mais os reconhecer. As realidades do momento desfiguram-nos de tal forma que se chega a duvidar de sua existencia.

E' assim que durante a grande guerra, os problemas a resolver, fugiam de tal maneira do quadro traçado em tempo de paz que pareciam um desafio ás mais logicas previsões.

E' então necessaria uma gymnastica intellectual extrema para adaptar-se a esses novos problemas. Não é o caso de dizer: Eu vou applicar tal principio.

E' preciso inspirar-se na situação, por em jogo todos os reflexos intellectuaes; em uma palavra: Reflectir.

Uma vez encerrado o trabalho, dir-se-á talvez: appliquei tal principio. Tanto melhor para a doutrina, mas no fundo isso não tem nenhuma importancia. O que é importante é o exito, e para obtel-o, é preciso necessariamente basear a acção na reflexão e portanto, na instrucção pessoalmente adquirida; porque só se raciocina bem quando se tem instrucção.

E' inutil insistir sobre o trabalho, pois estaes convenientes perfeitamente de sua necessidade.

Quanto a nós, nosso papel será, não sómente facil, mas

summamente agradavel, graças á communidade de coração e de espirito, que existe entre officiaes brasileiros e franceses.

E, mais tarde, quando chegados ao declinio da vida, dirigirmos um olhar melancolico para os annos que aqui passamos, diremos: "Foi para nós, um bello periodo, em que vimos satisfeitas todas as nossas aspirações, intellectuaes e moraes, o de nossa estadia no Brasil", e sentiremos a saudade nostalgica de vosso admiravel paiz, a qual só poderá encontrar lenitivo na certeza de ahi termos deixado amigos.

## Revisão dos Regulamentos sobre a Instrucção

A publicação do R. E. C. I. de 1928, derogando grande parte das prescrições do R. I. Q. T., fez com que se tornasse urgente a elaboração de um titulo analogo nos Regulamentos das outras armas que não a Infantaria. Para sanar provisoriamente a falta, varios avisos procuraram harmonizar as cousas, mas até hoje não tiveram as armas a sua instrucção regulada nos moldes do R. E. C. I.

Nunca é demais encarecer as vantagens do Titulo—A Organisação da Instrucção—deste ultimo regulamento. Elle representa, com todos os seus capitulos, um tratado completo de pedagogia militar e tem em seu favor os fructos opimos da experincia. A não ser pequenos reparos, que só os officiaes com larga practica na instrucção normal na tropa poderiam lembrar, somos de parecer que o referido Titulo deve ser mantido integralmente e servir de paradigma aos Regulamentos dos outras armas.

Isso daria ao R. I. Q. T. outro objectivo que não o primitivo. Elle poderia cuidar com mais minucias do Instrucção de Cooperação das Armas (instrucção dos quadros e da tropa), comprehendendo ahi principalmente as Manobras.

A conservação do Titulo — A Organização da Instrucção

do R. E. C. I. é uma necessidade porque só a persistencia constroe, realiza e não podemos estar mudando, sem razões de peso, os processos de trabalho.

Accresce que esse Titulo foi elaborado tendo bem em conta os resultados da experientia havidos com a applicação do R. I. Q. T., de 1920 a 1928 principalmente nos pontos em que este foi modificado.

Assim, por exemplo, muita razão teve o redactor do actual R. E. C. I., Cel. Barrand, quando estabeleceu nova duração dos periodos de instrucção, contrariando o R. I. Q. T. e o proprio regulamento de Infantaria francez. A experientia da tropa tinha demonstrado que os 4 mezes eram muito curtos para que os recrutas fossem tornados mobilisaveis, pois, muito tempo era perdido inicialmente com as incorporações retardadas e a conta-gotta. Além disso, attendeu que os nossos recursos permittiam, de facto, um trabalho util no primeiro periodo, uma vez que todos os corpos tinham meios para realizar a instrucção dos recrutas, ao passo que os periodos de companhia e de batalhão eram muito prejudicados por não haver meios para realizal-os.

Somos pela permanencia do primeiro periodo — de seis mezes. Evitam-se os atropellos, o tempo corresponde bem a massa de ensinamentos que devem ser ministrados, não ha prejuizo nem para a formação e instrucção dos quadros nem para a instrucção de conjunto. Aquella instrucção e formação dos quadros tem o desenrolar muito bem collocado no primeiro periodo. Esta pode ser processada nos ultimos mezes do dito primeiro periodo, continuando no periodo de companhia e coroada nos de batalhão e de manobras.

Isso tudo nos ocorre, porque se falla em modificações do dito Titulo — que ao nosso ver representa real progresso de nossa regulamentação — haurida nas boas fontes dos mestres francezes mas que dellas se deve libertar para bem attender as condições particulares do paiz, como elles são na realidade e não como desejamos que sejam.

# A Economia Mundial

## O que se deve esperar de 1935

OSORIO DUTRA

Consul em Marselha

(Diario Official 8-3-1935)

Forçoso reconhecer que o anno de 1934 se assignalou por varios acontecimentos politicos de uma gravidade excepcional. Retardando a volta á confiança, que ainda agora impede a evolução economica de quasi todos os paizes do mundo, esses acontecimentos representaram o papel de novos factores de indecisão e de pavor, difficultando seriamente as transacções internacionaes. Seja como fôr, porém, não ha duvida que uma tendencia favoravel se manifesta claramente nos algarismos que acabam de ser publicados pelo ultimo Boletim mensal de Estatística da Sociedade das Nações.

Verifica-se, por esse trabalho, que a actividade industrial se apresentou, em outubro de 1933, com um aumento de 20 % na Allemanha, 19 % na Suecia, 15 % na Italia, 9 % na Inglaterra e no Canadá, 8 % na Polonia e 5 % na Noruega. Identica observação pôde ser feita, por outro lado, para o anno de 1934, com referencia á Austria, á Dinamarca, á Tchecoslovaquia e o Chile, notando-se, ao contrario, uma diminuição relativamente a 1933 na França (-13 %), na Hollanda (-5 %) e nos Estados Unidos (-4 %).

No que diz respeito aos preços em grosso, observa-se um aumento de 36 % no Egypto, 17 % na Argentina, 16 % na Hungria, 11 % na Russia, 9 % na Bulgaria, 8 % nos Estados Unidos, 6 % na Dinamarca e na Tchecoslovaquia, 5 % na Allemanha, na Suecia e no Canadá, 3 % na Australia e na Noruega, 1 % na Inglaterra, no Japão e na Austria. O nível dos preços por atacado permaneceu sem variações na Italia, na Finlandia e na Hollanda, baixando de 1 % na Polonia e 12 % na França.

Registra-se por fim, uma alta notável no curso das acções industriaes da maioria das nações. Esse phénomeno tornou-se particularmente sensivel na Austria (mais 38 %), na Suecia (mais 28 %), na Allemanha (mais 19 %), na Inglaterra (mais 16 %) e no Canadá (mais 11 %). Ao contrario, os indices dos valores industriaes baixaram de 27 % na França, de 24 % na Hollanda e de 21 % na Belgica.

Deve-se observar, entretanto, que a essas estatísticas, favoraveis no seu conjunto, se oppõem os dados relativos ao commercio mundial. O valor-ouro deste continuou a descer em 1934, a ponto de não representar

sinão um terço do valor das mercadorias trocadas, em 1929, entre os diversos paizes do globo.

Certo, as numerosas cifras que acabam de ser citadas exigem alguns commentarios. Assignalarei, desde logo, o traço mais caracteristico do periodo actual: a discordancia entre o movimento ascencional de quasi todas as curvas concernentes á actividade economica das diferentes nações e a estagnação, em nível, aliás, muito baixo, da curva das trocas commerciaes entre os povos.

E' fóra de duvida que essa desproporção revela a influencia de tendencias nefastas, que prevalecem, infelizmente ainda, no momento que atravessamos.

Assim, para preparar a transição desta primeira phase de convalescência economica, tão fortemente marcada em tudo, á segunda phase, que será caracterizada pela volta geral dos negocios, as principaes nações do mundo parecem inclinadas a renunciar ás barreiras de toda a sorte que ellas exigiram para defender-se dos seus vizinhos.

Um outro ponto, posto em destaque pelas referidas cifras, merece tambem ser estudado.

E' facil observar, examinando-se as estatisticas em apreço, que as principaes nações do mundo se dividem em dous grupos, cuja evolução economica se accentua de uma maneira muito distinta.

Contrariamente á tendencia geral, quasi todos os indices dos paizes que constituem o bloco-ouro continuaram a declinar durante o anno de 1934. Esta baixa representa, de algum modo, a contra-partida — dolorosa, mas inevitável — da fidelidade desses paizes á estabilidade monetaria.

Pouco importa no caso as razões que militam contra uma politica de facilidade e de abandono. Pouco importa, tão pouco, justificar a attitude das cinco potencias que persistem na pratica da politica monetaria que elles resolveram adoptar. O que não ha duvida é que os indices dos preços de exportação dos paizes em questão não cessaram de baixar de um anno para cá — isso em virtude do alto valor attingido pelas suas moedas. De resto, si assim não fosse, mais ainda teriam diminuido, na França principalmente, as transacções com as nações que abandonaram o "etalon" ouro.

A crise economica que abalou todo o mundo chegou ao seu ponto culminante em 1932. Marcará o anno de 1935 a volta dos negocios á normalidade?

E' mais forte a crise em questão nos paizes do bloco ouro?

Pretendem os economistas franceses que o facto se explica por motivos de ordem psychologica e que muito breve recolherão esses paizes os fructos da attitude que assumiram. Só o tempo nos dirá de que lado está a razão.

## CASTELLO DE CARTAS

A declaração da Allemanha, rompendo com as obrigações de ordem militar que lhe impunha o tratado de Versalhes jogou por terra um castello de cartas que durará já demais.

Mais uma vez se evidencia a transitoriedade das convenções e dos tratados, mesmo quando elles se apoiam na força e na violencia dos vencedores. Mais uma vez se verifica que não ha sancção moral que obrigue as nações aos compromissos assumidos por força de interesses ou de imposições momentaneas.

Caem por terra os sonhos dos idealistas de Genebra e de Lucarno que pensaram poder reter nas dobras dos cadernos de papel os sentimentos de soberania e os melindres de um povo realmente forte.

A reacção allemã, que sempre existiu, não pode causar espanto. E' um phenomeno natural, embora prejudicial á paz do mundo e que, de qualquer modo, ocorreria mais cedo ou mais tarde.

O gesto de Hitler é, portanto, perfeitamente explicavel.

A situação de inferioridade, criada para a Allemanha, em consequencia daquelle tratado, não tinha nenhum fundamento jurídico, ou moral, pois que era só e só uma imposição de vencedores. O direito de armar-se, que assiste á Allemanha, é o mesmo que a França ou a Inglaterra podem allegar. As faculdades que integram a soberania de uma nacionalidade são as mesmas em todos os paizes e sob todas as latitudes, nem se pôde conceber uma *capitis diminutio*, como resultado eterno de uma derrota militar.

E' interessante observar como as palavras conseguem ter mais efecto do que os factos. Durante annos seguidos, principalmente depois da ascensão do nacional socialismo ao governo, a Allemanha vem aumentando de maneira sensivel todos os seus recursos bellicos, desde os effectivos até os mais pôderosos elementos da offensiva chimica.

Esse facto ficou mil vezes comprovado e ainda no anno passado os orçamentos do Ministerio da Defesa do Reich foram elevados a mais de 50 %, com o objectivo que ninguem tentava disfarçar de collocar o paiz em condições de fazer a guerra. Pois bem, o facto não lograva commover os espiritos. Bastou, porém, que um decreto desse existencia oficial ás forças aereas, ao exercito, e ao serviço militar obrigatorio, para que um arrepió de susto percorresse o universo. E' impossivel deixar-se de reconhecer de certo modo a justiça do acto praticado pelo chanceller Hitler. As clausulas do Tratado de paz que prohibiam a Allemanha de possuir um exercito superior a cem mil homens e forças aereas não eram unilateraes. Para equilibrar-as o "Convenant" da Liga das Nações obrigava os demais paizes signatarios do tratado a se desarmarem. Longe de obe-

decer a essas clausulas, as nações vencedoras, contrariando o pensamento livremente aceito por elles, multiplicaram os seus recursos bellicos, enquanto os Estados vencidos se viam na humilhante contingencia de submitter-se á situação de inferioridade politica e moral que os outros lhes impunham. O general Blomberg, ministro da Guerra do Reich, no discurso que pronunciou na ceremonia celebratoria do decreto do dia 16, observou que a derrota não é um acto definitivo, que deva reduzir para sempre o paiz á ruina, sujeitando-o a uma irremediavel inferioridade.

Durante os 17 annos que nos separam do Armisticio, a Allemanha pode restabelecer-se de quasi todas as consequencias da catastrophe. Retomou a sua posição antiga em todos os ramos das actividades civilizadoras e, sentindo-se agora bastante forte, desamarrou-se num gesto varonil das algemas injustas com que os antigos adversarios a mantinham manietada. Se os outros signatarios do Tratado de Versailles tivessem cumprido as clausulas do desarmamento, não haveria hoje no mundo ambiente moral para o gesto que o sr. Hitler acaba de praticar. Deixando de cumpril-as, os paizes vencedores implicitamente justificam a attitudde do governo allemão. As consequencias do decreto que legaliza a existencia do exercito e dos armamentos da Allemanha podem ser rui-nosas.

Não estamos longe de acreditar que o serão, em vista da quasi impossibilidade de um acordo de desarmamento, e portanto, da quasi cer-teza de que as nações se lançarão no caminho das mais odiosas com-pe-tições em materia de recussoes bellicas.

A reacção da imprensa e dos homens responsaveis, que através della têm falado, já nos deixa pensar no que será o dia de amanhã, quando, desilludidos de um acordo de segurança mutua, os povos se voltarem outra vez para as proprias armas, contando apenas com ellas para a de-fesa dos seus interesses.

Já se annuncia que a Grã-Bretanha, a Russia e os Estados Unidos resolvem augmentar os respectivos exercitos, enquanto a França e a Italia se precam por todos os modos contra as surpresas de um novo conflicto.

Vae nisso tudo uma prudente lição para os paizes romanticos, des-cuidados da propria segurança. Que meditem sobre ella os nossos esta-distos e intellectuaes, que assumem a tarefa de orientadores das massas. Que se esqueçam de proporcionar ao Brasil as condições de segurança de que precisa para viver.

---

### Notas sobre o emprego da Artilharia

*Major Verissimo - 10\$000*

## Formulario para os Conselhos de Justiça Regimentaes (Desertores e insubmissos)

No FORMULARIO publicado na "A Defesa Nacional" do mes de Abril do corrente anno, numero 251, leia-se:

Pagina 428 (Termo n.<sup>o</sup> 12 — assignaturas):

F.....	(Presidente do Conselho)
F.....	(Relator do Conselho)
F.....	(Juiz)
F.....	(Reu)
F.....	(Cmt. de cia. ou advogado)

Pagina 428 (Termo n.<sup>o</sup> 13 — assignatura):

F.....	Sargento, servindo de escrivão.
--------	---------------------------------

Pagina 430 (Sentença n.<sup>o</sup> 15 — assignaturas):

F.....	(Presidente do Conselho)
F.....	(Relator do Conselho)
F.....	(Juiz)
F.....	(Juiz)

Pagina 433 (Juntada n.<sup>o</sup> 10):

— Formulario — Bol. Ex. 344, de 1926, pags. 831 e 832.

Pagina 434 (Rubrica n.<sup>o</sup> 21):

— Art. 109, letra k, do C. J. M.

Pagina 445:

— Art. 121 — Aos reformados e invalidos, que se acharem em serviço activo, serão extensivas as disposições deste Capitulo em tudo que lhes possa ser applicavel.

Ficam assim feitas as necessarias correccões ao Formulario.

## REPRESENTANTES

## ESTABELECIMENTOS E REPARTIÇÕES MILITARES

- |  |   |
|--|---|
| Gab. M. G. — Maj. Ribas Junior.                            | C. S. N. — 1. <sup>o</sup> Ten. Pondé Sobrinho. |
| E. M. E. — Cap. Joaquim Dutra.                             | M. M. F. — 1. <sup>o</sup> Ten. Reginaldo de    |
| D. P. E. — Cap. Boanerges L. Cezar                         | M. Hunter.                                      |
| 1. <sup>o</sup> Gr. Regiões — Ten. Geraldo L.              | 2. <sup>o</sup> Gr. Regiões —                   |
| do Amaral.   | D. C. — Cap. Janduy Toscano de                  |
| Dir. M. B. — 1. <sup>o</sup> Ten. J. Duque Es-             | Britto.   |
| trada.   | Dr. E. — Maj. Procopio de S.                    |
| Dir. Av. — Maj. Archimedes Cor-                            | Pinto.  |
| deiro.   | Dir. Remonta —                                  |
| Deposito R. de Monte Bello — Cap.                          | Dir. I. G. — 1. <sup>o</sup> Ten. José Salles.  |
| Enok Marques.  | S. Goeg. Rio —                                  |
| S. Geog. P. Alegre —                                       | S. Radio —                                      |
| S. Saúde —   | S. Veterinario —                                |
| Dist. A. Costa — 1. <sup>o</sup> Ten. Roberto              | Q. G. 1. <sup>a</sup> R. M. — Cap. João Ri-     |
| Pessôa.  | beiro.  |
| Q. G. 2. <sup>a</sup> R. M. — 1. <sup>o</sup> Ten. Luiz B. | Q. G. 3. <sup>a</sup> R. M. — Major Oscar B.    |
| Condado.   | Falcão.   |
| Q. G. 4. <sup>a</sup> R. M. — Cap. Samuel Pi-              | Q. G. 5. <sup>a</sup> R. M. — Cap. J. B. Ran-   |
| res.   | gel.  |
| Q. G. 6. <sup>a</sup> R. M. — Maj. Lopes da                | Q. G. 7. <sup>a</sup> R. M. — Cap. M. O'        |
| Costa.   | Reilly de Souza.                                |
| Q. G. 8. <sup>a</sup> R. M. —                              | Q. G. 9. <sup>a</sup> R. M. — Cap. Olivio       |
| E. E. M. — Cap. Pedro Geraldo.                             | Bastos.   |
| Direcção E. Armas — Cap. J. B.                             | E. Inf. — Cap. José Adolpho Pavel               |
| Mattos.  | E. Cav. — Cap. Horacio Garcia.                  |
| E. Art. — 1. <sup>o</sup> Ten. L. Rocha Santos             | E. Eng. — Cap. Luiz Bettamio.                   |
| C. I. T. — 2. <sup>o</sup> Ten. Milton R. Vieira.          | E. Tehcnica — Cap. Jandyr Galvão                |
| E. Av. M. — 1. <sup>o</sup> Ten. J. C. Albernaz            | C. I. A. Costa — Major J. Bina                  |
| E. M. — Cap. Geraldo Côrtes.                               | Machado.  |
| E. E. Ph. E. — Maj. Raul Vascon-                           | E. Int. — Cap. Aquino Granja.                   |
| cellos.  | E. Vt. E. —                                     |
| C. A. S. I. — 1. <sup>o</sup> Ten. Taltibio de             | C. M. R. J. — Cap. Augusto Se-                  |
| Araujo.  | vilha.  |
| C. M. P. A. — 1. <sup>o</sup> Ten. Armando                 | C. M. Ceará —                                   |
| Vianna.  | Fab. P. I. — Cap. Britto Junior.                |
| Fab. P. S. F. — Cap. Pompeu                                | Fab. P. A. — 1. <sup>o</sup> Ten. J. Carlos Ri- |
| Monte.   | beiro.  |
| S. Subsistência —  | C. Fuz. Navaes — Ten. Cândido                   |
|  | da Costa Aragão.                                |

## TROPA

## Infantaria

- |  |   |
|--|---|
| 1. <sup>a</sup> Bda. I. —  | Btl. Guardas — 1. <sup>o</sup> Ten. Aymar de Lima.                          |
| Btl. Escola — 1. <sup>o</sup> Ten. Augusto Presgrave.                | 1. <sup>o</sup> R. I. — Cap. Souza Aguiar.                                  |
| 2. <sup>o</sup> R. I. — 2. <sup>o</sup> Ten. Dilermando G. Monteiro. | 3. <sup>o</sup> R. I. — 1. <sup>o</sup> Ten. Anthero de Almeida.            |
| 4. <sup>o</sup> R. I. — 1. <sup>o</sup> Ten. Paulo A. de Miranda.    | 5. <sup>o</sup> R. I. e I Btl. — Ten. Oscar Bandeira de Mello.              |
| II/5. <sup>o</sup> R. I. — 1. <sup>o</sup> Ten. Luiz M. Chaves.      | III/5. <sup>o</sup> R. I. — 1. <sup>o</sup> Ten. Alcides P. Coelho.         |
| 6. <sup>o</sup> R. I. — Cap. Ary Ruch.                               | I/6. <sup>o</sup> R. I. — Cap. João L. Camara Filho.                        |
| 7. <sup>o</sup> R. I. — Cap. Gilberto V. de Carvalho.                | 8. <sup>o</sup> R. I. e II Btl. — 1. <sup>o</sup> Ten. O. Aveline da Silva. |
| I/8. <sup>o</sup> R. I. — Cap. Felicissimo de A. Aveline.            | 9. <sup>o</sup> R. I. e II Btl. — 1. <sup>o</sup> Ten. Almir L. Furtado.    |
| I/9. <sup>o</sup> R. I. — 1. <sup>o</sup> Ten. Edson Vignoli         | 11. <sup>o</sup> R. I. — 1. <sup>o</sup> Ten. Luiz de Faria.                |
| 10. <sup>o</sup> R. I. — 1. <sup>o</sup> Ten. A. J. Corrêa da Costa. | 12. <sup>o</sup> R. I. Cap. Nilo Chaves.                                    |
| 13. <sup>o</sup> R. I. — Asp. Heitor Vasconcellos.                   | I/13. <sup>o</sup> R. I. — Cap. Irapuan S. Freitas.                         |
| 1. <sup>o</sup> B. C. — Cap. Nizo Montezuma.                         | 3. <sup>o</sup> B. C. — Ten. Moacyr L. R. zende.                            |
| 2. <sup>o</sup> B. C. — Ten. Marcio Menezes                          | 5. <sup>o</sup> B. C. — Cap. Dacio Cezar.                                   |
| 4. <sup>o</sup> B. C. — Cap. Carlos Coelho Cintra.                   | 7. <sup>o</sup> C. B. — Ten. Nelson do Carmo.                               |
| 6. <sup>o</sup> B. C. —  | 9. <sup>o</sup> B. C. — Ten. Domingos Jorge Filho.                          |
| 8. <sup>o</sup> B. C. — Ten. Ramão Menna Barreto.                    | 13. <sup>o</sup> B. C. — Ten. Gutemberg A. de Miranda.                      |
| 10. <sup>o</sup> B. C. — Cap. Ernesto L. Machado.                    | 15. <sup>o</sup> B. C. — Cap. H. A. Castello Branco.                        |
| 14. <sup>o</sup> B. C. — Cap. Risoletto Barata de Azevedo.           | 17. <sup>o</sup> B. C. — Cap. Armando Lustosa M. Barroso.                   |
| 16. <sup>o</sup> B. C. —   | 19. <sup>o</sup> B. C. — Ten. Murillo V. Moreira.                           |
| 18. <sup>o</sup> B. C. — Cap. José B. Araujo Sobrinho.               | 21. <sup>o</sup> B. C. — Ten. José R. da Rocha.                             |
| 20. <sup>o</sup> B. C. — Cap. Guilherme Jan-sen Filho.               | 23. <sup>o</sup> B. C. —  |
| 22. <sup>o</sup> B. C. — Ten. Manoel C. Netto.                       | 25. <sup>o</sup> B. C. — 1. <sup>o</sup> Teu. André Monteiro.               |
| 24. <sup>o</sup> B. C. — Ten. A. C. Collares Mo-reira.               | 27. <sup>o</sup> B. C. — Cap. Mario da S. Ma-chado.                         |
| 26. <sup>o</sup> B. C. — Cap. Edgard Albuquer-que Maranhão.          |   |

28.<sup>o</sup> B. C. — Ten. José de Britto | 29.<sup>o</sup> B. C. — Ten. Clovis de Magalhães Gomes.

## Cavallaria

R. Andrade Neves — Ten. Sady T. Cirne.	1. <sup>o</sup> R. C. D. — Cap. Cyro R. de Rezende.
2. <sup>o</sup> R. C. D. — 2. <sup>o</sup> Ten. José P. Oliveira.	IV/2. <sup>o</sup> R. C. D. — Ten. João de Deus Cruz.
3. <sup>o</sup> R. C. D. —	4. <sup>o</sup> R. C. D. — Ten. Leonel J. Serra.
5. <sup>o</sup> R. C. D. — Ten. Luiz M. R. Valença.	1. <sup>o</sup> R. C. I. —
2. <sup>o</sup> R. C. I. —	3. <sup>o</sup> R. C. I. —
4. <sup>o</sup> R. C. I. — Ten. Agenor Medeiros Martins.	5. <sup>o</sup> R. C. I. — Major Sergio Corrêa da Costa.
6. <sup>o</sup> R. C. I. —	7. R. C. I. —
8. <sup>o</sup> R. C. I. — Cap. José R. Arruda.	9. <sup>o</sup> R. C. I. — Cap. Marcos M. de Azambuja.
10. <sup>o</sup> R. C. I. — Ten. Lauro R. F. da Silva.	11. <sup>o</sup> R. C. I. — Ten. Celso Monteiro
12. <sup>o</sup> R. C. I. — 1. <sup>o</sup> Ten. Carlos Braga Chagas.	13. <sup>o</sup> R. C. I. —
	14. <sup>o</sup> R. C. I. — Ten. Edson Condessa.

## Artilharia

Grupo Escola — Ten. Waldyr de B. Azevedo.	1. <sup>o</sup> R. A. M. — Cap. Edgard Marcondes Portugal.
2. <sup>o</sup> R. A. M. — Ten. Ilton da Fontoura.	4. <sup>o</sup> R. A. M. — Cap. João C. da Fonseca.
5. <sup>o</sup> R. A. M. — Ten. Antonio Lemos Filho.	6. <sup>o</sup> R. A. M. — Cap. Lourival Dederlin.
8. <sup>o</sup> R. A. M. — Ten. J. Omrife de Souza.	9. <sup>o</sup> R. A. M. — Cap. Arthur da Costa Seixas.
1. <sup>o</sup> G. A. Do. — Ten. Celso Araripe.	2. <sup>o</sup> G. A. Do. — Asp. Jonathas P. Lisboa.
3. <sup>o</sup> G. A. Do. — Ten. Maury P. Lima.	4. <sup>o</sup> G. A. Do. — Ten. Fernando Coelho.
5. <sup>o</sup> G. A. Do. — Ten. Henrique M. R. Mello.	1. <sup>o</sup> G. O. — Ten. Francisco de A. Gonçalves.
2. <sup>o</sup> G. O. — Cap. João C. da Fonseca.	3. <sup>o</sup> G. O. — Ten. Eduardo Barros.
R. A. Mx. — Ten. Augusto C. do Nascimento.	1. <sup>o</sup> G. A. Cav.
3. <sup>o</sup> G. A. Cav.	2. <sup>o</sup> G. A. Cav. — 1. <sup>o</sup> Ten. Alberico Cordeiro.

4.º G. A. Cav. — Ten. José M. Mourão.	5.º G. A. Cav. — Ten. Edson de Figueiredo.
6.º G. A. Cav. —	Fort. Santa Cruz — Ten. Mauricio E. Pereira.
Fort. S. João — Ten. Micaldas Corrêa.	Fort. de Itaipú — Cap. Dr. Vouzela.
Fort. de Obidos — Cap. Ascendino de A. Lins.	Fort. de Coimbra —
Fort. de Copacabana — Ten. Flamalion P. de Campos.	Fort. do Vigia — Cap. Fernando Bruce.
Fort. de S. Luiz. —	Fort. de Imbuhy —
Fort. Mal. Hermes — 1.º Ten. Francisco X. Marques.	Fort. Mal. Luz. —
Fort. da Lage — Ten. Americo Ferreira da Silva.	Fort. Mal. Moura. —

## Engenharia

Unidade Escola —	1.º Btl. Transm. — Asp. Eduardo D. Oliveira.
2.º B. Sap. — 1.º Ten. Sebastião V. de Moraes.	3.º B. Sap. — Ten. Luiz Pessôa.
4.º B. Sap. — Major Abacilio F. dos Reis.	1.º B. Pnt. — Asp. Edgard Soter da Silveira.
2.º B. Pnt.	1.º Btl. F. V. —

## Aviação

1.º R. Av. — Ten. Oswaldo C. de Lima.	2.º R. Av. —
4.º R. Av. —	3.º R. Av. — Ten. Herminio V. de Carvalho.
5.º R. Av. — Ten. Jocelin B. Brasil	

## Reserva

C. P. O. R. 1.º R. M. — Ten. Nelson R. de Carvalho.	C. P. O. R. 2.º R. M. — Ten. Nestor Tanes.
Pol. Mil. D. F. — Major Joaquim M. Amorim.	F. P. de S. P. — Major José Maria dos Santos.
Pol. Mil. da Bahia — Cel. Philadelpho Neves.	

MINISTERIO DA GUERRA

# CONFEDERAÇÃO COLOMBOFILA BRASILEIRA

CREADA  
PELO DECRETO  
N. 22.894  
DE 6 DE JULHO DE 1933



REGULAMENTADA  
PELO DECRETO  
N. 23.905 DE 22 DE  
FEVEREIRO DE 1934

BOLETIM

OFICIAL

ANNO II

MARÇO — 1935

N.º 12

## Ata da decima setima sessão de Diretoria da Confederação Colombofila Brasileira.

A's dezeseis horas do dia dezenove de janeiro de mil novecentos e trinta e cinco, reuniu-se em sua séde a Diretoria da Confederação Colombofila Brasileira, composta dos Snrs.: Major Arthur Joaquim Pamphiro, Presidente; Major Fernando do Nascimento Fernandes Távora, Vice-Presidente Militar; Dr. Roberto de Freitas Lima, Vice-Presidente Civil; Capitão Luiz de Figueiredo Lobo, Primeiro Secretario; Dr. Antonio Gomes de Mattos, Segundo Secretario; e Dr. Leonidio Ribeiro, Segundo Tesoureiro, representados pelo Sr. Vice-Presidente Civil. Estando presente a maioria dos membros, a Diretoria passou a deliberar. Aberta a sessão pelo sr. Presidente, o Sr. Primeiro Secretario lê a ata da sessão anterior que é aprovada. No expediente foram lidos varios documentos, enviados á C. C. B., assim como, as cópias das respectivas respostas que ficaram arquivadas na Secretaria. Dentre os documentos enviados destacam-se: Resposta do Dr. Antonio Gomes de Mattos ao oficio que lhe foi dirigido pela Diretoria da C. C. B., convidando-o a assumir o cargo de Primeiro Tesoureiro: "Rio 24 de dezembro de 394 — Snr. Presidente da Confederação Colombofila Brasileira — Atenciosos cumprimentos — Respondendo o oficio n. 157, de 21 do corrente, dessa Confederação, cabe-me agradecer o honroso convite para assumir o cargo de 1.º Tesoureiro da mesma, pedindo, entretanto, a V. S. dispensar-me de tal cargo, pelo fato de ser uma função muito trabalhosa á qual os meus afazeres forçosamente irão um pouco sacrifical-a. Comtudo, não desejando deixar-vos em dificuldades, e, si por ventura não vos fôr facil minha substituição,

não trepidarei em ceder, tendo em vista corresponder ás inumeras gentilezas que tenho recebido de V. S. e demais companheiros de Diretoria. Aproveitando o ensejo reitero a V. S. os protestos de alta estima e distinta consideração (a) Antonio Gomes de Mattos. Oficio n. 988 de.... 28-XII-934 do Snr. Cmt. do 7.<sup>o</sup> R. C. I. solicitando filiação do pombal daquele Regimento á C. C. B. Oficio n. 18 do Clube Colombofilo Carioca solicitando providencias no sentido de serem fornecidas ao Clube, quatrocentos anilhas para o ano de 1935. Oficio s/n. da Sociedade Colombofila Luso-Brasileira de 17-XII-934 pleiteando de acordo com o Regulamento sobre protecção ao pombo correio, a eliminação de aves de rapina. Oficio s/n. da Sociedade Colombofila Luso-Brasileira solicitando informações sobre distribuição de anilhas para o ano de 1935. Oficio s/n. da Sociedade Colombofila Luso-Brasileira de 17-XII-934 comunicando que o associado Isaac Mendes desfez-se de alguns pombos, conforme discriminação apresentada. Oficio s/n. da Sociedade Colombofila Luso-Brasileira de 17-XII-934 comunicando que o socio Antonio Silva deixou de criar pombos definitivamente e dando o destino das aves que pertenciam ao referido Senhor. Oficio n. 918 da Secção Colombofila da Sociedade Brasileira de Avicultura remetendo a relação dos socios possuidores de anilhas da C. C. B. — 1934. Pela Diretoria foram tomadas as seguintes deliberações, referentes aos ofícios acima citados — 1.<sup>o</sup>) — Oficiar ao Dr. Benjamim Rangel convidando-o a assumir o cargo de Primeiro Tesoureiro. 2.<sup>o</sup>) — Aguardar a resolução do Snr. Ministro da Guerra sobre a sugestão apresentada pela Diretoria sobre filiação de pombas militares, afim de decidir sobre o pedido feito pelo Snr. Cmt. do 7.<sup>o</sup> R. C. I. — 3.<sup>o</sup>) — Providenciar os meios para um serviço de propaganda no sentido dos caçadores auxiliarem a eliminação das aves de rapina, e procurar entendimento com a Diretoria de Aviação, para que, os aviões militares em exercício, abatam as referidas aves, á semelhança do que se efetua em outros Paizes. Ficou resolvido ainda, enviar um oficio a Diretoria de Aviação solicitando informações sobre os prospectos de propaganda dos pombos correios que lhes foram enviados para distribuição pelos aviões militares em vôo. Em seguida o Snr. Primeiro Secretario apresenta á Diretoria, para deliberação, uma proposta, segundo a qual, "nenhum membro da Diretoria poderia se fazer representar em sessão da mesma". A Diretoria resolve aprovar a proposta, com a emenda apresentada pelo Snr. Presidente segundo a qual, "nenhum membro da Diretoria poderia se fazer representar em sessão da mesma, a não ser com autorização previa da Diretoria". Em seguida o Snr. Vice-Presidente Civil comunica que foram fornecidas as anilhas para 1935 de numero um a quatrocentos, para o Clube Colombofilo Carioca, e vendidas quinhentas anilhas, de numeros quatrocentos e um a novecentos, á Sociedade Colombofila Luso-Brasileira. Comunica ainda, a entrada do ma-

terial de expediente encomendado á firma Marques Araujo. E nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão, da qual eu, Cap. Luiz de Figueiredo Lobo, Primeiro Secretario lavrei a presente ata, que vai por mim assinada, assim como, pelos demais membros presentes á sessão.

Rio de Janeiro, 21 de março de 1935.

(aa) Cap. LUIZ DE FIGUEREDO LOBO — 1.<sup>º</sup> Secretario  
 Maj. ARTHUR JOAQUIM PAMPHIRO — Presidente  
 Maj. FERNANDO DO NASCIMENTO FERNANDES TAVORA —  
 Vice-Presidente  
 Dr. ROBERTO DE FREITAS LIMA — Vice-Presidente Civil.

MATERIAL A VENDA NA SEDE DA C. C. B.

Anilhas de alumínio para o ano de 1935 .....	(Mil)	150\$000
Anilhas de borracha para concursos.....	(500)	35\$000
Livros: Atas, Borrador, Caixa, Diário, Copiador, Entradas e saídas de materiais.....	(Total)	309\$000
Impresso modelo n. 1.....	(10 folhas)	1\$000
Impresso modelo n. 2.....	(10 folhas)	1\$000
Impresso modelo n. 7.....	(10 folhas)	1\$000
Impresso modelo n. 8.....	(10 folhas)	1\$000
Impresso modelo n. 9.....	(10 folhas)	1\$000
Impresso modelo n. 15.....	(10 folhas)	2\$000
Impresso modelo n. 17.....	(10 folhas)	1\$500
Cadernetas modelo n. 4.....	(Uma)	4\$500
Assinatura da "A Defesa Nacional", órgão oficial.....	(ano)	18\$000
Manual Colombofilo Brasileiro.....	(Um)	8\$000
Os pombos e a defesa nacional.....	(Um)	3\$000
	(Mais \$800 pelo correio).	
Regulamento da Confederação Colombofila Brasileira..	(Um)	2\$000